



RUTINA U.

**EU QUERIA
TANTO,
AINDA VIVER**

RŪTIŃA ŪPĪTE
(RUTA)

EU QUERIA TANTO AINDA VIVER

Curitiba
2020

Tradução (Original, 1983)

Yolanda Mirdza Krievin

Revisão, Digitalização e Edição 2020-2024

Andreis Purim

Desenho da Capa (Original, 1983)

Harijs Gricevičs

Copyright

© "GRĀMATU DRAUGS"

No Brasil, todos os direitos reservados à
"COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA LETÃ DO BRASIL"
Rua Constantino de Souza, 539 - Brooklin Paulista CEP
04605 - São Paulo-SP

PREFÁCIO

A autora deste livro — com apenas 14 anos de idade — foi, junto com sua mãe, avó e irmãs de doze e nove anos respectivamente, deportada para a Sibéria no dia 14 de junho de 1941.

Sua avó morreu já no primeiro inverno e a mãe, no ano seguinte. No ano de 1946, as meninas, enfraquecidas pela fome, frio e trabalho forçado, receberam autorização para regressar à pátria, mas, depois de alguns poucos anos — dessa vez junto com o pai — foram novamente deportadas para a Sibéria. Ali o pai foi acusado de traição contra o Estado Soviético, e condenado à morte, sentença logo após "amenizada" para vinte e cinco anos de trabalho forçado. Em 1956, a sentença foi comutada e o pai com as meninas, todas sofrendo de tuberculose, voltaram à Letônia. Ruta morreu dentro de pouco tempo, deixando estas anotações como testemunho dos sofrimentos, de sua vida e juventude totalmente destruídas.

Ao ler estas anotações, é preciso levar em conta que foram escritas por uma jovem que pouco frequentou a escola, razão pela qual não se pode esperar uma linguagem absolutamente perfeita. Para que a narrativa não fosse prejudicada em seu espírito, o manuscrito só foi corrigido onde os erros e a falta de ordem eram muito evidentes.

A história de Ruta e suas provações foi preparada para a publicação logo depois que o manuscrito saiu da Letônia em 1967. Todavia, nessa ocasião, seu pai foi convocado pela polícia secreta e ameaçado de represálias, caso a história da filha fosse publicada. A polícia secreta evidentemente acompanhara a correspondência do pai com amigos no mundo livre, na qual, ainda que veladamente, fora mencionada a intenção de publicar o livro.

Quando o portador do manuscrito tornou a visitar a Letônia, como turista, também foi interrogado pela polícia secreta, a qual exigia a devolução do mesmo.

Depois de algum tempo, os amigos no mundo livre — cumprindo a vontade de Ruta — resolveram publicar a trágica história de seus sofrimentos. Mas será que isso não resultaria em novas represálias e sofrimentos para o seu

pai de setenta e oito anos de idade? Será que as belas palavras da Declaração de Helsínque¹, garantindo a troca livre de informações, não passariam de palavras?

Este livro deverá ser para nós a memória viva de todos os acontecimentos do passado, que jamais serão esquecidos, por mais que o nosso mundo livre tente esquecer e esconder.²

¹ (Nota do Revisor) A Declaração de Helsínque de 1975, assinado por todos os países da Europa - inclusive a União Soviética - ditavam que os países no acordo deveriam “Respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais, incluindo a liberdade de pensamento, consciência, religião ou crença” e os “Direitos iguais e autodeterminação dos povos” (ambos em tradução livre). A União Soviética, não só continuou o seu desrespeito por direitos humanos e liberdade como não respeitou os direitos de autodeterminação da Letônia até a queda do sistema soviético em 1990.

² (Nota do Revisor) Vale a pena lembrar que, quando a versão traduzida foi publicada em 1983, a Letônia ainda estava sob controle soviético. O “mundo livre” frequentemente ignorava os países ocupados pela União Soviética e tentava esconder algumas de suas ações relacionadas à isso. No caso do Brasil, por exemplo, a Embaixada da Letônia continuou funcionando mesmo após a Letônia ser ocupada em 1940. Em 1963, o governo brasileiro recebeu um pedido da União Soviética para fechar a Embaixada “rebelde” da Letônia - ela foi fechada à força e o embaixador passou a viver como refugiado.

1941

Depois de uma maravilhosa infância passada sem preocupações, surgiu na minha vida e na de minha família uma nova página escrita em letras de sangue — o ano de 1941. Aquele ano ficará para sempre na memória da nação letã, pois foi o ano de nossa destruição. Os comunistas levaram à força milhares de pessoas para as taigas e os campos de trabalho forçado da Sibéria. Sujeitos a torturas e humilhações, muitos perderam a vida.

Uma porção diminuta dos que foram deportados retornou à terra natal em 1946. Era constituída na maioria de crianças órfãs cujos pais haviam morrido. As que ainda tinham os pais vivos, continuaram definhando naquele estranho lugar de torturas. Mas essas também, uma a uma, partiram para a eternidade e pouquíssimas ficaram entre os vivos.

Constituem uma grande congregação de sofredores inocentes. Suas feridas jamais cicatrizarão.

NOSSO APRISIONAMENTO NA CASA DE PRAIA DE RIGA

O terrível dia de 14 de junho de 1941 raiou sombrio e chuvoso. Todos pareciam deprimidos, como se já percebessem o que iria acontecer.

A noite inteira ouvimos automóveis passando com inusitada frequência, mas não sabíamos a razão. Após o café da manhã acompanhei minha mãe ao mercado para fazer compras. Na rua vimos os caminhões lotados de pessoas e malas. Mulheres e crianças choravam e gritavam. De uma pensão fizeram sair um grupo de pessoas que foram acomodadas num dos veículos. Alguns dos homens tinham as mãos amarradas às costas. Penso que tentaram resistir. Por toda parte era grande o nervosismo e a confusão.

Encontramos nossa tia K., que estava muito nervosa. Contou que a noite toda houve prisões. Um sentimento de incerteza me fez voltar para casa. Em nossa rua percebi um caminhão com soldados da polícia secreta. Sobre a cabine do motorista encontrava-se agachado, com a arma engatilhada, um jovem, esbelto, de cabelos revoltos, a capa desabotoada. O caminhão passava devagar

pela rua, examinando os números das casas, à procura de um determinado endereço.

Desejei que passassem depressa por nossa casa para acabar com toda aquela ansiedade.

Então, de repente, o caminhão parou bem em frente ao nosso portão. Um homem alto gritou uma ordem e todos pularam do caminhão.

Por um instante fiquei atordoada, sem forças até para mexer as pernas. Estava tão nervosa que comecei a tremer, como se tivesse febre. Então, recobrando-me, voltei correndo para a companhia de minha mãe, que também já vinha voltando.

Entramos no jardim que fora tomado pelos guardas. Perguntaram onde se encontrava meu pai. Não acreditando que não estivesse em casa, procuraram-no por toda parte.

Não tendo encontrado a quem procuravam, ordenaram-nos que pegássemos as coisas necessárias e que os acompanhássemos, mas não disseram para onde nos levariam. Eram oito os nossos guardas: um militar letão, três judeus e quatro mongóis. O militar que se chamava Kaugars tratou-nos com educação e bondade. Arrumamos nossas coisas em malas, sacos e cestos.

Os guardas insistiam para que nos apressássemos. Já dentro do caminhão, vimos passar nosso primo. Ele nos viu e entendeu o que havia acontecido.

PASSAGEM RÁPIDA POR RIGA

Em Riga, percebemos que a deportação estava se processando de maneira muito mais intensa. Eram muitos os caminhões e guardas que conduziam os prisioneiros. Levaram-nos para casa. Encontramos a vovó muito aflita, pois aqueles mesmos homens já haviam estado ali na noite anterior — arrombaram a porta, entraram na casa e revistaram os quartos à procura de meu pai.

Apressadamente arrumamos nossas coisas, mas a pressa atrapalhava, pois o que um colocava na mala, outro retirava achando que não seria necessário. Nesse meio tempo os homens da Tcheca revistaram a mesa de trabalho do papai, lendo cartas. Um deles ligou o rádio para que ninguém ouvisse nossos gemidos. Atravessei a rua correndo para falar com nossa babá já velhinha. Ela me trouxe de volta, chorando sentidamente. Apanhei uma fotografia de papai que se encontrava sobre minha mesa e me despedi do meu quarto.

Saindo da casa, tive a certeza forte de que, ainda uma vez, mesmo depois de muitos anos, eu tornaria a voltar à Letônia.

Dentro do caminhão vimos que muitas pessoas nos olhavam tristemente das janelas. O motor deu partida e nos afastamos da casa onde havíamos nascido, crescido e passado muitos momentos agradáveis e inesquecíveis. Foi o momento mais triste de nossa partida, pois só então percebemos e entendemos o que estava acontecendo. Enquanto nos afastávamos de nosso lar, o coração se apertou e as lágrimas velaram nossos olhos.

EM VAGÕES GUARDADOS PELA TCHECA

Levaram-nos para a estação comercial de Tornakalns, mas não fomos aceitos porque os vagões já estavam lotados. Então nos levaram para Skirotava, onde descemos do caminhão. Encontrava-se ali, à espera dos passageiros, um comboio de muitos vagões com grades. Fomos empurrados para dentro de vagões destinados ao transporte de gado e acomodados em um vagão no meio do trem, onde encontramos algumas pessoas conhecidas.

O vagão tinha quatro camas beliche. Duas em cada ponta. Mas éramos mais de trinta pessoas.

Considerando que os melhores lugares já estavam ocupados, acomodamo-nos em uma das camas de baixo e colocamos nossas coisas embaixo delas.

Alguns haviam trazido muita coisa: grandes cestos, malas, sacos. O vagão estava superlotado. Era difícil mudar de posição, quase impossível. O ar estava carregado, insuportável. Então alguém quebrou o vidro das janelas para que pudéssemos respirar.

O dia inteiro trouxeram prisioneiros. Quiseram-nos fazer mudar de vagão. Imploramos que não o fizessem. Finalmente atenderam-nos e deixaram que ficássemos ali mesmo.

Não nos deram de comer. Quem tinha trazido mais alimento dividia com os outros. A sede era grande, mas não nos deram água.

Qual não foi a nossa surpresa quando nos devolveram os objetos de valor que haviam tirado em nossa casa! Soldados da Tcheca guardavam os vagões. À noite, iam de um vagão para o outro, fazendo a chamada dos nomes das pessoas que ainda faltavam. O nome de meu pai era chamado com frequência. Ficamos em Riga durante toda a noite e o dia seguinte.

De manhã começou a chover. O aguaceiro tornou-se cada vez mais pesado, de modo que a água começou a penetrar pelas frestas do teto. Os que

levavam guarda-chuvas, abriram-os a fim de se resguardarem. O tempo todo podíamos ouvir os caminhões indo e vindo. Parecia que iam esvaziar a cidade de Riga.

Havia muito barulho. As pessoas andavam, corriam. Uns gritavam, outros choravam. Os caminhões não paravam...

À noite houve uma tempestade, o vento uivava.

De repente abriram as portas do vagão. Os homens da Tcheca ordenaram que, dentro de meia hora, todos os homens, cujos nomes citaram, estivessem prontos para passar para outro trem. Muitos começaram a protestar contra tal arranjo, pois ficariam separados de suas famílias, mas foram acalmados, dizendo que, no final da viagem, seriam reunidos. No começo todos acreditaram, pois num vagão tão apertado e lotado, tornava-se difícil a convivência de homens e mulheres. Só mais tarde soubemos que o trem dos homens fora para Moscou, onde eles teriam de comparecer diante dos tribunais para receber sentenças. Depois foram mandados para campos de trabalho forçado. O comboio masculino, como se soube depois, através de muitos testemunhos, foi enviado diretamente aos campos de castigo.

Ainda no último instante, antes do trem partir, chegou correndo um guarda da Tcheca chamando o nome do meu pai. Ele não fora encontrado! Ficamos animadas, pois esperávamos que talvez ele pudesse se salvar, ficando na Letônia e assim ter meios de nos fazer voltar.

Na noite de 15 para 16 de junho, mais ou menos à meia-noite, saímos de Riga para um destino desconhecido. A noite estava escura e tenebrosa. Chovia sem parar, trovejava, o vento uivava. De vez em quando raios rasgavam a noite. Em diversos pontos do vagão ouviam-se gritos e choros. O ambiente era terrivelmente melancólico. Parecia que toda a terra da Letônia tremia, chorando e sofrendo. Nenhum de nós conseguiu dormir naquela tenebrosa noite de tormenta. Enquanto nos despedimos de nossa terra natal, nossos lábios sussurravam o seu nome — Letônia! Essa noite de horror e de pesadelos ninguém jamais poderá esquecer.

À CAMINHO DA SIBÉRIA

Riga - Daugavpils - Velikiye Luki - Rzhev - Moscou - Tcherbacov - Yaroslava - Ivanova - Gorkiy - Kirov - Molotov Sverdlovsky - Tcheliabinsky Kurgan - Petropavlovsky - Omsky - Novosibirsky.

Logo de manhã chegamos a Daugavpils. O trem parou por pequeno espaço de tempo. Pessoas trouxeram-nos comida e água. Os guardas não nos

deixaram sair, mas mesmo assim algumas pessoas conseguiram se aproximar de nós. Entre essas havia muitas velhinhas que pediam, em nome de Deus, que não desprezásemos suas ofertas.

Muitos dos prisioneiros escreviam bilhetinhos pedindo a pessoas estranhas que os entregassem oportunamente aos destinatários. Outros jogavam-os pelas janelas do trem em movimento. Descreviam nossa situação e advertiam os que haviam ficado, do perigo de semelhante destino. Havia também mensagens como esta: "Vinguem nossa humilhação e tortura!"

Quando partimos de Daugavpils, havia muita gente por trás das barreiras da estrada de ferro, chorando e acenando com lenços. Os lenços brancos e os rostos tristes foram o último adeus de nossa terra natal.

Atravessando a fronteira da Letônia, imediatamente vimos um mundo totalmente diferente, que não parecia mais a nossa terra. No meio de campos desertos havia casas arruinadas, sem telhados, feias, na maioria desabitadas, que nos fizeram tremer, pois tivemos a impressão de que teríamos de morar em casas semelhantes.

Em Velikiye Luki, onde nos deram o primeiro almoço, sob a guarda dos soldados, fui buscar comida.

Atravessamos Moscou de noite, por isso nada vimos da cidade. A próxima parada foi em Tcherbakov (antiga Ribinska), onde nos deram peixe cozido e compota. Nem esperávamos receber coisas tão deliciosas. Essa foi a única ocasião em que os prisioneiros receberam alimento decente e foi devido ao caráter puramente local. Os que estavam sendo deportados normalmente não recebiam nem sequer uma gota d'água.

Passamos por algumas estações à noite, mas mesmo assim consentiram que saíssemos em busca de alimento. Algumas vezes nos deram angu queimado de "proso". O pão que nos davam era assado em formas, muito salgado, mas acabamos por nos acostumar a ele. Além disso, ainda tínhamos reserva de pão trazido de casa e outros mantimentos, de modo que não podíamos nos queixar de fome.

Mais adiante encontramos-nos com trens dos exilados da Lituânia e da Estônia. Pelas janelas daqueles vagões, vimos que também só continham mulheres e crianças.

Avançávamos muito devagar, pois do interior da Rússia e da Sibéria vinham na direção oposta trens carregados de tropas. Dirigiam-se para a Europa. Não tínhamos a menor ideia do que poderia significar. Conversávamos muito a respeito. Talvez fossem reforçar as tropas de ocupação nos países bálticos, ou, então, apoiar a deportação. Discutindo as muitas possibilidades, com grande

interesse aguardávamos os próximos acontecimentos. Considerando que a linha férrea principal estava sobrecarregada com trens que conduziam tropas, éramos levados pelos desvios. Em muitos lugares era necessário parar e esperar.

Quando atravessamos Yaroslav, pela primeira vez tivemos permissão para sair um pouco dos vagões. Nas proximidades havia um pequeno lago no qual pudemos tomar banho. Ali também encontramos conhecidos de outros vagões.

Muitas crianças de colo morreram pelo caminho devido às condições inesperadas e terríveis. Eram retiradas dos vagões e enterradas nas proximidades da estrada de ferro.

O maior de todos os problemas era a água. Com muita frequência, depois de comer alimentos muito salgados, lutávamos com uma sede insuportável. Às vezes conseguíamos água pura, mas geralmente nos davam água suja, amarela, que tiravam ali mesmo das valas à beira da estrada. A água nos era trazida por um criminoso russo que recebera a incumbência de executar essa tarefa. Estava tão faminto que avidamente aceitava o pão e outros mantimentos que lhe dávamos.

Aproximávamo-nos de Gorkiy. Ali havia brejos e pântanos. Depois chegamos a Kirov. Nosso vagão recebeu mais de dez pessoas. Novamente a situação se tornou incômoda pois ficamos muito apertados.

De alguns dos vagões somente agora retiraram os homens, passando-os para um outro trem, no qual foram levados para as colônias penais de Vyatik e Solikamsky. Logo no primeiro ano quase todos morreram de fome e em condições miseráveis.

Bem além de Molotov chegamos aos grandes Montes Urais. Fiquei admirando aquelas montanhas selvagens, lindas e rochosas. Em alguns lugares viam-se pequenas cabanas, cada uma com a sua pequena horta. Aqui e ali, um lago, um riacho que desciam das encostas montanhosas. As vertentes das montanhas estavam cobertas de pinheiros de várias espécies, entremeados de árvores copadas. Numa estação, mulheres russas, magras e pobremente vestidas, trouxeram colostro fervido que trocavam pelo nosso pão. Dinheiro não queriam. Diziam que não se podia comprar nada com o mesmo: tudo estava muito caro. Demo-lhes todo o pão pois não gostávamos dele e, na próxima estação, receberíamos outra porção. O pão sempre sobrava. No começo não apreciámos o colostro. Não estávamos acostumados a ele, pois era muito gordo, com uma nata grossa, escura. Depois acabamos gostando.

Agora permitiam que deixássemos as portas dos vagões entreabertas, de modo que podíamos observar a paisagem que passava por nós. Em dois dias atravessamos os Urais. Depois de passar pelos montes Urais, a fronteira natural

entre a Europa e a Ásia, alcançamos a grande junção ferroviária de Sverdlovsky, onde se cruzam as linhas férreas da Europa e da Ásia, do norte e do sul. Sverdlovsky é a maior de todas as cidades nos Urais.

Era imensa a vontade de saber alguma coisa sobre o que se passava no resto do mundo, a situação política e por que tantas tropas e trens se dirigiam para a Europa levando armamentos. Mas era impossível obter qualquer informação. Esperávamos que, nesta grande cidade, talvez ficássemos sabendo de alguma coisa.

Foi na véspera de S. João que percebemos um funcionário da estrada de ferro, não muito longe de nosso vagão, lendo um jornal. A senhora E. jogou-lhe um maço de cigarros e perguntou se não poderia, em troca, jogar-nos o jornal. No começo ele tentou esquivar-se, não querendo comprometer-se, mas depois de muita insistência, amassou o jornal como uma bola e habilmente jogou-o através das barras das janelas do vagão.

Lemos avidamente as notícias que, na primeira página, em letras garrafais, diziam que, a 22 de junho de 1941, havia estourado a guerra entre a Alemanha e a União Soviética. Essa notícia foi a primeira mensagem de esperança que, mais tarde, deu-nos algo a que nos apegar. Falávamos sobre o assunto ininterruptamente, comentando e dando nossas opiniões. Chegávamos até a imaginar loucamente que o nosso trem talvez fosse levado de volta. Esta notícia espalhou-se rapidamente. Em muitos vagões começaram a entoar canções folclóricas alusivas ao Solstício de Verão. Também em nosso vagão começamos a cantar essas canções e outras. Estávamos alegres e imaginamos que, agora, estaríamos salvos, mas o trem não saía do lugar... A fanfarra da guerra trovejou, mas nós já estávamos longe na Rússia.³

De Sverdlovsky partimos para o sul, a fim de dar passagem às forças armadas que continuavam jorrando como uma torrente para o lado da Europa. Nas voltas da estrada, pelo vão da porta, podíamos ver como era longo o nosso

³ (Nota do Revisor) Não se imaginava, na época, os horrores que a ocupação Nazista também traria para a Letônia. Infelizmente, os nazistas tiveram o apoio de vários colaboradores nos países que ocuparam e as deportações soviéticas logo antes da invasão fizeram com que vários Letos recebessem (pelo menos, inicialmente) os Alemães como libertadores. A conscrição militar obrigatória, crimes de guerra, e a execução de diversos líderes da Letônia no decorrer da guerra mostraram a verdadeira face do ocupante alemão. O Holocausto praticamente exterminou a comunidade judaica na Letônia, e é um tema muito pessoal, uma vez que a cidade do meu bisavô (Jaunjelgava) foi arrasada pela *liquidação* alemã.

Ironicamente, o ensino dos horrores do holocausto era censurado durante a época soviética. O estado soviético acreditava que focar nos horrores sofridos pelo povo judeu era uma forma de “nacionalismo burguês” que diminuía o sofrimento do “povo soviético”. Na Letônia, apenas a queda da União Soviética que universidades puderam começar a publicar estudos sobre o holocausto no país. Em 1990, o recém-reformado parlamento da Letônia aprovou as primeiras medidas para manter a memória das vítimas judaicas. Desde então, mais de 300 memoriais já foram instalados no país.

trem. O nosso vagão encontrava-se no meio dele e atrás havia uma fila sem fim de vagões. Chegando a Tcheliabinsky, mulheres russas venderam-nos suco de frutas silvestres e "pirags".

Passando por Kurgan, aproximamo-nos de Petropavlovsky. As montanhas começaram a desaparecer, dando lugar ao terreno plano e extenso das secas estepes que desconhecíamos. Não se viam casas ou pessoas. Nem florestas. Aqui e ali, arbustos pequenos e mirrados. E toda essa imensa planície estava coberta por uma vegetação ressecada.

Dia e noite viajamos através da Sibéria. Infinitas terras incultas, infinitas florestas, infinitos trilhos de ferro e a nossa infinita viagem... Onde estaria o fim de nosso exílio e o começo de nossa destruição?

Principalmente à tarde, quando o sol tingia o horizonte de vermelho como se fosse uma bola de fogo, refletindo seu brilho em nossos rostos, sentíamos uma imensa tristeza... A lua, deslizando sobre a estepes silenciosa, brilhava friamente... Depois, a noite com as trevas sombrias e o silêncio. O trem continuava a sua viagem sem fim, dia após dia. Parecia que jamais chegaria ao seu destino. Quando chegávamos a uma cidade qualquer, sentíamos-nos melhor do que atravessando as estepes e o deserto.

A cada quilômetro penetrávamos mais pela Sibéria adentro. E nos sentíamos cada vez mais deprimidos. Nossas esperanças nascidas em Sverdlovsky foram diminuindo.

De noite chegamos a Omsky. Ali ganhamos angu de painço e ricota com passas. Já nos encontrávamos há três semanas viajando, mas continuamos avançando. Ao nos aproximarmos da próxima cidade, disseram-nos que ficassemos prontos pois teríamos de descer. Foi um nervosismo geral, pois havia rumores de que as crianças seriam separadas das mães, ficando em orfanatos, e que as mães teriam de trabalhar.

Arrumamos no saco maior nossas cobertas e travesseiros e ajeitamos as demais coisas. Ficamos sentados, não sabendo o que ia acontecer, o que iam fazer conosco. Então chegamos a Novosibirsk, capital da Sibéria. Abriram as portas dos vagões e deixaram que todos saíssem. Ordenaram que nos dirigíssemos com todos os nossos pertences para um barco, o qual nos levaria ainda mais longe, para as colônias da Sibéria.

DE BARCAÇA PELO RIO OBI

Em um pequeno porto aguardava-nos um enorme barco. Os russos chamam esses barcos de "barcaças" e transportam neles toda espécie de carga

pelos rios da Sibéria. Até o ancoradouro fora construído sobre uma velha barça, de modo que no princípio não entendemos em qual delas deveríamos embarcar.

Transportamos nossos pertences dos vagões para o barco e ajeitamos tudo nos lugares que nos foram indicados. Também ali ficamos alojados na mesma ordem dos vagões para que fosse mais fácil encontrar determinadas pessoas. Quando embarcamos, livramo-nos dos guardas.

Escadas largas e íngremes levavam para a parte baixa do barco. O lugar que nos foi indicado ficava na proa da embarcação. Todos os passageiros de nosso trem foram acomodados nessa barça. Na outra ponta da barça encontravam-se os estonianos que haviam chegado primeiro.

Se fosse preciso subir ao convés, seria difícil chegar até às escadas, pois as pessoas ocupavam todo o espaço. Era preciso passar por cima de gente dormindo e seus pertences. Infelizes. Os que se encontravam nas imediações das escadas eram constantemente incomodados e não tinham sossego. Nas paradas podíamos fazer compras. Pudemos adquirir creme de leite, ricota e "pirags" russos recheados de ovos e repolho. Também pudemos comprar sorvete. Aproveitamos também para comprar algumas canecas e pratos, pois tínhamos esquecido de pegá-los em casa.

Chegaram outros trens que vinham atrás. Seus passageiros também foram introduzidos na barça. Agora encontravam-se ali prisioneiros de quatro trens: três de letões e um de estonianos. Na barça havia mais liberdade do que no trem. E tínhamos permissão de andar no convés. Além disso, não estávamos separados em vagões entre quatro paredes, mas sim todos juntos. Em um grupo maior, a moral se animava. Os trens que chegavam traziam conhecidos.

Quando todos já se encontravam acomodados na barça, um imenso rebocador começou a nos puxar.

Era bem mais difícil dormir no barco, pois, se no trem cada um tinha o seu lugar nos beliches, aqui, o lugar era determinado pelo espaço ocupado com os pertences de cada um. Era preciso dormir nas posições mais incômodas. Não havia possibilidade de esticar as pernas, a não ser que as colocássemos sobre a cabeça de outra pessoa. Em tais posições, as noites eram cansativas e sem fim. Também não tínhamos mais a alimentação que recebíamos no trem. Aqui a comida se limitava diariamente a repolho curtido em demasia, cozido em óleo amargo. Poucos o comiam, a não ser aqueles que não traziam nada de casa. Também o pão era em quantidade menor do que a do trem.

Um dia sofremos um acidente. Estávamos sentados sobre nossos pertences almoçando. De repente, através de uma escotilha aberta do convés,

uma mulher ainda jovem caiu bem em cima de nós. Estávamos acomodados bem embaixo da escotilha. A mulher estava bêbada e perdendo o equilíbrio caiu pela escotilha aberta. Quem mais sofreu foi a vovó e minha irmãzinha. Vovó levou um forte golpe na cabeça que doeu por muito tempo. Minha irmãzinha ficou com uma mancha roxa perto do olho. Toda a louça que havíamos comprado quebrou-se e também a vasilha que continha a manteiga. Foi preciso derretê-la e passá-la por um pano para retirar os cacos.

A maior parte do dia, nós, os jovens, passávamos no convés, mas a vovó ficava tomando conta das coisas. Ela não queria subir as escadas nem se dar ao trabalho de chegar até lá.

Estranhamos que nossos captores não temessem que pudéssemos fugir, pois não havia nenhum guarda na barça, além de um oficial da polícia secreta que nos indicou os lugares. Mas, quando avaliamos as possibilidades de fuga, vimos que eram poucas. Mais tarde ouvimos rumores de que alguns jovens, tendo ouvido as notícias sobre a guerra durante a viagem, haviam fugido e alcançado a Letônia.

Estávamos navegando pelo grande Rio Obi da Sibéria. A barça deslizava lentamente pela correnteza em direção ao norte. Depois de alguns dias de viagem, vimos que estávamos sendo seguidos por um grande navio branco a vapor. Ouvimos contar que nele iam os homens que foram separados de nós no trem. Quando se aproximou mais, vimos que havia nele muitas mulheres e crianças, mas também vimos alguns homens. Eram jovens que acabavam de atingir a maioridade. Mais tarde foram separados e levados.

O navio branco colocou-se ao lado da barça. Nele se encontravam os passageiros de um trem letão e de outro, estoniano. Aqui também encontramos pessoas conhecidas. Na cozinha do navio podia-se comprar mantimentos e a procura era tão grande que não deu para todos.

Lembro-me de uma linda tarde de verão. Fazia calor e o tempo estava agradável. Alguns letões e estonianos haviam trazido acordeões e violinos. Num abrir e fechar de olhos organizaram uma orquestra. Por sobre a barça fluíam lindos sons de melodias letãs. Alguns jovens começaram a dançar... Era tão esquisito ouvir os sons da valsa " Junto ao Mar de Âmbar", por sobre o imenso Rio Obi. E os jovens, cheios da alegria de viver, ainda trajando suas melhores roupas, dançavam entusiasmados. A tristeza não atinge aos jovens com a mesma força que aos velhos. Mas quantos deles não tiveram naquela estranha dança, ao pôr-do-sol sobre o imenso Rio Obi, a sua última dança! Naquela ocasião ainda não sabíamos e nem podíamos imaginar quantos rapazes e moças letões logo estariam sepultados em terra estranha.

Entretanto, junto à alegria proporcionada pela dança, havia um temor estranho... Ao redor, na vastidão que nos rodeava, as paisagens eram selvagens e sombrias. O Rio Obi é um dos rios mais extensos de todo o mundo e fazia-nos perceber a sua grandeza. Em alguns lugares era tão largo que não podíamos ver as margens. Parecia que estávamos viajando pelo mar. Principalmente na primavera o Rio Obi costuma ter enchentes, saindo de seu leito e inundando as terras vizinhas. Nas margens íngremes também cresciam árvores. Não havia nenhuma árvore frutífera. Talvez os invernos fossem demasiadamente frios. Durante centenas de quilômetros não vimos nenhuma casa, nenhuma vila. Tudo tão sombrio e amedrontador e nós deslizando cada vez mais fundo naquele mundo desolado. Começamos a compreender que intencionalmente estavam nos afastando de qualquer meio de comunicação, para que a fuga se tornasse mais difícil e impossível o retorno à terra natal.

TORNAMO-NOS CARGA SEM VALOR

Passou-se uma semana sobre o rio. Devido ao aglomerado de gente, era impossível manter a limpeza na barcaça; como também não podíamos evitar as doenças contagiosas. Foram constatados diversos casos de tifo. Não havia nenhuma assistência médica. Nem isolamento, pois não havia nenhum recinto vazio onde se pudesse colocar os doentes. Os doentes ficavam deitados ao lado dos que estavam com saúde, tremendo de febre no meio da sujeira inconcebível. Com imensa ansiedade esperávamos que nos deixassem desembarcar em algum ponto da margem, pois caso contrário todos iríamos cair doentes. A situação foi ficando cada vez pior.

Nas margens começamos a perceber, aqui e ali, alguma casinha, uma vila descuidada, formada de pequenas cabanas. Num determinado ponto, uma escada pintada de azul levava até um pequeno povoado. Mais tarde ficamos sabendo — era a cidade de Kolpachev. O comandante de nossa barcaça, oficial da KGB, desceu da barcaça para um barquinho pesqueiro que encostou. Foi até à praia e subiu pelas escadas. Quando voltou disse que a autoridade máxima de Kolpachev não queria nos acolher. Sentimo-nos profundamente ofendidos e humilhados. Afinal tinham nos arrancado de nossas casas, nossa terra natal, e aqui, deportados para uma terra desconhecida, éramos conduzidos como escravos e oferecidos aos pobres povoados russos para que nos acolhessem, pois caso contrário teríamos de ficar sob o céu aberto.

Continuamos a viagem. No dia seguinte paramos junto à cidadezinha de Parabel. O vapor branco continuou viagem em direção norte, para Shpalzavod.

Fomos visitados por diversas outras barcaças menores. Fizemos a chamada e nos colocamos na mesma ordem estabelecida no vagão, dividindo-nos pelas barcaças, as quais nos levaram mais adiante para as fazendas coletivas. Parte da carga ficou em Parabel. Mais tarde ficamos sabendo que fomos os mais felizes.

Os poucos homens que foram deixados conosco nos vagões e que tinham famílias, foram colocados em um barco menor. Foram levados para as grandes serrarias e outros lugares. Entre eles encontravam-se diversos letões conhecidos, tais como Dinsberg, Spilva, Dambekalns. Todos se despediram calorosamente de nós, os demais letões. Nossa família foi colocada no barco onde se encontravam os passageiros do nosso vagão e de mais outros quatro.

Quando todos os pertences da barcaça foram transferidos para o barco menor, continuamos a viagem. Ao nos despedirmos dos demais letões, ficamos tristes outra vez. O tempo todo sentíamos-nos como uma grande família cujas tristezas e dificuldades se tornavam mais fáceis de agüentar. Agora nos separavam e nos dividiam em grupos menores. Assim, todos os letões foram dispersos como pó, pela imensa terra russa.

NOSSAS CANÇÕES, CADA VEZ MAIS TRISTES

Era uma tarde agradável e sossegada de verão. Ainda ouvíamos nossos amigos que ficaram na margem cantando as notas tristes de uma canção letã, a qual durante muito tempo ficou soando em nossos ouvidos. Depois, a canção sumiu e tudo ficou em silêncio.

Nosso barco era rebocado por um navio a vapor menor. A cobertura do barco era de tábuas. Estávamos protegidos da chuva e do vento. O piloto de nosso barco era um velhinho de longa barba branca. Não sabia ler, nem escrever, mas conhecia o rio tão bem quanto as paredes de sua cabana. Era sincero e conversador. Mais tarde ficamos sabendo que também era letão. Seus pais vieram para a Rússia quando ele ainda era pequeno. Quando os pais morreram, ficou só. Por isso, tendo passado toda a sua vida ali, esquecera a língua letã. Todos nós ficamos admirados que tivéssemos de encontrar aqui, na distante Sibéria, um letão de outros tempos. Mais tarde ficamos conhecendo letões que moravam ali desde antes da Primeira Guerra Mundial.

Ao descer do barco, o velho letão deu a vovó como presente de despedida um torrão de açúcar.

Viajamos dia e noite. No dia seguinte passamos do imenso Obi para um afluente menor, o Parabel. Este foi ficando cada vez mais estreito. Ficamos sentados em silêncio sobre os nossos pertences à espera da última parada.

Depois do almoço chegamos à vila de Petkul. Do barco jogaram uma tábua comprida até à margem, pela qual deveríamos descer. Aqueles que tinham bagagem mais pesada tiveram dificuldades. Alguns, carregando malas mais pesadas, caíram na água e tiveram de nadar. Depois que retiramos tudo do barco, este foi embora imediatamente. Um grupo recebeu ordens de ficar ali mesmo em Petkul. Vieram buscá-los duas carroças puxadas por cavalos. Os outros três grupos, entre eles também o nosso, tiveram de esperar até que das respectivas fazendas coletivas mandassem carroças para buscá-los.

Outro grupo foi levado para Pokrovk; o terceiro para o Pequeno Tchigas; e o nosso para o Grande Tchigas.

Depois de um mês inteiro de viagem, nossos pés tocaram novamente o solo em 10 de julho de 1941, quando chegamos ao "kolkhoz" do Grande Tchigas, na região de Novosibirsky, distrito de Paracel, cerca de seis mil quilômetros da Letônia.

O "KOLKHOZ" DO GRANDE TCHIGAS

Logo chegaram também as nossas carroças. Arrumamos nossa bagagem e colocamos a vovó sentada em cima, pois era por demais fraca para caminhar oito quilômetros até o povoado.

A estrada era péssima. Passava por uma região de brejos. Como havia chovido fortemente nos dias anteriores, a estrada estava inundada. Em alguns trechos havia poças tão grandes que as rodas atolavam até os eixos. Foi preciso tirar os sapatos e andar descalço. Não estávamos acostumados a andar descalços, por isso tivemos de caminhar mais devagar, ferindo os pés com pedaços de paus que abundavam por ali. A carroça balançava de um lado para o outro e a vovó mal se agüentava em cima. Os cavaleiros magros, fraquinhos, mal agüentavam o peso da carga. Na mata que atravessamos havia tantos mosquitos que ficamos felizes quando saímos dela. Passamos pelo miserável povoado de Pokrovk. Ali se encontrava um outro grupo. Após diversos quilômetros alcançamos o Grande Tchigas. Deveríamos estabelecermo-nos ali.

De todas as janelas olhos curiosos examinavam-nos. A carroça parou diante de uma grande construção. Era a escola. Era constituída de duas salas grandes e uma pequena, uma cozinha e um salão de entrada. Carregamos nossas coisas para dentro. Fomos todos acomodados nas duas salas maiores.

Estendemos nossas cobertas no chão e logo dormimos porque estávamos muito cansados.

O Grande Tchigas ficava numa elevação. De um lado, um pequeno afluente do Parabel, por trás do qual, florestas impenetráveis. Do outro lado, os campos, com lavouras e pastos.

Aos poucos fomos acostumando-nos com a vida na escola. Era o maior prédio do povoado e construída há pouco, com grandes janelas e teto alto. À volta da escola havia uma horta não muito grande. Os russos vinham todos os dias, em bandos, para nos admirar. Nossa chegada foi um grande acontecimento. Nunca na vida os habitantes daquele lugar tinham visto gente tão bem vestida, por isso, só olhar não era suficiente, queriam também apalpar. Eles mesmos estavam vestidos de farrapos pardos.

Um dia, inesperadamente, chegou aquele que era chamado de comandante. Entregou aos adultos papéis válidos por vinte anos em substituição aos passaportes. Mais tarde ele vinha todos os meses para fazer chamada e verificar se nenhum havia fugido.

O superintendente do povoado avisou-nos que, dentro de um prazo determinado, tínhamos de deixar a escola e procurar abrigo com os habitantes do lugar.

Saindo da escola, nós, os letões, ficamos ainda mais separados uns dos outros. Na última noite, reunimo-nos para a despedida, cantando canções folclóricas e conversando sobre a nossa terra natal tão distante. Era tão grande a nossa tristeza...

Famílias menores acharam onde ficar com mais facilidade. Nós cinco encontramos dificuldade, por isso deixaram que ficássemos ainda algum tempo nas dependências da escola. Por causa da alimentação estranha e da água que não era boa, vovó adoeceu com disenteria. Sofreu durante muito tempo. Emagreceu muito e parecia que não iria agüentar, mas depois sarou, embora sem qualquer ajuda médica.

CONVIVENDO COM OS RUSSOS

Depois de muito procurar, encontramos finalmente um lugar para ficar, na casa de uma mulher russa de bom coração. Éramos nove pessoas num cômodo pequeno, no qual ela nos cedeu um cantinho. A vida se tornou muito difícil e desconfortável. Os russos já se sentiam mais à vontade conosco e, já bem cedo de manhã, colocavam-se à porta da casa para nos examinar, querendo saber o que vestíamos e o que comíamos. O verão era mais quente do que na Letônia e

durante o dia o ar ficava cheio de mosquinhas que eles chamavam de "moshkas", as quais enfiavam-se até debaixo das roupas, nas orelhas e narinas, sugando o nosso sangue. Era doloroso e cansativo.

Como os mantimentos estavam acabando, começamos a trocar peças de roupa por comida.

No começo davam-nos um quilo de pão por pessoa. Depois, não nos davam mais. Forçavam-nos a trabalhar no "kolkhoz". Não quisemos assumir um compromisso com o "kolkhoz", pois ouvimos dizer que depois ficaria difícil romper o contrato. Começou a nevar, mas nós ainda não queríamos acreditar na amarga verdade, de passar ali o longo e rigoroso inverno.

Sentíamos-nos como aves de migração, chegando o último momento, pois era urgente que partíssemos antes que o rigoroso inverno congelasse-nos. Mas foi preciso que ficássemos em silêncio doloroso, abafando sentimentos e saudades da longínqua terra natal, a fim de nos prepararmos para o que estava por vir.

O inverno ali é rigoroso e dura oito meses. Às vezes há tempestades com nevascas. Eles as chamavam de "burans". Uma vez nós também ficamos na estrada debaixo de uma nevasca dessas. Íamos para a aldeia de Tchigas, a fim de trocar por mantimentos algumas peças de roupa que ainda nos restavam. Na volta, quando atravessamos a mata, a tempestade surpreendeu-nos. Lá dentro ainda não sentimos tanto, mas ao sair para o campo aberto, éramos atirados ao chão. A estrada estava coberta, a caminhada difícil e carregávamos muitos sacos de farinha - por um vestido de lã conseguimos um "pud" de farinha de centeio. Ainda bem que a nossa casa não se encontrava muito mais distante. Só mais tarde é que a nevasca começou a cair de verdade.

Às vezes íamos fazer visitas aos demais compatriotas. Um certo ucraniano, que hospedava alguns letões, possuía um gramofone. Quando íamos lá, ele tinha prazer em no-lo emprestar. Ele possuía somente discos com música para dançar. Passávamos ali horas agradáveis, ouvindo música e conversando sobre a nossa terra natal. Com muita inquietação passamos o inverno, à espera do que nos traria a primavera de 1942. No jornalzinho do povoado, que raramente conseguíamos, lemos que o exército alemão ocupava rapidamente grandes regiões da Rússia. A primavera aproximou-se lentamente. Nossa senhoria despejou-nos. Uma outra mulher russa alugou-nos uma choupana, que fora usada como curral. A choupana estava em péssimo estado e precisava de reparos.

Começamos a trabalhar com gosto. Em primeiro lugar foi preciso retirar todo o esterco, cuja camada de baixo ainda estava congelada e difícil de cavar. A

limpeza levou alguns dias. As mãos ficaram cheias de bolhas e doíam bastante. Praticamente não havia telhado, sendo preciso construir um novo. Trouxemos madeira da floresta, desbastamos os galhos e colocamos sobre o telhado já existente. Como não tínhamos tábuas, usamos casca de bétula. Na floresta havia nuvens de grandes mosquitos e de "moshkas", que judiavam muito da gente, mas mesmo assim conseguimos descascar uma quantidade suficiente de bétulas. Por cima da madeira colocamos galhos menores, depois as cascas de bétula e, finalmente, uma camada grossa de areia. Por cima da areia, ainda capim e o telhado estava pronto. Depois preparamos barro e consertamos as paredes da choupana, alisando-as com um pedaço de madeira.

A tarefa mais importante era construir um forno. Onde arranjaríamos tijolos? Não nos restava outra alternativa senão tentar fazê-los nós mesmas. Conseguimos um cocho bem grande, misturamos ali barro, areia branca e esterco de cavalo com água. Tivemos de trazer todo esse material de um lugar mais ou menos distante. Fomos ajuntando o esterco pelo caminho e também do estábulo da fazenda coletiva. Misturamos os materiais no cocho, amassando-os com os pés, até que tomaram uma consistência igual, usável. Enchemos as formas com a massa e, depois de calcar bem, colocamos os tijolos para secar sobre tábuas, ao sol. Ficaram duros e aproveitáveis.

Fizemos várias levadas até obtermos uma porção suficiente de tijolos para construir o forno. Um velhinho russo construiu-nos um forno grande, que chamavam de "petchka" por cento e cinquenta rublos.

Cavamos também um porão de tamanho considerável, porém não tínhamos tábuas para o assoalho. Fomos com L. à procura delas. Fomos em direção ao estábulo do "kolkhoz". À hora do almoço não havia ninguém. Sem que nos percebessem, entramos no estábulo. Arrancamos algumas tábuas que não estavam bem firmes, das paredes, das pocilgas e de outros lugares e as jogamos pela janela, para o lado do rio. Descemos com elas pelas margens íngremes do rio e as levamos até à nossa choupana. Ali as limpamos devidamente, lavamos e cortamos nos devidos tamanhos e colocamos o assoalho. As tábuas que sobraram usamos para fazer portas e janelas, mas não tínhamos vidros. Não havia alternativa, eu e L. fomos, desta vez, para a nossa antiga casa, a escola. Os membros do "kolkhoz" encontravam-se todos no campo. Pudemos trabalhar sem que nos incomodassem. Do lado da floresta, subimos até as janelas, arrancamos os rebites e tiramos os vidros. Escondêmo-los sob as roupas e, uma vez em casa, colocamos vidros em nossas janelas. Limpamos o pequeno quarto e fizemos nossa mudança para a casa nova.

NOSSA VIDA NA CHOUPANA E PREOCUPAÇÕES COM O PÃO DE CADA DIA

Sentíamos-nos bem melhor ali. Não estávamos mais expostos aos olhares curiosos dos russos.

Com a vinda do verão, obrigaram-nos a trabalhar no "kolkhoz". Não íamos com muita frequência, porque o máximo que se podia ganhar era trezentas gramas de pão por dia. Preferíamos ir colher frutas silvestres e cogumelos.

Às vezes nadávamos no Rio Parabel, ainda que tivesse muita lama e sedimentos. Havia também muitas sanguessugas que se agarravam à carne das pessoas.

Do outro lado do rio havia imensas florestas sem nenhum caminho ou picada. Acho que nunca ninguém conseguiu atravessá-las. Nem os habitantes do lugar sabiam o que havia do outro lado. À beira da mata encontramos morangos. Eram grandes e doces. Sobre o gramado do bosque de bétulas, pareciam grandes botões vermelhos. Era o lugar mais lindo de todo o "kolkhoz". Através do bosque passava um regato. Na primavera, à beira do regato cresciam violetas perfumadas e os primeiros cogumelos da estação. Colher cogumelos na floresta era perigoso e muito fácil de se perder o rumo.

Nessas florestas, árvores gigantescas, jamais tocadas pelas mãos do homem, vivem sossegadamente até o fim, apodrecem, são derrubadas pelas fortes rajadas do vento, cobrem-se de líquens e musgos e finalmente desaparecem no meio do capim.

Uma vez entramos pela mata adentro, pois não havia mais cogumelos à beira da floresta. A floresta começava numa elevação, descendo pela encosta. Ali a taiga tornava-se ainda mais densa e sombria. Através da ramagem espessa das árvores mal se avistava o azul do céu. Quase nenhum passarinho dava sinal de vida. Só bem ao longe podia ouvir-se um cuco. Ficamos com medo e, o mais rapidamente possível, saímos da floresta densa.

Se alguém que não conhecesse as redondezas e tivesse apenas um vago sentido de orientação entrasse pela mata adentro, estaria totalmente perdido, a não ser que fossem procurá-lo. Quando algum membro do "kolkhoz" se perdia na floresta, avisava-se imediatamente a todos, que saíam à sua procura. Batia-se ininterruptamente uma relha de arado que ficava dependurada à guisa de sino, para que a pessoa perdida pudesse orientar-se pelo som. Mas, com muita frequência, o som do sino não era percebido na mata, por causa do vento forte.

Costumávamos colher framboesas no outro lado dos campos. Os arbustos delas e de outras frutas silvestres cresciam em aglomerados ao redor dos campos e eram bem altos. Cresciam também na taiga. De vez em quando também encontrávamos arandos, amoras pretas e outra espécie de framboesas. Havia delas em quantidade perto do velho celeiro em ruínas, atrás dos campos. Nos lugares úmidos havia também muitas cobras.

No bosque de bétulas íamos colher varinhas novas para fazer vassouras. Ali deparamos novamente com muitos mosquitos que judiaram um bocado da gente. Secávamos as vassouras de galhos de bétula para alimentar as magras cabras do "kolkhoz" durante o inverno.

Chegou a época da colheita do linho. As cotas estipuladas eram muito altas. Ninguém conseguia atingi-las. Mas o pão era distribuído segundo o trabalho feito. No começo o trabalho parecia duro, pois nunca havíamos trabalhado naquilo. Mais tarde habituamo-nos a ele. Se acontecia de pegarmos linho bom, limpo, o trabalho rendia.

Depois da ceifa dos cereais era necessário recolher as espigas caídas. Então vinha a colheita das batatinhas e dos legumes. A taiga produzia também algumas plantas que serviam de alimentação. Uma delas — a "kolba" — fazia lembrar nosso lírio-do-vale, mas tinha o gosto do alho. Até no mercado podia-se comprá-la. Os russos preparavam-na para o inverno. Cortavam a cebola bem fininha e colocavam em uma vasilha para congelar, onde ficava todo o inverno.

Os russos contavam que foram trazidos para cá para construir e começar vida nova. Muitos adoeceram com escorbuto por falta de alimentação adequada. Aprenderam então a cozinhar e comer uma porção de plantas. Passaram a usar principalmente a "kolba", com a qual acabaram com o escorbuto. Desde então passaram a apreciar muito aquela planta. Nós também íamos colhê-la. Na primavera era macia e succulenta, mas no verão ficava dura e sem gosto. Ficava mais gostosa enquanto verde, com sal e pão. Havia também uma raiz que fazia lembrar a cenoura, só que bem menor. Entre as plantas havia também muitas venenosas.

Chegou o meu décimo quinto aniversário. Minha mãe assou uma rosca pequena de farinha de centeio e fez café. Os letões têm o costume de assar rosca nos aniversários, em lugar de bolo. As dificuldades aumentavam, pois as roupas que usávamos para trocar por mantimentos diminuíram e pouco nos davam por elas, pois os russos já andavam bem vestidos com as nossas roupas. Além disso, eram tão pobres que nem tinham mais mantimentos para negociar conosco.

Chegou novamente o outono. Era preciso pensar no que fazer para enfrentar o tenebroso inverno. Recolhemos bastante palha e levantamos um

espesso muro de palha à volta das paredes da nossa pequena casa, para resguardá-la dos ventos fortes.

O outono já chegava ao fim e nós ainda estávamos colhendo cogumelos. Em troca deles podíamos receber determinada quantia em pão e dinheiro. Fomos até a distante floresta que ficava perto de Tchigas. Ali também havia nozes. Era uma floresta grande. Produzia principalmente "pichtas" — cedros em cujas pinhas havia nozes pequeninas. Depois de ventos e tempestades o chão ficava semeado das pinhas dos cedros. Nós as colhíamos e, em casa, retirávamos as nozes, e as comíamos fritas. Eram oleosas e tinham bom sabor.

Os russos sabiam preparar goma de mascar. Era feita de resina de agulhas de pinheiro frita e podia ser encontrada na feira. Tinha um sabor amargo. Todos a mastigavam, jovens e velhos.

Muitas "pichtas" tinham canais abertos no caule dos quais se extraía resina. Era mandada para ser industrializada.

O INVERNO NO "KOLKHOZ "

O inverno chegou com um frio imenso e com muita neve. As pequeninas casas ficaram escondidas na neve. Houve uma nevasca tão forte que nada mais se via pela janela a não ser os redemoinhos da neve. O vento gemia contra as paredes da choupana. A porta ficou impedida por causa da neve. Era preciso cavar com vontade para poder sair. A temperatura caiu para quarenta graus abaixo de zero. Aquele inverno pareceu-nos bem pior do que o anterior.

Acabou nossa reserva de lenha. Quiséssemos ou não, tivemos que ir à floresta, à procura dela.

Lá fora, o ar era tão frio que nos deixava sem respiração e enchia os olhos de lágrimas. A neve chiava sob nossos pés. Havia uma neblina branca que de dia escondia o sol, e de noite, as estrelas. As árvores estavam congeladas. A neve caía sem interrupção, cobrindo as árvores, a terra, os lagos e rios congelados. A taiga do outro lado do rio parecia um montão de neve. De vez em quando os telhados das casas do povoado estalavam. As árvores estavam brancas, das raízes às pontinhas. Como enormes flores congeladas permaneciam enfileiradas, os galhos entrelaçados como se estivessem de mãos dadas.

As sobancelhas e os cílios ficavam congelados. Era difícil até respirar, mas o quê fazer? Era preciso começar a trabalhar. Na floresta a neve chegava à altura da cintura. Escolhemos árvores retas e bastante grossas e, depois de serrá-las em pedaços menores, nós as puxamos para a trilha. No começo foi difícil serrar, pois nenhuma de nós tinha a prática necessária, mas depois

pegamos o jeito. Enchemos o trenó com a lenha e, com muito esforço, nós o arrastamos para casa, onde, depois de serrar em pedaços ainda menores, cortamos a lenha. A madeira encontrava-se tão congelada que fazia um grande estrondo ao ser cortada com o machado.

Também fomos ao outro lado dos campos, no bosque, à procura de lenha seca. Voltamos totalmente congeladas. A nossa roupa não era apropriada para sair numa geada daquelas à procura de lenha. Precisávamos de botas compridas forradas de pele. Para que a neve não penetrasse pelas meias, enrolamos as pernas com toalhas. Não conseguíamos também aquecer o suficiente a nossa cabana. A madeira do telhado, os umbrais da porta e os peitoris das janelas estavam totalmente brancos. Os vidros das janelas ficaram inteiramente cobertos de gelo, de modo que dentro de casa havia penumbra constante. Ficávamos encolhidas tecendo redes para os pescadores, pelo que recebíamos um pouco de pão e dinheiro. Era preciso também remendar a nossa roupa rasgada para que não se desfizesse totalmente.

Nas longas noites de inverno, íamos dormir cedo para economizar luz. A garrafinha com querosene não tinha o cilindro de vidro e fumegava bastante. Deitadas, conversávamos sobre coisas do passado, até adormecer. Antes de dormir subíamos no telhado e tapávamos a chaminé com pedaços de casca de bétula e tijolos para reter um pouco o calor na cabana.

Em nosso porãozinho debaixo da casa, as batatinhas congelaram completamente. Tínhamos de comê-las assim mesmo - eram adocicadas e davam enjoô. Usávamos a casca das batatas ralada para fazer panquecas - as "lepyoshkas" russas.

Às vezes recebíamos também cartas de conhecidos que se encontravam nas regiões de Krasnoyarsky, Kargosovky e Parabel. As cartas traziam-nos notícias tristes. No primeiro inverno muitos patrícios não aguentaram as difíceis circunstâncias e morreram, principalmente crianças pequenas e velhos.

O DESTINO DE DUAS GERAÇÕES

Do nosso e do povoado vizinho foram chamados diversos membros do "kolkhoz" para o serviço militar. Podíamos novamente começar a sonhar que, finalmente, a guerra estava para terminar, pois aqueles indivíduos não eram considerados dignos de confiança da União Soviética. Não foram convocados no começo da guerra, mas agora foram mobilizados em desespero de causa. Eles eram, como nós, pessoas deportadas. Antes da revolução de outubro viviam confortavelmente, mas depois foram expulsos de suas casas e levados para a Sibéria. Receberam terras cobertas de florestas e brejos para construírem casas e

se estabelecerem. Ali deixaram suas últimas forças e a sua saúde, construindo e trabalhando a terra.

No começo levantaram casas primitivas — depois melhoraram. Com o passar do tempo também adquiriram gado. Mas, logo que conseguiram melhorar o nível de vida, foram transferidos para outro lugar para começar tudo de novo. É claro que tais transferências absurdas, em circunstâncias desumanas, acabaram com a vida de muitos e alguns até cometeram suicídio.

Os restantes que ficaram vivos, eram tratados como animais. Todos os dias eram tocados para o trabalho pesado para receber o exclusivamente indispensável para a sobrevivência. Por isso compreendia-se que não mais tivessem energia, nem vontade de viver para melhorar o seu nível de vida, pois mal atingiam uma situação melhor, tinham que abandonar tudo e o que ficava era destruído.

Mesmo agora, tinham de pagar impostos incrivelmente altos sobre seus pequenos campos e suas casas miseráveis. Quem não tivesse condições de pagar os impostos, tinha que vender sua vaquinha, sua única fonte de renda, para depois sofrer ainda maiores necessidades, mas o imposto tinha de ser pago.

As crianças sofriam de anemia e raquitismo. Algumas já com vários anos de idade não tinham forças para andar, ou mesmo para manter o corpo de pé.

Muitas morriam logo ao nascer. Uma vez chegou um oficial da Tcheca (KGB) ordenando que cada família oferecesse um casaco de peles ou um par de botas para o exército. E aqueles que não os tinham, tiveram que despir seus trapinhos para que os levassem. Quem não dava nada, recebia desaforos e ameaças. Por isso não nos causou admiração que os convocados para o serviço militar dissessem que iriam para a linha de frente e se entregariam aos alemães.

A miséria e a pobreza no "kolkhoz" era incrível, só podendo ser avaliada por aqueles que a viram com os próprios olhos. Que ignorância e atraso o povo daquela região ainda desfruta! Parecia que ali a vida se retardara em diversos séculos.

A MORTE DA VOVÓ

Numa tarde, vovó ao sair de casa caiu sobre o gelo e machucou bastante o pulso. Ao cair parece que rasgou uma artéria, pois o sangue jorrava sem parar, mas finalmente conseguimos estancá-lo. Não podendo receber nenhuma ajuda médica, nem possuindo medicamentos, tivemos de tratá-la com remédios caseiros. O ferimento infeccionou e o braço começou a inchar. Formou-se um

tumor que começou a purgar. Por falta de água quente e sabão, não tínhamos condições de desinfetar as ataduras.

O ar dentro do quarto era pesado e começou a cheirar mal. Só podíamos abrir a janela por alguns instantes por causa do frio insuportável. Depois de muita insistência, conseguimos que nos emprestassem a carroça do "kolkhoz" e levamos a vovó por oito quilômetros até o dispensário mais próximo. Só depois de uma longa espera o responsável nos atendeu. Nem examinou sequer o ferimento, nem fez perguntas sobre o acontecido, e foi logo receitando uma pomada. Não nos deu nenhuma explicação nem orientação. Com o tempo o inchaço desapareceu e a mão sarou, mas tornou-se seca e diminuiu de tamanho.

Depois dessa queda vovó não se restabeleceu mais. Sentia-se cada dia pior, emagreceu e queixava-se de muitas dores nos rins.

Foi a 31 de março. De manhã queixou-se de muita fraqueza e dores. Não quis comer. Não conseguimos alimentá-la, nem lhe dar um pouco de água, pois mantinha os dentes fortemente cerrados. Falava conscientemente, mas não conseguia pronunciar as palavras corretamente. À noite, quando a bondosa Sra. K. veio visitá-la e trouxe-lhe alguns arandos, foi a única coisa que conseguiu comer. Sentiu-se melhor. Começou até a falar com clareza e alegrou-se com a visita da Sra. K. Disse que era um anjo bom que tinha vindo visitá-la pela última vez. Depois que a Sra. K. saiu, vovó dormiu um pouco. Mais tarde acordou e passou intranquila a noite toda. A 10 de abril de 1943, de madrugada, o coração de vovó parou de bater.

De manhã a Sra. D. preparou vovó para o funeral. Combinamos com o marceneiro para fazer um caixão de tábuas e uma cruz. Na cruz, alguns jovens letões escreveram a fogo o nome de vovó e as datas de nascimento e morte. Da floresta trouxemos galhos de pinheiros e freixos das montanhas para tecer coroas. Colocamos vovó no caixão que foi colocado sobre dois bancos. Vieram muitas pessoas para despedir-se dela, amigos letões do nosso "kolkhoz" e das vizinhanças. Cantamos diversos hinos apropriados. Acendemos velas colocadas sobre o caixão. Colocamos o caixão na carroça e dirigimo-nos para o cemitério, que não ficava muito distante do "kolkhoz". Fazia frio e o vento era cortante.

Rapazes letões abriram a cova. Foi difícil, pois a terra estava congelada em mais de um metro de profundidade. Tiveram de usar pés-de-cabra. Por isso a cova era rasa. Baixamos o caixão nela, e depois um ex-estudante de teologia de um povoado vizinho disse algumas palavras de despedida. Cada um de nós jogou sobre o caixão um punhado de areia. Rapidamente fechamos a cova, colocamos nossas grinaldas despretensiosas e, despedindo-nos dela, voltamos

para casa, pois o frio intenso não permitia que ficássemos muito tempo fora. Um membro da nossa família já tinha partido. Quem seria o próximo?

O DESESPERO AFASTA MINHA MÃE E IRMÃS

Logo depois da morte de vovó, mamãe e minhas irmãs partiram para a cidadezinha de Parabel, à procura de trabalho. Ali havia maior possibilidade de ganhar alguma coisa do que no "kolkhoz". Eu as acompanhei até os limites do "kolkhoz".

O coração apertou-se enquanto as olhava, pois estavam tão fraquinhas e sem nenhuma energia. Minha irmãzinha Maya tinha uma doença que os russos chamam de "zolo tucha" (escrofulose). A nuca estava toda coberta de tumores purulentos. O cabelo, que ficou todo grudento por causa do pus e cheio de piolhos, precisou ser cortado. Ela mesma ficou magrinha e pálida.

Também Dzidra, minha outra irmã, estava muito magra. Tinha o corpo todo coberto de tumores purulentos que eram muito dolorosos.

Em alguns lugares a estrada estava inundada; era preciso atravessar a pé. Dzidra tinha dificuldades em caminhar, pois a água gelada, ao tocar os tumores, provocava dores agudas. A perna que tinha mais tumores ela mantinha dentro de um balde, enquanto segurando a alça do balde com a mão, passava pela água.

Mamãe estava completamente apática. Será que agüentaria? Cortou-me o coração ao vê-las, as três, mal conseguindo andar. Cada uma carregava sua trouxinha de pertences. Eu me perguntava: será que vão aguentar as dificuldades de uma viagem de 40 quilômetros? Fiquei à beira da estrada, olhando-as partir, até que desapareceram de vista.

Agora éramos em três em nossa cabana. Para nos garantir contra dificuldades futuras, plantamos batatinhas e legumes num pedacinho de terra que nos foi cedido. Fomos à floresta, cortamos bétulas, serramos, rachamos e amontoamos a lenha para que durante a primavera secasse e a tivéssemos seca no próximo inverno.

O telhado de nossa cabana desabou num dos cantos. As vigas estavam podres. Não havia pedras para escorar a parede. Nas proximidades do "kolkhoz" não havia uma pedrinha sequer. Nas roças e na floresta vimos pedras enormes. Mas não podíamos aproveitá-las. Consertamos nossa casa de acordo com nossas forças.

O tempo todo nos preocupávamos com comida. Eu e L. íamos ao brejo para caçar rãs. L. entrava na água e as pegava, eu as matava com um pedaço de pau e as guardava em um saco. Depois de apanhar uma dúzia delas, íamos para

casa onde as limpávamos e cozinhávamos em água temperada com endro (dill). Parecia carne de galinha e era muito boa.

Uma vez L. encontrou alguns camundongos em seu colchão. Tinham feito ali o seu ninho. Também os limpamos e fritamos. Tais aventuras coloriam um pouco a monotonia de nossa vida.

O ENCONTRO COM A MENDIGA

Certa vez fomos ao clube para assistir a um programa apresentado por uma brigada de propaganda política que havia chegado de Parabel. Para surpresa nossa, no meio de um poema que enaltecia a pessoa de Stalin, os participantes da brigada começaram a rir. Então subiu ao palco um oficial, que, na frente de todos, repreendeu-os severamente.

Numa outra noite, no "kolkhoz" vizinho, apresentaram uma pequena peça na qual ridicularizaram a pessoa de Hitler. O auditório apreciou imensamente. Depois da apresentação houve danças. A juventude dos "kolkhoz" gostava de reunir-se à noite em grandes grupos. Andavam por lá cantando canções compostas por eles mesmos acompanhadas de sanfona.

No povoado vizinho de Pokrovsk havia um pequeno armazém. Podia-se comprar ali sal, fósforos e outras coisas. Os "natchainhik" , (funcionários políticos da União Soviética, que eram supervisores com privilégios especiais) podiam comprar artigos melhores por preços menores.

Uma vez, indo para o armazém, encontramos uma mendiga velhinha. Ouvindo-nos conversar na língua letã, aproximou-se e começou a falar conosco em letão estropiado. Contou-nos que viera para a Sibéria há muito tempo atrás.

No começo, tudo correria bem, mas depois da revolução as circunstâncias mudaram e pioraram. Seus pai foram presos e sua mãe morreu na prisão. Ela mesma trabalhava mas ganhava mal, quando por motivos políticos, foi até mesmo proibida de trabalhar. Não conseguia encontrar ninguém que lhe desse trabalho e por isso foi obrigada a pedir esmolas. Há muito que andava de um lugar para outro, sustentada pela caridade dos outros. No verão dormia na taiga, mas no inverno procurava abrigo junto a pessoas misericordiosas. Já estava acostumada com o seu destino. A Sibéria está cheia de tais indivíduos nômades. Principalmente no sul, onde o clima é mais ameno. Caminham seguindo o curso dos rios para não se perderem nas florestas. Esses nômades já deixaram até uma trilha junto aos rios e ela conhecia regiões amplas da Sibéria. Assim, continuou o seu caminho, coberta de trapos, um saco sobre o ombro, cajado na mão, no seu passinho ligeiro.

O TRABALHO DOS ADOLESCENTES NA TAIGA

Nosso trabalho no "kolkhoz" era pesado. O mais difícil vinha com a primavera. Era preciso cavar a terra para o plantio das batatinhas. Os cavalos já tinham quase todos morrido de fome. Por isso era nossa a tarefa de cavar a terra. Cada um recebia uma quota que tinha de concluir durante o dia. Era trabalho pesado e monótono. As mãos se enchiam de bolhas que se abriam e doíam terrivelmente.

À tarde íamos colher cardos, urtigas e outros vegetais que cresciam nos brejos, para fazer sopa. Uma das maiores desgraças era faltar o sal, pois a sopa já era intragável com ele.

Na primavera a maior dificuldade era conseguir batatinhas. Não se podia comprá-las, pois todas as reservas já estavam esgotadas.

De repente, a 27 de maio de 1943, recebemos a notícia de que estavam mobilizando letões para trabalhar em Parabel. Foi com pena que deixamos nossa plantação de batatinhas, pois não sabíamos como seria nosso próximo inverno. Pusemo-nos a caminho. Esperávamos que talvez nosso próximo pouso fosse melhor do que aquele sombrio "kolkhoz" onde deixamos a nossa vovó.

EM PARABEL

Partimos bem cedo. Os pertences de todos os letões foram amontoados em duas carroças. Também os letões dos "kolkhoz" vizinhos partiram conosco. Em Tchigas descansamos um pouco e depois prosseguimos. O caminho passava quase que exclusivamente pelo meio da floresta; só de vez em quando aparecia algum campo. Em diversos lugares descansamos e também demos descanso aos cavalos. À tarde o cansaço era grande. As mulheres mais idosas revezavam-se para sentar sobre a carga. Faltavam dois quilômetros até Parabel, quando chegamos a um pequeno povoado onde resolvemos passar a noite. Era uma noite quente de verão. Ao longe, as luzinhas de Parabel e os sons de uma canção. Estávamos cansados demais e logo adormecemos. De manhã cedinho partimos novamente.

Em Parabel encontramos diversos letões. Era uma cidade não muito grande junto ao Rio Parabel. Na cidade havia casas de um e dois andares, como também luz elétrica e uma estação de rádio. Fomos até o clube instalado em uma igreja cuja torre tinha sido derrubada. Ali mandaram que nos acomodássemos. Foram chegando cada vez mais letões. Vieram também muitos bessarábios.

Foram acomodados no salão da frente. Éramos agora trezentas pessoas ao todo. Mal dava para chegar até à porta por causa da multidão.

No dia seguinte fomos ao local de trabalho de mamãe. Não a encontramos. Já pretendia ir embora, quando percebi minha irmã Dzidra saindo da cozinha com uma caneca na mão. Mal consegui reconhecê-la por causa de sua magreza, aparência desencarnada, palidez e olheiras. Suas pernas estavam cobertas de tumores. Dependurado sobre o corpo trazia um casaco verde e na cabeça, um gorro de tricô. Os pés descalços. Na mão, uma caneca, a "krinka", sem asa. Na caneca, um líquido no qual boiavam pedacinhos de pepino curtido e tomate. A sopa tinha um cheiro horrível. Essa era a comida que a União Soviética não se envergonhava de dar no almoço aos seus operários!

Ela trazia uma colher com a qual avidamente tomava aquela sopa. Contou que um certo operário cedia sua porção no almoço para elas e assim podiam comer um pouco mais.

A fisionomia dela refletia desespero, tristeza, fome e humilhação. Tendo mais ou menos saciado a fome, colocou uma tampa na caneca e contou que ia levar o restante para a pequena Maya que já a esperava com impaciência.

Nós, os recém-chegados, fomos registrados. Depois distribuíram farinha e peixe salgado. Nos primeiros dias choveu muito, por isso não pudemos acender uma fogueira para cozinhar. Buscávamos água quente de uma casa de chá vizinha, misturávamos nela a farinha e comíamos aquela papa. Depois sentíamos vontade de vomitar.

Depois que a chuva passou, acendemos uma fogueira e cozinhamos. Na casa de uns letões conhecidos até mesmo assamos pão. Depois proibiram-nos de acender fogo nas proximidades da igreja, com medo de incêndio. Foi preciso ir até a beira do rio, levando todos os apetrechos para podermos cozinhar. À noite íamos passear em Parabel. Numa das extremidades da rua principal, havia um cinema e um parque não muito grande. Havia música no alto-falante. Depois do silêncio sombrio do "kolkhoz", até que gostamos do lugar.

Um domingo fomos à feira, onde encontramos muitos letões que foram até lá para vender o que ainda lhes restava. Ficamos sabendo que muitos dos letões com os quais viajamos na barçaça já haviam morrido.

Certa manhã, mandaram que nos aprontássemos para começar a trabalhar. Era preciso rebocar uma barçaça. Umas dez pessoas iam pela margem do rio, puxando a barçaça com cordas contra a correnteza. Os que estavam no barco remavam. Trabalhando, cantávamos nossas queridas canções folclóricas.

Das barcas que chegavam era preciso descarregar sal. Geralmente era uma tarefa noturna. Era um trabalho pesado e sujo, pois o sal estava encharcado. Às

vezes mandavam-nos buscar tijolos a vários quilômetros da cidade. Eram enormes pilhas de tijolos que tínhamos de transportar por dois quilômetros até a beira do rio, de onde as barcas os levavam para mais longe.

Passávamos uma corda pelo ombro, fazendo alças na frente e nas costas, nas quais colocávamos os tijolos. Trabalhando assim o dia inteiro, as costas doíam muito e a corda acabava cortando o ombro. Como havia muita falta de transporte, o trabalho pesado nós é que tínhamos de fazer.

Depois das chuvas, o caminho não passava de um mar de lama. A terra era barrenta. Quando conseguíamos tirar um pé da lama, o outro se afundava. Era com dificuldade que conseguíamos avançar. Duzentas pessoas amassando aquele barro com os pés, tornavam o caminho intransitável. Olhando de longe, parecia engraçado que as pessoas andassem levantando as pernas daquele jeito e carregando tijolos às costas. Também nos dias quentes a tarefa era difícil. O sol esquentava, os ombros doíam e a corda cortava os ombros. Quando voltávamos para nossas barracas, adormecíamos imediatamente, sujos do jeito que chegávamos do trabalho. Fosse qual fosse o tempo, chuva ou sol, mandavam-nos trabalhar. Sofremos assim por duas semanas, até que todos os tijolos já se encontravam à beira do rio.

Então escolheram cinquenta pessoas do nosso grupo para permanecer ali em trabalho temporário. Foram escolhidos aqueles que não tinham família. Os demais foram enviados para Bilhim, a sessenta quilômetros, para o nosso novo lar.

A CAMINHO DE BILHIM

Levamos nossas coisas até o rio, onde os barcos já nos aguardavam. Os barcos levaram-nos até o lugar onde esperamos um navio. O navio não podia chegar até o embarcadouro, por causa da água rasa. Tínhamos diversos barcos à nossa disposição. Nos primeiros foram acomodados muitos jovens. Possuíam vozes lindas e possantes e cantavam nossas canções folclóricas. Longe, muito longe, ecoavam aquelas melodias cheias de saudade.

Era uma agradável tarde de verão. Logo chegamos ao nosso destino. Ajeitamo-nos para dormir ali mesmo na areia. No dia seguinte fomos nadar no Rio Parabel. Lá pela hora do almoço chegou o esperado navio "Taras Shevtchenko". Subimos a bordo onde nos indicaram lugares nos cantos escuros, nos corredores e nas passagens. O navio era idêntico àquele que seguia nossa barcaça no Rio Obí, branco, lindo. Subimos até a primeira classe, mas fomos expulsos de lá. Uma vez, todos nós, os jovens, subimos até o salão da primeira classe. Havia um piano. Muitos de nós sabiam tocar.

Naquele belo salão, sentados em poltronas macias, rodeados de plantas e lustres reluzentes, ouvindo aquela música agradável, esquecemo-nos de onde estávamos. As lembranças nos levaram de volta para a terra natal. Como era grande a vontade de viver!

Alguns começaram a valsar ao som da música, mas então entrou um funcionário e expulsou-nos dali.

Ficamos sentados no convés olhando a praia que se apresentava coberta de vegetação selvagem e árvores gigantescas. Não se via nenhum lugar habitado.

O brilho do pôr-do-sol se apagou, as sombras cresceram, somente no horizonte ainda se via uma luz dourada. Quanto mais avançávamos para o nordeste, mais selvagem a natureza parecia. Árvores arrancadas por tempestades pendiam dos barrancos, com os galhos tocando a água e as raízes à mostra. Barrancos de areia davam lugar a rochas carcomidas pelas ondas, nas margens desnudas. Lá por trás das rochas, a taiga sussurrava desabrochando ao vento da primavera, enchendo o ar com o doce cheiro da resina.

Nas taigas ao norte da Sibéria quase que só crescem pinhos da Sibéria, que perdem suas folhas no outono e brotam de novo na primavera. Ao longe via-se uma grande coluna de fogo que ondeava como urna serpente gigantesca, misturando-se com nuvens negras. Era um incêndio. Parecia que era na taiga, pois o tempo estava seco e não chovia há muito. A taiga queima até que o fogo se apague sozinho. Tal acontece quando cai uma chuva forte ou quando o fogo encontra um obstáculo natural — rios, lagos ou lugares que já foram varridos pelo fogo. Há ocasiões em que a taiga fica queimando todo o verão. Os passageiros contavam que às vezes ela se incendia sozinha por causa do calor, ou quando algum andarilho descuidado provoca o acidente. Depois do incêndio só restam campos negros e tocos queimados. Quando se sai para colher frutas silvestres pode-se encontrar trechos assim. Senti não poder observar aquele incêndio mais de perto. Seria algo pouco comum de se observar.

Tarde da noite o navio parou numa ilha deserta, onde tivemos de descer. Ninguém imaginava que aquela ilha solitária transformar-se-ia em ilha mortal para os letões.

EM BILHIM

Essa ilha, que seria nosso futuro lar, chamava-se "Bilhim". Ficava sobre o Rio Ketya, um afluente do Obí.

A ilha era deserta, com apenas alguns salgueiros. Somente ao longe vimos alguns capões de mato. Do outro lado do rio havia um bosque de choupos. A

praia era de areia branca, coberta de grama. Na ilha o improvisado abrigo de tábuas não passava de uma parede e o telhado. Tínhamos de ficar nesse abrigo. Havia ainda quatro pequenas cabanas. A maior delas, recém-construída, era a fábrica de peixes em conserva, que ainda não funcionava e nunca chegou a funcionar. Nas outras moravam os pescadores.

Com toda a pressa deixamos o navio. Os marinheiros e carregadores nos ajudaram a retirar nossos pertences. Correndo com minhas coisas pelo corredor na direção da saída, percebi que a porta da cozinha estava aberta. Não sei por que entrei lá. Talvez fosse levada pela fome constante; mas não encontrei nada comestível. Já queria sair correndo quando percebi numa prateleira, debaixo da mesa, uma panelinha de ferro. Como seria útil! Agarrei a panelinha que ainda estava quente e cheia de gordura e saí correndo. Escondendo-a debaixo das trouxas, descí correndo do navio. Essa panelinha, que adquiri de maneira tão desonesta, foi muito útil durante todo o período que estive na Sibéria e, no navio, certamente ninguém sentiu sua falta.

O navio apitou e resfolegando deslizou para as trevas da noite.

Depois que as luzes do navio desapareceram, tivemos a impressão de que toda a ligação com o mundo fora cortada. Quando nos ajeitamos no abrigo, mandaram que fôssemos buscar nossos mantimentos. Junto a uma das cabanas, onde ficava o armazém e também a venda dos produtos, foi colocada uma mesa com uma balança para distribuição do pão e do peixe.

Fizemos uma longa fila. De acordo com a lista recebemos cada um oitocentos gramas de pão e um quilo e meio de peixe salgado. Lá pela meia-noite acabaram de distribuir os produtos alimentícios. Estava escuro, quieto e não havia luz nenhuma. Deitamo-nos sobre o chão úmido porque não havia nenhuma tábua que pudéssemos usar. Assim, tão desabrigados, era a primeira vez que dormíamos na Sibéria. Nosso destino futuro parecia cada vez mais sombrio. Nossa situação parecia igual à do exilado que Karlis Skalbe descreveu em seu poema:

*Onde comecei com lágrimas
Se pousarei a cabeça sobre o duro piso,
Ou na taiga sobre o vivido tronco,
Terei somente um desejo e pensamento:
O sonho da pátria, por travesseiro tomarei
Com ela feliz novamente serei
Repousarei suave qual no embalo materno
Mesmo da morte no sofrimento*

Deitei, mas não consegui dormir. Por muito tempo ainda ouvia as risadas dos marinheiros: "Foram trazidos aqui para morrer como animais!" Seria verdade? O pensamento vagava pela taiga e subia pelo Rio Obí, até a longínqua terra natal... Quando poderia retornar?

Acordei só depois que o sol já havia nascido.

A CONSTRUÇÃO DA BARRACA

Já nos primeiros dias fomos avisados de que teríamos de construir nossa própria casa — uma barraca. Precisava ter cerca de oitenta metros de comprimento por cinco de largura, feita de turfa. Colocaram as estacas e levantaram a estrutura. A turfa foi arada em tiras e depois cortada em pedaços quadrados que eram colocados em padiolas e levados até o lugar da construção. A parede de turfa tinha cerca de um metro de espessura, com os pedaços colocados apertadamente um ao lado do outro e que, com o tempo, acabavam se solidificando numa só massa. No lugar da porta e das janelas, ficavam os buracos. Quando a turfa das proximidades acabou, araram outro pedaço, mais adiante. Isso dificultou o transporte.

Sentíamos-nos muito fracos por causa da alimentação deficiente. Nos curtos intervalos para descanso, adormecíamos imediatamente. O trabalho da construção era dirigido por chefes russos. Trabalhávamos desde a manhãzinha até tarde da noite. Depois do trabalho, ainda era preciso ficar na longa fila, à espera do pão. Logo diminuíram a ração para seiscentos gramas. As crianças e os velhos só recebiam quatrocentos gramas. Também recebíamos um quilo de sal por mês.

Na noite de S. João (Solstício de Verão), reunimo-nos no alto de uma colina, e afastando-nos da barraca, acendemos uma grande fogueira. Éramos quase todos jovens — cerca de cinquenta. Sentamos à volta da fogueira e cantamos canções letãs. Um rapaz deu início às festividades com algumas palavras bonitas. Em nosso meio encontrava-se também uma velhinha que cantara em todos os festivais na Letônia. Ela cantou para nós a canção "Terra Natal" e a cantata de Vitols dedicada "À Minha Pátria", que nos emocionaram muito. Sua voz ainda era forte e vibrante. Também as nossas canções ecoaram longe, pois muitos possuíam vozes lindas. Assim comemoramos a noite de S. João, cantando e recordando, até que o fogo se apagou.

Com muita frequência chovia copiosamente, de modo que a água penetrava pelo telhado de nossa barraca. Também nossas roupas ficavam molhadas. Constantemente acordávamos à noite com a chuva pingando em cima

da cabeça. De manhã, o terreno à volta da barraca estava todo coberto de roupas molhadas, secando ao sol. Às vezes chovia durante semanas e não podíamos secar-nos; a roupa que nos restava começou a se estragar por causa da umidade.

No tempo do calor, quando havia mosquitos e "moshkas", subíamos ao telhado para dormir, pois era mais fresco. À tarde nadávamos no rio.

Éramos duzentos letões e cem bessarábios. Estes gostavam de roubar. Principalmente no tempo chuvoso, aproveitavam para roubar as coisas que eram postas a secar. A maior parte dos bessarábios era de camponeses que tinham costumes muito parecidos com os dos russos.

Como era grande a quantidade de crianças pequenas, as mães dirigiram-se à direção do acampamento com o pedido de colocar as crianças num recinto fechado, pois dormindo sobre o chão úmido, muitas delas ficaram doentes. Mandaram os pescadores sair de uma das cabanas e acomodaram ali as mães com as crianças. Quando chovia, eu ia muitas vezes dormir lá, debaixo de uma das tarimbas. As crianças receberam produtos adicionais para que as mães pudessem lhes preparar um mingau de farinha para o almoço.

Nos primeiros dias depois que chegamos, morreu um garotinho, F.M., uma professora fez a cerimônia religiosa e nós cantamos alguns hinos. Colocamos o garoto em um ataúde improvisado de madeira e o sepultamos não muito longe da barraca.

Aqueles que ainda tinham guardados alguns produtos alimentícios, não passavam tão mal, mas quem não tinha mais nada, ficou em situação nada invejável. Colhemos todo o capim, alsina e urtigas que pudemos encontrar e cozinhávamos para comer. A volta já não se via mais nenhum capim comestível.

Na lembrança ficou aquele quadro de fome constante. Depois que recebíamos nossa quota de peixe, ninguém jogava fora as espinhas. Mas às guardávamos para comê-las torradas. Lembro-me da pequena Maya, uma vez, sentada junto à fogueira. Na frigideira, colocada sobre dois tijolos, havia algumas espinhas de peixe. Ela as virava cuidadosamente de um lado para outro para que torrassem mais depressa. Não agüentando esperar mais, ia tirando as mais torradas para comer. As mãozinhas no colo, coberta de trapos, suja, ali estava ela, esperando impaciente alguma coisa mastigável, para pôr na boca.

PROCURA DE CASCA DE BÉTULAS

Oito pessoas, entre as quais eu, foram mandadas à floresta para buscar casca de bétulas para o telhado das barracas. Com pão suficiente para vários dias, saímos de Bilhim de barco. Descemos o Rio Ketya. Paramos em diversos

lugares à procura das bétulas, mas não encontramos nenhuma árvore suficientemente grossa. Os barrancos do rio estavam cobertos de árvores enormes. Em muitos lugares encontramos também hortelã e fizemos chá com as folhas. Finalmente encontramos as bétulas. Cortamos muitos pedaços da casca, amarramos, jogamos tudo no barco e continuamos a viagem.

Os russos, depois de muitos anos de pobreza e necessidade, haviam aprendido a aproveitar muita coisa. A casca das bétulas era usada de diversas maneiras: para cobrir casas, como vasilhas, pequenos barcos, e até mesmo para calçado. Os pescadores da Sibéria dirigem habilmente suas "casquinhas", feitas de bétula, através das correntezas. Seus barcos feitos de casca de bétula e reforçados com varas de bétula não pesavam mais de oito quilos, mas podiam transportar os remadores e vários "puds" de peixes. Esses barcos eram indispensável instrumento de trabalho dos caçadores e pescadores locais. O dono podia transportá-lo nas costas de um lugar para outro, segundo a necessidade, levando-o até os lagos ou rios, onde fosse caçar ou pescar. Vimos também barquinhos feitos de madeira escavada.

Em alguns lugares onde paramos, parecia que nunca ninguém estivera lá antes. Encontramos árvores gigantescas, choupos e arbustos densos. Nem se podia ver o sol através dos galhos entrelaçados. Esquilos saltitavam sossegados de um galho para outro jogando pinhas ao chão. De vez em quando ouvíamos o grito de um "burunduk" (esquilo selvagem da Sibéria). Em alguns lugares cresciam arbustos com lindas rosas silvestres. Por toda parte o silêncio. Nem passarinhos ouvíamos cantar.

Voltamos para casa em trapos, pois as roupas se rasgaram nos arbustos espessos. Mas, durante a viagem, sentíamos-nos bem melhor do que em Bilhim, carregando as turfas e levantando a barraca.

O TRABALHO NA FLORESTA NO MEIO DOS MOSQUITOS

Mal voltamos da viagem em busca de casca de bétulas, mandaram que voltássemos à taiga em busca de madeira para a construção de "balavanks" (esquis). Depois de várias horas de viagem, descemos do barco em um ponto coberto de mata, onde, depois de caminhar alguns quilômetros, chegamos ao lugar indicado. Encontramos diversas pilhas altas de tábuas. Ao lado, um caldeirão de alcatrão fervendo. Havia um riozinho sobre o qual passava uma estreita pinguela. Tínhamos de pegar as tábuas, mergulhar as duas pontas no caldeirão de alcatrão, levar até o outro lado do riozinho e arrumá-las de modo

que ficassem isoladas umas das outras para que o alcatrão secasse mais depressa. As tábuas eram pesadas, ainda encharcadas, pois tinham acabado de chegar, flutuando pela água. A pinguela era escorregadia, devido à água cheia de limo, por isso escorregávamos frequentemente, caindo no rio. Mesmo assim continuávamos trabalhando, totalmente molhados. Fazia muito calor e os mosquitos mordiam-nos sem piedade. A taiga está tão cheia de mosquitos e pequenas moscas difícil de imaginar, a não ser que se tenha estado lá.

Na cabeça usávamos redes de proteção, sem as quais não seria possível fugir aos incômodos bichinhos. A rede tinha de ser mergulhada no alcatrão para afugentar os mosquitos. Eu também usava uma dessas redes, mas mesmo assim o rosto estava todo cheio de manchas por causa das picadas. À tarde, esgotados e cobertos de picadas, voltávamos para o acampamento. O sol se punha por trás da taiga e a sombra silenciosa das árvores parecia pulular com bandos de insetos zumbidores.

O CAPATAZ SOVIÉTICO NOS AMEAÇA

Junto à fábrica de conservas levantaram unia serraria para o preparo de telhas de madeira. Nela trabalhavam quatro pessoas. Quando as tabuinhas ficavam prontas, subíamos ao telhado onde as fixávamos com preguinhos. No começo adoramos o trabalho, mas lá pela hora do almoço, quando o sol esquentou, mal pudemos agüentar. Quanto mais alto subíamos pelo telhado, mais difícil se tornava: tínhamos tonturas ao olhar à volta. Mas logo terminamos. Também a construção da barraca já estava terminando.

Sentíamos medo só em pensar no inverno que teríamos de enfrentar naquele rústico abrigo. Trouxeram tábuas para fazer o assoalho. A buraca fora projetada para duas salas grandes e seis pequenas.

Ainda não a tínhamos terminado quando chegou Zdobnhikov, superintendente da "Voyentorg" (Administração de Compras e Vendas do Exército). Era o nosso chefe supremo, pois tínhamos sido mobilizados e alistados nessa organização.

Esse superintendente disse-nos que era preciso trabalhar com mais ânimo, pois, caso contrário, não teríamos onde passar o inverno; ele não nos daria casa. Além disso, estávamos comendo demais. No futuro iria mandar trazer uma balança para pesar a turfa e teríamos uma quota a cumprir. Felizmente não cumpriu suas ameaças. Fez a chamada para certificar-se de que ninguém havia fugido. Fez observações especialmente humilhantes àqueles que estavam com as roupas em frangalhos, como se fôssemos nós os culpados de nossa situação e não eles.

UM BANQUETE DE CARNE DE CAVALO

Certa manhã, eu e mais alguns fomos mandados pelo chefe a cortar capim no prado. O prado era pantanoso e coberto de capim alto e forte. Alcançava até a cintura. Esse capim, mais tarde, com a chegada do inverno, teria de ser amarrado em forma de tapetes que seriam colocados nas janelas, para nos proteger do frio. O prado ficava à margem do rio. Como eu não sabia ceifar, amarrava o capim em feixes que eram levados a cavalo até a barraca.

Lá pela hora do almoço, descemos até o rio para buscar água para o chá. Percebemos um cavalo morto trazido pela água. Estava inchado. Aqueles que já estavam quase morrendo de fome resolveram comer o cavalo, não pensando nas conseqüências. Apanharam as facas e cortaram os pedaços melhores. Depois de picá-los em pedacinhos, puseram no caldeirão para cozinhar. Mal aferventando a carne, os pobres coitados já se puseram a comê-la, rasgando-a com os dentes. Ainda que eu tivesse vontade enorme de aplacar a minha fome, não consegui pôr na boca aquela repelente carne de cavalo. Fiquei com ânsia de vômito e saí de perto. A fome transformara as pessoas semelhantes a animais.

Por causa da alimentação deficiente começaram a aparecer tumores. Os doentes pareciam leprosos assentados ao sol, emagrecidos, sujos e cheios de piolhos. Trabalhar não podiam, pois os tumores doíam muito. As roupas cheias de pus grudavam no corpo de modo que não se podia nem tirá-las. Assistência médica, não tínhamos nenhuma.

PROCURA DE FRUTAS SILVESTRES

Como não havia muito trabalho em Bilhim para manter todos ocupados, uma parte foi enviada a colher groselhas. Fomos pelo afluente do Ketya até um grande lago, onde desembarcamos. Já da margem viam-se verdadeiras "matas" de groselhas. Pusemo-nos em fila e entramos na floresta. Os arbustos eram tão viçosos e altos que ultrapassavam nossas cabeças. As frutas eram grandes e doces. Amadureciam rapidamente no verão curto e quente da Sibéria.

Comemos para valer as frutas que já estavam a ponto de cair dos arbustos. Depois de encher nossos cestos de bétula, jogávamos o conteúdo num grande barril que era mandado para a cidade onde seriam industrializadas. Passamos a noite à beira do lago, onde levantamos um abrigo improvisado de galhos de árvores. Junto ao abrigo acendemos uma fogueira para aquecer-nos e para espantar os mosquitos. De manhã continuamos trabalhando na floresta. Chegamos até um rio onde havia uma cabana de pescadores. Estes nos deram

alguns peixes, os quais fritamos para comer. Depois do almoço voltamos a Bilhim, mas não acertamos o caminho. Estávamos perdidos e já se aproximava a noite.

O rio recebia diversos afluentes. Avançando contra a correnteza, nosso progresso era lento. As vezes era preciso descer e puxar o barco. De repente enroscamo-nos em grandes redes que os pescadores haviam estendido. Rasgamos a rede e com dificuldade nos desembaraçamos dela, fugindo depressa para que os pescadores não nos percebessem.

Já escurecia, mas nós continuamos avançando. Foi preciso desembarcar novamente para puxar o barco. De repente surgiu um barranco íngreme de terra barrenta. O barro fora amolecido pela chuva. Era um verdadeiro mingau. As pernas enterravam-se até os joelhos — não conseguíamos 'mais andar. Começou a chover. Estávamos cansados, com fome e queríamos descansar. Quando chegamos a um lugar coberto de capim, resolvemos parar para passar a noite.

No meio da noite começou a chover forte. Ficamos ensopados até os ossos. De manhã encontramos o sinal deixado pelo caminho - um pedaço de casca de bétula branca enfiado em uma vara. Depois foi fácil encontrar o rumo. Dentro de algumas horas voltamos à ilha.

COLHENDO NOZES

Após algumas semanas mandaram-nos colher nozes a trinta quilômetros de distância. Fiquei feliz porque poderia novamente andar de barco e ver alguma coisa nova. Já à noite, deram-nos pão para vários dias, para que pudéssemos partir logo de manhã. Às quatro da madrugada partimos de Bilhim em uma "navodnhik" (barcaça).

Éramos cinquenta pessoas na barcaça grande e pesada. Como não havia rebocador, tínhamos de remar, revezando-nos de seis em seis. Em Inkim, a dez quilômetros de Bilhim, desembarcamos e ficamos à espera do navio que nos levaria mais adiante.

Depois da meia-noite chegou o "Pojarski" resfolegando. Partimos e já de manhã, cedinho, avistamos a cidadezinha de Kolpachev no alto do barranco, onde desembarcamos. Passamos a noite no ancoradouro. No dia seguinte mandaram buscar nossos pertences. Seguimos atrás das carroças. O lugar onde teríamos de colher as nozes ficava a uns cinquenta quilômetros dali.

Não muito longe de Kolpachev havia grandes plantações de batatas com as quais enchemos nossas sacolas. Lá pela hora do almoço acendemos uma

fogueira à beira do caminho onde cozinhamos e fritamos as batatas roubadas. Aquele manjar, há tanto tempo não comido, parecia delicioso.

Atravessamos uma ponte que levava a um pântano e era formada de toras e galhos amarrados. A ponte balançava quando andávamos. Chegando ao povoado de Pavlomishky, conseguimos comprar leite. Antes de chegar ao povoado seguinte — Beltrayov tentamos novamente entrar na plantação de batatas do "kolkhoz", mas não tivemos, sorte dessa vez. Chegou o guarda, levou-nos ao "kolkhoz" e mandou esvaziar as sacolas, ameaçando-nos que na próxima vez seríamos castigados. Depois disso apressamo-nos em sair da região, o mais depressa possível. Pelo caminho encontramos muitas framboesas que comemos à vontade.

À noite chegamos a um povoado que ficava à beira da floresta. Alguns permaneceram lá, mas nós, os restantes, preferimos dormir ao ar livre. Acendemos grandes fogueiras, sentamo-nos à volta e assamos batatas e nozes. Ficamos relembrando o passado.

No dia seguinte, lá pela hora do almoço, chegamos ao local indicado. Uma parte se acomodou numa cabana desocupada, mas os demais ficaram com os russos. Seis dos nossos resolveram passar a noite na casa de uma mulher russa que tinha um quarto grande.

No dia seguinte fomos divididos em brigadas (grupos para execução de determinadas tarefas) e fomos mandados à floresta. Cada brigada era composta, de dez pessoas. Nas redondezas já não havia mais nozes, por isso tivemos de seguir uns oito quilômetros até a mata seguinte.

Depois de avançar uns quatro quilômetros pela mata adentro, achamos um lugar para armar nosso acampamento. Arrumamos nossas camas em cima de varas. Não muito longe havia um pântano de onde tiramos água amarelada para fazer chá. Um de cada vez ficava no acampamento tomando conta da fogueira e das nozes, enquanto os demais penetravam cada vez mais na floresta.

Com a "kaltushka", um grande bastão, que era feito de madeira verde para ficar mais pesado, batia-se contra o tronco dos cedros. O chão ficava atapetado de pinhas por causa do golpe. Colhíamos as nozes em cestos de bétula e as colocávamos em sacos. Depois os levávamos para o acampamento.

Podíamos comer as nozes à vontade. Eram deliciosas, principalmente torradas na frigideira. À noite, voltando ao acampamento, assávamos nozes e batatas que arrancávamos da plantação à beira da floresta.

Uma vez, após forte chuva, não quisemos dormir sobre o chão molhado, e fomos até o povoado vizinho para pernoitar. Não muito distante dos portões do

povoado havia uma leiteria, onde nos deram de beber soro de leite. Bebemos quantidades enormes, pois estávamos com muita sede.

Era preciso entrar cada vez mais na floresta, à procura de nozes. Num determinado lugar percebemos um buraco enorme cheio de musgo. Vimos grandes pegadas frescas e esterco. Era uma toca de urso, mas felizmente o próprio dono não se encontrava ali. Era perigoso colher nozes naquela região, por isso nos esforçamos bastante para voltar o mais depressa possível ao acampamento.

Junto ao nosso acampamento, os chefes das brigadas instalaram uma indústria primitiva para secagem de nozes. Abriram um buraco do comprimento de uma pessoa e por cima colocaram uma tela de metal. No buraco acendemos fogo e espalhamos as nozes em cima da tela. Depois de arrebentar a casca das pinhas com bastões de madeira para retirar as nozes, estas eram mexidas com pequenas pás. Secavam sobre fogo lento e sempre igual. Depois de secas eram postas em sacos e mandadas para a cidade, onde delas se extraía azeite valioso. Depois de dar conta da nossa quota, voltamos para o povoado. Ali mandaram que ajudássemos as outras brigadas a bater as pinhas que haviam colhido.

O processo era o seguinte: sobre um banquinho de madeira com uma concavidade no meio colocava-se a pinha. Depois, sentando-se na outra ponta do banquinho, com um pau chanfrado do tipo que as camponesas usavam para bater roupa — batia-se e esfregava-se a pinha até que a casca saísse ficando somente a noz. Em seguida as nozes eram colocadas num vaso comum.

Depois dessa tarefa, eu e outros fomos mandados até o rio para buscar lenha seca, com a qual acenderam a sauna e pudemos tomar um banho quente, coisa que há muito não fazíamos.

À noite, a Sra. N. contava acontecimentos interessantes e cantava para nós árias de ópera. Sentimo-nos muito tristes quando nos avisaram que teríamos de voltar para Bilhim. Depois da vida sombria na ilha, o tempo passado aqui foi muito agradável. Já não sentíamos mais tanta fome depois de comer nozes, batatas e outras delícias.

PELO RIO OBI ATÉ BILHIM

Foi preciso voltar para Bilhim de barco. Foi uma viagem longa. Do pequeno afluente passamos para o grande Obí. Era tarde. Começou a escurecer, trovejar e chover. O vento tornava-se cada vez mais forte. Houve uma tempestade. Ficou tudo escuro. Nós, por infelicidade, encontrávamo-nos no meio do trecho mais largo do Obi, onde dos barrancos íngremes havia caído árvores imensas arrancadas pela tempestade. Em muitos lugares, junto aos

barrancos, podiam-se ver os galhos das árvores caídas aparecendo sob a água. O rio começou a ondear fortemente. O vento jogava nosso barquinho, que oscilava no meio das grandes ondas. Aproximamo-nos do barranco, mas não conseguimos atracar. Um pouco adiante, do outro lado, o barranco era um pouco mais baixo. Vimos ali um campo com montes de feno. Não muito à frente, uma galharia mal perceptível debaixo da água. Quisemos desviar o barco, mas o vento era forte demais. Parecia que, a qualquer momento, o barco se encheria de água e nos afogariamos. Então um rapaz esperto freou o barco usando um dos remos. Com muito esforço escapamos da galharia e remamos para o outro lado, a muito custo. Com as forças que nos restavam, chegamos até o barranco menos alto. Saímos do barco e o puxamos para cima. Estávamos molhados até os ossos.

Cavamos buracos nos montes de feno e ali dentro passamos a noite. Mal desembarcamos, a tempestade piorou. Nunca me esquecerei dessa noite terrível. O grande Rio Obí levantava ondas em toda a sua grandeza. As velhas árvores retorciam-se. Pareciam prestes a cair no rio. Trovejava e relâmpagos cortavam o céu.

Pela manhã a tempestade amainou e o rio aquietou-se. Entramos no barquinho e continuamos nossa viagem. Logo passamos do Obí para o seu afluente. Admiramos suas lindas praias de areia branca. Aqui e ali, miseráveis cabanas de pescadores.

À noite chegamos a Bilhim. Durante a nossa ausência haviam chegado também os cem letões que ficaram em Pabel. Estes fizeram tendas com lençóis para passar a noite.

COLHENDO FRUTOS SILVESTRES

Chegou a época de colher frutos silvestres. Fomos levados até uma região, cerca de cem quilômetros distante. Viajamos de barcaça dia e noite. Chegamos ao povoado de Zaikin, onde nos acomodaram nos recintos abandonados do clube. Ficamos ali uma semana. O pão que nos deram para a viagem acabou. Fomos mendigar alguma coisa para comer. Num lugar deram-nos rabanetes já passados. Sentimo-nos mal depois de comê-los. Muitos iam à noite visitar as hortas e traziam batatas e legumes. Alguns dias tivemos de trabalhar no "kolkhoz" arrancando batatas. Nesses dias comemos decentemente e ainda ganhamos alguma coisa.

Finalmente pudemos partir para a floresta, onde havia barracas cerca de vinte quilômetros adiante. Encontramos outros letões de Bilhim. A floresta era grande e linda — lembrava a floresta junto às praias de Riga. Nossa barraca não tinha telhado, restando apenas algumas tábuas podres, dependuradas aqui e ali.

As janelas não passavam de buracos quadrados. O chão, de terra batida. Tudo estava abandonado, ninguém consertava nada. Os letões que chegaram primeiro já tinham se acomodado sobre as tarimbas, mas nós tivemos de dormir no chão, que ainda estava úmido da chuva. No dia seguinte, nós, os que tínhamos acabado de chegar, tivemos de entrar ainda mais na floresta, pois nas redondezas já não havia mais frutas, mas os que haviam chegado antes foram mandados de volta para Bilhim. Entre esses, também minha mãe e minhas irmãs. Deixaram que eu escolhesse. Prefери ficar na floresta, para comer os doces arandos, em lugar de voltar ao trabalho pesado de Bilhim.

Encontrei minhas irmãs, mas não vi mamãe. Minhas irmãs contaram-me que o comportamento de mamãe não era normal. Uma vez tendo voltado da floresta sem ter colhido nada, ajoelhou-se junto à fogueira e começou a gritar e a falar coisas sem nexo. De modo geral já não dizia mais coisa com coisa. Estava sofrendo de hidropisia, toda inchada dos pés à cabeça. Muitos morriam de hidropisia em Bilhim. Tive vontade de rever mamãe mais uma vez, mas ela estava na floresta colhendo arandos. Como estava na hora de partir, não pude demorar-me mais.

Caminhamos dez quilómetros. No caminho apanhamos chuva e neve. Ficamos ensopados. Acendemos fogueiras e secamos a roupa. Nesse ponto havia duas barracas pequenas, melhores do que as anteriores, pois ao menos tinham telhado. Limpamos a sujeira e arrumamos nossas camas.

Tínhamos de colher trinta litros de arandos. Era a quota diária para receber seiscentos gramas de pão. Os frutos eram jogados em barris que seguiam para as cidades. No começo conseguimos atingir a quota, pois os arandos cresciam ali mesmo, onde ninguém ainda os tinha colhido. Mais tarde, quando tivemos de entrar pela floresta adentro, não conseguimos mais atingir a quota. À noite, quando entregávamos os frutos, ficávamos com uma parte para o jantar. Nós os cozinhávamos até virar geléia. Os frutos aqui eram especialmente grandes e doces. Nunca havia comido iguais na Letônia. Muitos trouxeram baldes e vasilhas, nos quais prepararam geléia para levar de volta a Bilhim.

À noite acendíamos a fogueira pelo método russo. Dois cepos grandes de lenha eram colocados um-ao lado do outro com um bom espaço entre os dois. Levantavam-se os cepos do chão, nas duas extremidades, sobre escoras de madeira. Em baixo, usando lenha miúda, acendia-se o fogo em todo o comprimento, incendiando assim os cepos que queimavam até o amanhecer, proporcionando-nos calor. À noite ficávamos muito tempo ao pé do fogo.

O inverno se aproximava, mas nós continuávamos na floresta. Começou a fazer frio. Nevava. À noite, muita geada. Sentíamos muito frio porque quase não

tínhamos roupa. Estávamos preocupados com a nossa volta a Bilhim. Mas como já não restavam mais frutos a serem colhidos, finalmente mandaram-nos para casa. Vieram nos buscar de carroça, na qual colocamos nossos pequenos pertences. A neve já caíra numa espessura de cinco centímetros. Nesse dia o frio também estava mais intenso do que nos outros. Muitos só vestiam trapos e tinham os pés, descalços. O caminho de volta foi horrível. Tropeçando e caindo seguíamos atrás da carroça. A estrada era péssima. Em certos lugares havia poças d'água formadas pela neve que derretia. Eu calçava botas furadas, de modo que as plantas dos pés praticamente tocavam o chão. À volta das pernas enrolei pedaços de pano que ficaram totalmente molhados

Tiritando de frio, mortos de cansaço e de fome, chegamos à noite em Zaikin. O clube onde havíamos dormido antes estava trancado e ninguém nos deixou entrar. Já era muito tarde quando fomos pedir pousada nas casas dos habitantes do lugar, mas ninguém queria deixar que pessoas tão maltrapilhas entrassem. Alguns conseguiram pouso numa casa, mas os demais tiveram de dormir à beira do rio, debaixo dos barcos.

DE BARCO ATÉ BILHIM

De Bilhim vieram duas barcas para nos buscar, nas quais acomodaram cerca de cinquenta pessoas. A viagem foi difícil, pois subimos o rio contra a correnteza. À tarde começou a nevar e o vento era frio e cortante. Revezávamo-nos constantemente nos remos para nos aquecermos. Os barcos estavam carregados de pessoas e coisas. O frio era terrível. Com os pés debaixo do corpo, ficávamos acorados no barco, em cima de nossas coisas. Não tínhamos luvas. As mãos congelavam a ponto de não podermos mexê-las e também os pés estavam enregelados. Já estávamos em outubro e o rio estava para congelar.

À noite chegamos a Kapilovky, um pequeno centro madeireiro. Ouvimos o som de um apito, anunciando o término do trabalho. Os operários apressavam-se na volta para casa. A parada foi curta, pois ali morava um dos chefes das brigadas. Depois de alguns quilômetros, paramos num lugar onde havia uma barraca vazia e ali passamos a noite. Acendemos o fogão e nos aquecemos. Fora, também queimava uma fogueira, pois no recinto não havia lugar para todos. A barraca era pequena e tivemos de nos apertar bastante para que houvesse lugar para todos se acomodarem. Uns ficaram sentados, outros de pé, outros deitados. Dormindo, conseguimos nos aquecer, e de manhã não tínhamos vontade de nos levantar. A frente ainda estava a metade menor do caminho.

Voltamos aos barcos que durante a noite haviam sido cobertos por grossa camada de gelo, e prosseguimos. As mãos grudavam nos remos congelados. Sangravam quando conseguíamos arrancá-las. Muito devagar conseguimos avançar, pois um vento muito forte soprava contrário empurrando-nos para trás. Às vezes parecia que nem sequer saíamos do lugar. De nada adiantava sermos oito remadores. Quanto mais nos aproximávamos de Bilhim mais cansados nos sentíamos. Em alguns lugares, onde era possível descer, desciam aqueles que tinham calçados. Amarramos uma corda comprida ao barco para puxá-lo enquanto os remadores ajudavam remando. Parecíamos com os antigos barqueiros do Volga.

A neve já caía em grandes flocos e a camada que recobria a terra tornava-se cada vez mais espessa. A neve também recobria nossos farrapos. Molhados, tremíamos de frio. Puxávamos o barco com todas as nossas forças para esquentar um pouco. De repente, barrancos altos, íngremes. Era preciso voltar ao barco. A noite estávamos tão gelados que não dava nem para se mexer. Descemos do barco e seguimos a pé até Bilhim. No barco só ficaram os remadores. O rio começava a se recobrir, a partir das margens, de uma fina camada de gelo. Parecia que nosso barco ia ficar preso no gelo.

Bilhim já se aproximava e podíamos até ver a barraca. Atravessamos o rio e a 15 de outubro chegamos a Bilhim.

TUDO PERTENCE AO "POVO" SOVIÉTICO, NADA É NOSSO

À nossa frente vimos uma barraca comprida. Logo nossos barcos também atracaram. Pegamos nossos pertences e já nos dirigíamos para o abrigo, quando os chefes das brigadas se aproximaram para examinar nossas trouxas. Aqueles que tinham geléia em baldes e vasilhas foram roubados pelos "patrões". Alguns conseguiram escondê-la e levá-la para a barraca. Outros começaram a lutar com os chefes, na tentativa de recuperar a geléia. A maior parte, entretanto, perdeu a sua, embora não houvesse nenhum regulamento que proibisse fazer geléia para uso próprio.

Esse roubo arbitrário criou grande indignação. Muitos pegaram pedaços de pau para bater nos chefes. Aquelas pessoas tão magras, em farrapos, lutando contra os vigorosos russos. Uma velhinha, apertando contra o peito sua porçãozinha de geléia, tentou levá-la despercebida para a barraca. De repente um russo aproximou-se dela correndo e tentou arrancar o vasilhame. Com todas as forças ela se agarrou à sua propriedade e implorava, mas de nada adiantou.

Arrancaram-lhe as últimas peças de roupa que ficaram em tiras, foi jogada ao chão e a geléia foi lhe tomada. Ao cair, machucou a cabeça e as costas tão fortemente que não conseguia mais levantar-se. Os homens levaram-na carregada para a barraca, onde morreu dentro de uma semana, devido ao grande choque.

Durante a nossa ausência, mais uns cem letões foram mandados para Kolpachev, inclusive minha mãe e irmãs. Também os bessarábios não estavam mais lá. O trabalho era pouco para tanta gente, por isso seus nomes começaram a ser riscados da relação dos mobilizados. Recebemos notícias de Kolpachev dizendo que muitos já haviam se acomodado, num ambiente mais humano e insistiam conosco para que fugíssemos de Bilhim.

INVERNO EM BILHIM

Primeiro instalaram-nos em uma das dependências da barraca. Éramos mais de vinte pessoas. Nossa barraca parecia um ninho de andorinhas rebocado de barro. O telhado havia desmoronado numa das pontas, sob as grandes chuvas do outono. O barro começou a escorrer dentro, por isso tiveram de consertá-la várias vezes. As paredes eram grossas e não deixavam passar o frio. As portas também eram resistentes, mas não havia vidros nas janelas. No lugar das janelas colocaram lençóis brancos; por isso havia sempre uma obscuridade dentro do recinto.

No meio do recinto havia um grande forno russo. Dormíamos sobre tarimbas de madeira. É claro que não tínhamos mesa nem cadeiras. Como por milagre, haviam construído também uma sauna na beira do rio. Por causa da grande sujeira, tínhamos piolhos na roupa. À noite, levávamos a roupa para fora, a fim de que o grande frio matasse os piolhos, mas começaram a sumir peças e, então, deixamos de fazê-lo.

Por falta de lenha acendíamos a sauna só de quinze em quinze dias. Um dia mandaram-nos de volta ao trabalho. Era preciso trazer, do outro lado do rio, madeira para a construção de um depósito de gelo. Foi estipulada uma quota, contra a qual receberíamos pão. À hora do almoço corríamos para a barraca onde havia distribuição de sopa. Era feita na cozinha ao lado da barraca. Na verdade não se podia nem chamá-la de sopa, pois não passava de água suja com um pedacinho de peixe. Primeiro cozinhavam os peixes até se desmancharem e, então, engrossavam o líquido com farinha. A quota de alimentos por pessoa era de cinquenta gramas de peixe e vinte gramas de farinha por dia. Para consegui-la era preciso ficar numa longa fila, do lado de fora, junto à porta da cozinha. Com essa alimentação passamos três meses.

Certa noite fui roubada enquanto dormia no quarto grande da barraca. Roubaram-me algumas jóias pequenas de ouro e as melhores roupas que eu tinha, que mais tarde foram vendidas.

Nosso chefe encontrou uma outra ocupação para nós. Do outro lado do rio havia uma barcaça que fora puxada do fundo do rio. Fora construída de madeira boa, com grandes pregos. A diretoria do acampamento precisou dos pregos e mandaram-nos arrancá-los da barcaça. Não conseguimos arrancá-los com alicates e cortar a madeira do barco com um machado não passou pela cabeça de ninguém, por isso resolveram queimar o barco para aproveitar os pregos. Mandaram que trouxéssemos lenha da floresta para amontoa-la junto ao barco a fim de queimá-lo. Considerando que não havia florestas ali perto, era difícil obter lenha.

Essa lenha que tivemos de trazer, era a mesma que nos dias de folga, durante o outono, tínhamos empilhado para usar durante o inverno. Agora nosso esforço se desfazia em cinzas por causa de alguns pregos velhos, os quais, depois de queimados não serviriam para nada. Nem no inverno tínhamos lenha para nos aquecer.

Quando nos negamos a carregar a lenha, o superintendente disse que não nos dariam mais pão nem sopa. Um dia ficamos de greve no quarto, mas depois a fome venceu e fomos obrigados a trabalhar. Tínhamos também a quota de quanta lenha cada um teria de carregar. Com esse trabalho passamos um mês, até que nossa lenha toda foi reduzida a cinzas e os pregos retirados do barco.

Chegaram os russos para tecer cestos. Eles precisavam de acomodação e por isso transferiram-nos para um quarto menor, onde éramos em onze pessoas. Ali era melhor. Já estávamos em dezembro e o frio aumentava dia a dia. Era muito difícil conseguir lenha e precisávamos andar muito para achar alguma. Quando a trazíamos nós a colocávamos numa pilha junto à nossa porta, mas de noite sempre aparecia alguém para roubá-la.

Todas as manhãs éramos acordados às seis e meia pelo som do sino. Servia de sino uma relha de arado. Tocavam o sino também à hora do almoço

HIDROPISIA, MORTE PELA FOME E DESESPERO

Morria-se de fome em Bilhim. É claro que o pouquinho que recebíamos para comer não era suficiente. Se alguém ainda tinha alguma peça de roupa aproveitável, procurava trocá-la, aos domingos, no povoado vizinho, por alguma coisa comestível. Os mais desesperados andavam pelas latas de lixo à procura de cascas de batatas e de outros restos que pudessem ser comidos.

Diversas mulheres ficaram doentes, foram inchando aos poucos e morreram. Numa só semana tivemos cinco casos de morte. O inchaço era devido à fome, à má alimentação e ao enorme frio. (Começava nas pernas, tornando-se difícil andar, depois passava para o tronco e a parte superior. Finalmente o rosto inchava a ponto de não podermos mais nem reconhecer a pessoa. À hidropisia também afetava o cérebro, e a fala tornava-se incoerente. A pele ficava amarela, cor de cera, como a de um defunto. A maior parte das mortes em Bilhim foram devido à hidropisia.

Com a entrada do mês de dezembro, não passava uma semana sem que alguém morresse. De manhã, quando levantávamos, perguntávamos quem seria o próximo.

No começo do mês recebi a notícia, através dos letões instalados em Kolpachev, que minha mãe morrera de hidropisia, a 17 de outubro de 1943, no hospital de Kolpachev. Minha apatia era tão grande, que recebi a notícia com indiferença. Não fiquei admirada, pois no outono, quando estávamos colhendo frutos silvestres na floresta, ela já estava bastante inchada. Ela e minhas irmãs estavam andando pela rua, quando minha mãe subitamente caiu, incapaz de continuar andando. Foi então levada para o hospital numa carroça, morrendo naquela mesma noite sem recobrar a consciência.

Uma vez também eu acompanhei outros até o povoado, mas me arrependi, pois quase não consegui voltar. Saímos domingo de manhã. O caminho passava pelos barrancos do rio. Eram doze quilômetros de caminhada. Não muito distante de Bilhim havia uma cabana de pescadores onde nos ofereceram peixe congelado, o qual também eles estavam comendo. O peixe congelado é cortado em fatias fininhas e comido com pão. Era gostoso, só que os dentes estranharam o frio. Era um peixe da Sibéria, muito caro, chamado “sterlet”, gordo e sem espinhas miúdas. O gosto era peculiar, como também o aspecto. Era de um cinza escuro, pequeno de tamanho, com barbatanas curtas e afiadas nas costas. Quando se fazia sopa dele, formava-se grossa camada de gordura na superfície.

O povoado era pequeno e miserável. Não conseguimos nada para comer. Num lugar deram-nos uma vasilha com repolho gelado. Outros até mesmo punham-nos a correr com os cachorros atrás. Começou a escurecer e pusemo-nos a caminho. Nevava. Perto da casa dos pescadores havia buracos abertos no gelo. Era preciso tomar muito cuidado para não cair em um deles. Rapidamente, a neve cobriu o gelo. Na escuridão, tornava-se difícil perceber os buracos. Tínhamos cajados para examinar o caminho à nossa frente. Cuidadosamente, com muito medo, passamos pelos buracos.

Muito cansados, arrastando os pés, voltamos para Bilhim. Mais tarde contaram-nos que uma mulher, andando sozinha, caíra num daqueles buracos e se afogara.

A CONSTRUÇÃO DO DEPÓSITO DE GELO

Já no verão fora concluída uma construção de dois andares onde pretendia-se instalar uma fábrica de peixes em conserva. Por isso tivemos de construir, ao lado, um depósito de gelo. Tudo foi feito sem nenhum plano ou cálculo. Primeiro levantou-se uma cerca. Depois trouxemos gelo, fazendo algo parecido com um porão. Trazíamos o gelo em trenós, jogávamos no cercado e derramávamos água em cima para que se solidificasse em uma só peça.

Chegou o grande frio, um frio tipicamente siberiano. Nossas roupas não eram adequadas. Em lugar de luvas enrolávamos pedaços de pano nas mãos, os quais se rasgavam durante o trabalho. Calçávamos os pés com pedaços de casca de tília. Não recebemos nenhuma peça de roupa extra e as nossas já estavam em farrapos. Todos sentiam muito frio e uma fome constante.

Sem a menor assistência trabalhamos num frio de cinquenta graus abaixo de zero, construindo aquele depósito, mexendo com gelo e água. Uns quebravam o gelo e o cortavam em pedaços menores, para que pudesse ser colocado sobre o trenó. Outros, como se fossem cavalos, puxavam os trenós carregados de grandes blocos de gelo. Não era permitido a mais de quatro pessoas puxarem o trenó. O lago ficava bastante longe e, no começo, o caminho era difícil. Depois de sulcados os trilhos, tornou-se mais fácil puxar os trenós. O gelo era jogado no cercado. Outros traziam barris com água para jogar em cima.

Eu tinha de cumprir a tarefa de tirar a água dos barris e derramá-la por cima do gelo. Os baldes eram pesados, pois estavam congelados, com uma camada grossa de gelo à volta. Trazia nos pés minhas galochas gastas e escorregava muito. Caía com frequência, derrubando a água em cima de mim. As luvas feitas de panos velhos molharam-se e grudaram na alça do balde. Não tinha mais panos para fazer outras. Os pés molhados estavam a o ponto de congelar. Na hora do almoço estava tão congelada que, entrando na barraca, tive de esfregar as mãos e os pés com neve para reanimá-los. Estavam vermelhos. O rosto, principalmente o nariz, estava gelado. Mas continuamos assim, dia após dia, de manhã até à noite.

Não permitiam que descansássemos. O chefe da brigada ficava observando, gritava ordens e anotava o trabalho de cada um. Se alguém parava por causa do cansaço, não recebia pão no final do dia. As quotas estipuladas eram muito altas para que não precisassem dar muito pão.

À noite, totalmente congelados, ficávamos numa longa fila, ainda expostos ao frio, para receber o pão. Às vezes acontecia que o pão assado não era suficiente para todos. Muitos ficavam sem comer naquele dia. Até os trabalhadores mais capazes, inexplicavelmente, recebiam somente quatrocentos gramas de pão por dia. Os distribuidores do pão tinham uma relação, indicando que quantia de pão cada um iria receber.

LUTA FÍSICA PELO PÃO

À direção do acampamento, vergonhosamente, roubava o pão que nos era destinado, elevando nossas quotas de trabalho. Não aguentávamos mais. Certa manhã, quando apareceu o superintendente geral, ajuntamo-nos diante do seu escritório e esperamos que saísse para queixarmo-nos da situação insustentável. Saindo, ele berrou conosco, perguntando por que não estávamos trabalhando. Pedimos que aumentasse nossas rações. Ele não nos quis dar ouvidos. Então, quando foi cercado pelos rapazes mais fortes que o ameaçaram fisicamente, dizendo que não tinha outra saída, assustou-se e rapidamente concordou conosco.

Daquele dia em diante os trabalhadores passaram a receber seiscentos gramas de pão por dia. Assim trabalhávamos como escravos. Pelo trabalho não recebíamos nem um centavo, só nossa ração de pão, com a qual tentavam-nos como a cachorrinhos esfomeados.

Soubemos que diversas mulheres letãs haviam morrido congeladas na neve. Estavam se dirigindo ao povoado, com suas últimas peças de roupa, para trocá-las por mantimentos com que alimentar os filhinhos. Conseguiram chegar até lá, mas na volta assentaram-se na neve para descansar. Já estavam doentes com hidropisia. As pernas pareciam troncos de madeira, de tão inchadas. Com sacos de mantimentos nas costas, até onde poderiam chegar? Depois que se sentaram, não se levantaram mais. Veio o sono.

As mulheres foram encontradas por um russo, congeladas à beira do caminho. Mais tarde ele as trouxe a Bilhim, onde, numa cova rasa, perto dos salgueiros, foram sepultadas ao lado de outros letões.

Às crianças que ficavam órfãs, eram colocadas em orfanatos russos, para que fossem educadas como verdadeiros cidadãos soviéticos. Mais tarde, quando voltamos à Letônia, foram tiradas dos orfanatos, pois os parentes reclamaram-nas. Mas as crianças já não sabiam mais falar a língua letã, somente o russo.

MINHA DOENÇA

No meio do inverno, num dia mais frio do que os outros, estávamos trabalhando ininterruptamente na construção do depósito. Nossos rostos estavam brancos de gelo. Estávamos molhados e sentíamos-nos congelando. Entramos no vestíbulo do escritório para nos aquecermos um pouco junto ao fogãozinho de ferro. Mal tiramos os panos que nos cobriam as mãos, um funcionário entrou gritando e dizendo que não receberíamos pão naquele dia se não trabalhássemos. Enxotou-nos dali. Caí e fiquei toda ensopada. Tive dificuldade em me levantar e me senti muito mal. Com esforço voltei para perto do fogão. Dali a pouco o chefe da brigada empurrou-me para fora, insistindo que trabalhasse. Tirando a água dos barris com o balde, as luvas improvisadas saíram das mãos. Grudaram no balde e, quando puxei, rasgaram-se. Às mãos estavam roxas. Também os pés eu não sentia mais. O rosto estava congelado e eu tremia sem parar. Com as mãos nuas, ainda tirei o último balde de água. Depois as pernas começaram a dobrar-se e ficou tudo escuro. Chorando de dor ainda consegui me arrastar até a barraca e caí em cima de minha tarimba. Alguém tirou minhas roupas molhadas, esfregou-me os pés e as mãos com neve e me cobriu.

Sentia-me muito mal. Tremia de frio e ardia em febre, alternadamente. Sentia dores no peito, que desciam pelos lados, sob as costelas. Comentavam acertadamente que devia ser pneumonia. Fiquei assim por três semanas. Durante esse período tinha de me apresentar ao nosso “médico” para que me desse atestado para o recebimento do pão.

Ardia em febre, sentindo que a temperatura devia estar muito alta, As pernas não me obedeciam. Com dificuldade ia até o “médico” de Bilhim. Esse homem, de nacionalidade russa, não passava de um velho sapateiro que fizera algum curso de enfermagem, trabalhando no exército. Agora ele se dedicava, de acordo com a necessidade, ao conserto de sapatos ou ao conserto de pessoas. Tinha se alojado numa das extremidades da barraca. Quando fui procurá-lo, estava consertando um velho par de botas e eu precisei ficar de pé até que terminasse de bater o último preguinho. De repente olhou para mim, cheio de ódio, gritando. Queria saber o que eu precisava e por que o incomodava. Quando lhe expliquei, ele resmungou que hoje em dia ninguém queria trabalhar, que viviam pedindo-lhe atestados. Depois de limpar as mãos em seu avental de couro, pegou um pedaço de papel e desajeitadamente, com letras muito grandes, passou o atestado que deveria apresentar no escritório. Depois pegou da prateleira empoeirada uma garrafa grande com um líquido avermelhado, da qual

derramou um pouco numa menor e, sem me perguntar o que eu sentia, disse que tomasse o remédio três vezes por dia.

Durante o período da doença recebi quinhentos gramas de pão. Numa grande demonstração de caridade, deram-me meio litro de arandos congelados.

Quando havia nevasca, eu dormia mal. Nas janelas, em lugar de vidros, havia lençóis. Por trás deles, montes de neve. Quando acendíamos o fogão, a neve derretia e molhava os lençóis que, mais tarde congelavam. Minha tarimba ficava bem ao lado da janela, de modo que o vento e a nevasca sopravam diretamente em cima de mim. Durante a doença, quando tinha febre alta, dormia toda ensopada de suor. Então vinha o vento que sacudia os lençóis das janelas, dando a impressão de que ia rasgá-los. O vento atravessava as cobertas e eu tremia de frio. Tais condições pioraram a doença.

Durante esse período emagreci ainda mais e fiquei muito fraca. Quando recomecei a trabalhar carregando água, mal aguentei carregar um balde. Durante a convalescença, a fome era grande, mas não havia nada para se comer. Às vezes, quando os ocupantes de nosso quarto conseguiam obter mantimentos e preparavam comida, o cheiro era tão tentador que a boca se enchia de água e a vontade de comer aumentava. Nessas ocasiões cobria a cabeça com as cobertas.

Dormindo naquela correnteza de ar, meus ouvidos inflamaram. Doíam e mais tarde fiquei temporariamente surda. Fui à procura da enfermeira. Era russa e tinha acabado de chegar. Pelo menos era limpa e ordeira. Todos os dias lavava meus ouvidos até que recobrei a audição.

A Sra. K. enviou-me alguns produtos alimentícios e me escreveu que tentasse ir para Kolpachev, pois em Bilhim eu acabaria morrendo. Ela me ajudaria a conseguir um lugar para ficar e tudo se arranjaría. Seguindo os conselhos da Sra. K., disse à enfermeira que os ouvidos doíam cada vez mais. Ela foi muito boa comigo e me deu um passe para ir ao médico em Kolpachev.

Tive sorte com o truque usado por todos aqueles que tentavam sair de Bilhim. O chefe também não me negou o passe. Não precisei voltar ao trabalho. Arrumei o restante dos meus pertences, despedi-me dos outros letões e fiquei à espera da carroça que me levaria para Kolpachev.

A CAMINHO DE KOLPACHEV

À hora do almoço saímos de Bilhim. Até Kolpachev eram noventa quilômetros de estrada gelada. Estavam levando dois carregamentos de lã e sobre um deles colocaram minha trouxinha. Conforme nos afastávamos de Bilhim, fui tomada de grande sensação de alegria. Parecia que estava deixando

para trás todo o mal. Numa volta do caminho ainda voltei-me para trás para olhar - um campo infinito de neve e, ao longe, lá no horizonte, delineava-se a floresta como um fio negro. No meio daquele campo uma barraca, lembrando uma prisão. As poucas janelas, fechadas com lençóis. Não muito longe da barraca, algumas construções e os salgueiros. Era horrível lembrar tudo o que havia passado ali. Em quatro meses, dos duzentos letões morreram cinquenta, e outro tanto dos bessarábios. (Observação: não existe nenhuma relação oficial da mortalidade entre os deportados, e as repartições públicas soviéticas não estão interessadas em publicá-las. Por isso faz-se necessário ouvir as testemunhas oculares, das quais esta é uma. Além disso é preciso notar que, neste exemplo, não se está falando de mortes nas colônias penais soviéticas sob um regime ainda mais impiedoso, mas apenas de exilados. Se acrescentarmos ainda aqueles que morreram nos porões e prisões da Tcheca, teremos uma rápida visão do aniquilamento da nação letã sob o poderio soviético). Todos morreram de fome, principalmente com hidropisia. Ficaram muitos órfãos. Muitos ficaram marcados para o resto da vida. Foram tantos os holocaustos de letões nessa ilha da morte na Sibéria! E não era o único lugar onde morriam tantos patrícios. À ilha de Bilhim tornou-se um dos cemitérios da nação letã. Outros testemunhos anteriores já tinham provado que um número muito grande de letões deportados foram aniquilados em Solhikamsky, nos Urais, que é considerado o cemitério dos intelectuais letões, assim como também Norilhsky, perto de Yenhisey, apontado como o cemitério dos oficiais letões. À Sibéria está cheia de lugares assim, como Vasyugan, onde poucos sobreviveram.

Os letões que ficaram em Bilhim vieram a Kolpachev dois meses depois. Com as grandes enchentes da primavera, nossa barraca desmoronou e foi levada pelo rio.

Quando não mais conseguia andar, deixaram que me ajeitasse em cima do carregamento. Os cavalos eram magros e fracos, cheios de ossos aparecendo. Mal tinham forças para puxar as carroças.

Na viagem éramos seis: cinco russos e eu. À noite alcançamos um povoado onde resolvemos pedir pouso. Só havíamos percorrido vinte e cinco quilômetros. Conseguimos obter um lugar para dormir. Eram dois quartos grandes, um para dormir, outro para comer. Deram-nos chá quente. Tirei o calçado. Os pés estavam cheios de bolhas. Mas, com o calor, adormeci depressa.

De manhã, ainda estava escuro, quando partimos novamente. Os pés estavam inchados e doíam. Só com muita dificuldade consegui calçar as galochas. Lá fora fazia muito frio, que, com o nascer do sol, aumentou ainda mais. Conforme caminhávamos, era preciso esfregar os pés de vez em quando

com neve. À noite alcançamos um povoado onde passamos a noite. Vi os primeiros inválidos de guerra que também estavam hospedados ali. Estavam todos de muito bom humor e cantavam canções russas.

No terceiro dia, lá pela hora do almoço, avistamos um povoado maior. Era Togur, um centro madeireiro. De longe percebemos as torres douradas, das igrejas, que brilhavam ao sol, e que milagrosamente encontravam-se intactas. O carregamento de lã foi deixado em Togur e alguns dos russos também ficaram lá. Nós e os cocheiros seguimos para Kolpachev, que distava de Togur apenas oito a nove quilômetros.

KOLPACHEV

A 6 de janeiro de 1944, numa tarde fria, chegamos a Kolpachev. Kolpachev se encontrava sobre o barranco da margem direita do rio Obi. Nesse lugar o rio Obi tem quase dois quilômetros de largura, mas ao norte alarga-se ainda mais. O ancoradouro é bastante grande. Os navios que passam por lá são o meio de comunicação que liga o sul, desde Biysk, nas montanhas Altai, até Narim, nas planícies de Vasyugan, ao norte. A cidadezinha foi fundada por ricos comerciantes da Sibéria. As casas mais antigas tinham um estilo diferente, conservando-se ainda fortes e imponentes. Eram construídas de toras de madeira com empinados telhados de tabuinhas. Do lado de fora, as casas exibiam toda espécie de enfeites talhados na madeira, o que lhes dava um aspecto interessante. Os batentes das janelas eram pintados de cor clara.

Na antiga igreja fora instalado o Comitê Executivo Regional, mas as torres foram derrubadas. Às construções mais novas eram mais pobres e não estavam pintadas. Não tinham mais de dois andares. As casas só tinham duas dependências, quarto e cozinha. Em toda a cidade, só havia dois prédios de tijolos - a sauna e um grande armazém.

As ruas não eram calçadas e os passeios eram de tábuas que já estavam um tanto apodrecidas. Ao longo da rua havia aqui e ali algum pé de faia. Kolpachev também possuía energia elétrica e estação de rádio. Havia uma usina elétrica, padaria, horticultura e muitas oficinas. No meio da cidade, a praça da feira com um pavilhão. Depois da vida monótona em povoados e em Bilhim, acabei gostando de Kolpachev, pois aqui encontrava-me participando do mundo outra vez.

Chegando a Kolpachev, paramos no pátio do “Voyentorg”. Dali comecei a procurar a Sra. K. Ela morava numa casinha perto do rio, que achei facilmente. Tive imenso prazer de me encontrar com uma pessoa que procurava o meu bem-estar. Ela me instalou na casa ao lado, com seus vizinhos letões.

No momento era difícil encontrar casa para morar em Kolpachev, pois muitos russos fugiam dos “kolkhoz” para a cidade, esperando melhorar de vida. Kolpachev estava cheia de indivíduos de todas as nacionalidades, estonianos, lituanos, letões, bessarábios, alemães da região do Volga e russos brancos. Uma vez, durante o inverno, passou pela cidade um bando de tunguses do norte da Sibéria. Conduziam suas renas.

No dia seguinte procurei o comandante para pedir autorização para morar na cidade. O comandante era uma pessoa muito antipática e tinha um olho de vidro. Não queria me dar a licença. Então fui procurar o nosso superintendente ao “Voyentorg”, o qual conversou com o comandante e assim consegui a licença. Registre-me na milícia e cumpri outras formalidades. Estava livre de Bilhim para todo o sempre.

No dia seguinte, depois de me registrar, fui à sauna. À sauna aqui era modernamente instalada, construída de tijolos vermelhos, com dependências confortáveis. Foi agradável tomar um banho decente, depois de tanto tempo, e vestir roupa limpa. Estaria também livre dos piolhos. Fiquei admirada de como havia emagrecido naquele meio ano em Bilhim.

MOÇAS SUBSTITUEM CAVALOS

Depois de alguns dias fui visitar minha irmã no hospital, onde aguardava ser levada para o orfanato. O hospital ficava no meio de um grande pátio com diversas construções. Num dos corredores, que pertencia à ala da cirurgia, Dzidra dormia sobre um divã. Ela já podia andar. Ali também se encontravam diversos outros letões. Depois de duas semanas vieram buscar Dzidra e a levaram para um orfanato em Kruglay, que distava uns quarenta quilômetros dali. Lá já estava Maya.

Dentro de pouco tempo inscrevi-me em um “artel” (associação formada de pessoas da mesma profissão, com distribuição de trabalho, responsabilidades e lucros de acordo com resoluções tomadas anteriormente), numa oficina de tricô. Por três meses trabalhei como aprendiz, depois passei a mestre. Tricotávamos xales, casados e outros artigos. Havia muitas polonesas e bessarábias na oficina. Também a chefe da brigada era polonesa, “panhi” Zina. A diretora de nossa associação era analfabeta, mas conseguiu aquele posto porque pertencia ao Partido. À noite estava aprendendo a ler e escrever.

O local de trabalho era ruim, o aquecimento não era suficiente, a lenha era verde, chiava na lareira e não queimava. Quando fazia muito frio, ficávamos tão enregeladas que não conseguíamos nem mexer os dedos para tricotar.

Como o “artel” não possuía cavalos, nós é que tínhamos de transportar lenha frequentemente. Colocávamo-nos dentro dos arreios do grande trenó e íamos buscar lenha na floresta, a uns dez quilômetros de distância. Em cada trenó era preciso trazer um metro cúbico de lenha. A lenha se encontrava em achas grandes. À carga era grande e tínhamos de puxar com muita força. Quando chegávamos a uma inclinação do terreno, ajuntávamo-nos todas para puxar um trenó de cada vez. Muitas associações que não tinham cavalos puxavam a lenha com bois. Também nos “kolkhoz” usavam bois.

A PRIMAVERA DE 1944 EM KOLPACHEV

Em lugar nenhum do mundo se espera a primavera com tanta ansiedade como no Norte, onde a mesma dura só alguns meses.

Chegaram os primeiros navios e a sua chegada foi anunciada com longos apitos. Estávamos muito nervosos, pois não sabíamos se, com a primavera, os navios não nos trariam boas novas sobre a pátria e a volta para o lar. Estávamos mais perto das cidades e do porto, por isso nossas esperanças pareciam justificáveis.

O ancoradouro estava tão cheio de gente que mal conseguíamos nos aproximar do navio para ver quem havia chegado. Este navio nos trouxe notícias muito sombrias - o exército alemão retirava-se apressadamente. Não queríamos acreditar, mas era o que afirmavam também os recém-chegados inválidos de guerra. Naquele ano não esperávamos mais nada de bom para nós. Os inválidos eram muitos. Um não tinha uma perna, outro não tinha mão, outros estavam feridos. Os parentes os levavam para casa, chorando em altas vozes.

Ficamos ainda mais desanimados, quando os navios da primavera levaram os poloneses de volta à pátria. Antes disso receberam roupas e produtos americanos. Tinham também o seu representante que cuidava muito bem deles. Os poloneses todos trabalhavam nos melhores lugares e ajudavam-se muito uns aos outros. Não permitiam que os patrícios perecessem se fosse possível ajudar e mantinham-se unidos.

Que diferença entre eles e nós! Mais tarde, ouvimos contar que para nós também, os Estados Unidos tinham enviado roupas e produtos alimentícios. Vimos depois aquelas lindas roupas sendo usadas pelos “nachalnhik”. Eram concedidas como prêmios. Os “nachalnhik” recebiam produtos em seus armazéns com a apresentação de cartões. Não tinham falta de nada. E assim enganaram-nos a todos. Com toda certeza avisaram à Cruz Vermelha que seus pacotes foram distribuídos entre os necessitados.

Em julho Maya voltou do orfanato. Quinze crianças doentes vieram de Kruglay para Kolpachev e entre elas, minha irmãzinha. Teriam dois meses de férias. Foram alojadas nas dependências da escola secundária. Minha irmãzinha estava irreconhecível, alta e magra. O cabelo fora cortado até as raízes. Ficamos alegres com o nosso encontro. Todas as noites ia visitá-la. Todas as vezes ela me esperava no portão. Levava-lhe tudo o que conseguia arranjar. Outras pessoas também me davam o que tinham. Passaram-se rapidamente aqueles dois meses e a pequena Maya partiu novamente,

Às vezes, reunia-se um grupo grande de letões e cantávamos canções. Uma senhora cantava lindas canções russas. Recordando o passado, o tempo passava depressa.

ATORES EVACUADOS

Em Kolpachev encontravam-se muitos atores evacuados de Moscou e de Leningrado. Representaram várias peças diversas vezes, no teatro de Kolpachev. O teatro era grande e bem equipado. Havia um vestibulo decente com grandes espelhos, um salão com duzentos lugares e um palco não muito grande. Os atores recebiam ordenados excelentes, por isso podiam comprar as roupas que um ou outro ainda tinha para vender, e frequentemente visitavam-nos. Davam-nos entradas grátis, as que recebíamos com imenso prazer.

Uma vez assisti a um concerto do qual participavam também alguns músicos letões. O programa constava de números executados por uma orquestra de violinos, metais e piano, além de música coral, declamações e prólogos de peças. Nós, que há tanto tempo não assistíamos teatro, ficamos entusiasmados.

MALÁRIA

Em Kolpachev, tanto russos como letões sofriam de malária. Eu também fiquei doente. Uma vez, tendo voltado do trabalho, senti fortes tremores com ondas de frio e de calor. Comecei a me sentir mal, a cabeça tonta. No dia seguinte não fui trabalhar, mas fui à policlínica, pois pensei que fosse novamente pneumonia. Disseram-me que estava com malária. Uma médica especialista, Dra. Vichnevsky, receitou-me quinino em pó e em comprimidos. Era estranho tremer de frio e bater os dentes numa quente tarde de verão. Vesti toda a roupa que tinha. De repente comecei a sentir calor, cada vez mais. Tirei a roupa e me deitei. Pensei que ia morrer de tanto calor. À temperatura chegou a quarenta graus. Não tinha vontade de comer. Foi um sofrimento. Emagreci tanto que mal

conseguia ficar em pé. Não podia andar muito, pois tinha a impressão de que ia cair. Dormir também se tornou difícil, pois doíam todos os ossos.

Fiquei doente por três semanas. À crise se repetiu ainda no outro mês, mas depois nunca mais.

A malária é uma doença terrível. Se ela se repete muitas vezes em crises fortes, a pessoa pode até morrer. A febre que dura vários dias deixa o organismo muito enfraquecido. O apetite desaparece.

Naquela ocasião havia tantos casos de malária que as filas na policlínica eram longas e era preciso esperar muito. Não causava nenhuma admiração ver alguém bem agasalhado, no período mais quente do ano. Já se sabia que a pessoa sofria de malária e estava em uma de suas crises.

Junto à policlínica vi diversos mendigos acorados. Eram berrarábios, passando por extrema necessidade. Era horrível vê-los, em trapos, catando piolhos. Se alguém jogava-lhes um pedaço de pão, começavam a brigar, cada um desejando pegá-lo para si.

OUTONO

O outono chegou chuvoso e frio. Por causa da chuva constante o aspecto de nosso quartinho era triste. O telhado deixava passar água. À roupa ficava úmida. As paredes soltavam pedaços de reboque, deixando buracos pelos quais viam-se as tábuas. Entendemos que não poderíamos ficar ali muito tempo.

Em setembro, mandaram que eu e mais alguns fôssemos colher batatas em um “kolkhoz”, distante cerca de quinze quilômetros. O tempo estava ruim, chovia sem parar. Fomos a pé até o “kolkhoz”, onde logo tivemos de começar a trabalhar. Por causa da falta de cavalos (todos haviam morrido de fome), tivemos de cavar as batatas com pás. Nenhum “kolkhoz” possuía colheitadeiras de batatas. Onde havia cavalos, usavam-se arados; onde não os havia, as pessoas tinham de cavar. Em alguns lugares usavam bois. Também na primavera, os campos não eram trabalhados com cavalos, mas com seres humanos, que tinham que cavar a terra negra e ressequida pelo sol. Só usavam o arado para o plantio de cereais, mas não conseguiam cultivar todas as terras, muitas delas ficando incultas.

Na Sibéria não plantavam as batatas em fileiras, mas de qualquer jeito, por isso a colheita ficava mais difícil. A terra argilosa era tão mole que enterrávamos os pés nela. Colhemos grandes roças de batatas. Comíamos batatas, legumes e leite. Não recebíamos pão porque não havia mais. Mas

estávamos bem alimentados. Depois de três semanas, quando as batatas já estavam colhidas, mandaram-nos para casa.

Nossa casinha fora fechada a pregos e o telhado desabara. Os outros já haviam se mudado para outro lugar. Passei uma noite na casa da Sta. K. e, depois, fui procurar os demais letões.

Nosso novo lar ficava a meio quilômetro da cidade. O centro da cidade ficava numa colina, mas nós morávamos no vale. À casinha era nova, com um quarto não muito grande e uma sala.

A volta, campos cobertos de areia, onde plantavam batatas na primavera. Não muito distante dali havia uma serraria com a cabana do guarda. Havia por ali muita lenha picada, a qual dávamos um jeito de pegar à noite, para não termos de comprá-la, pois era cara demais. Na primavera seguinte, quando já não mais nos encontrávamos ali, houve uma grande enchente que cobriu nossa casinha e a serraria.

No outono ficamos sabendo pelo rádio que, em outubro, os comunistas haviam tomado Riga. Foi triste saber que estava novamente em poder deles. Depois de algum tempo, começamos a receber cartas de casa. Eu também escrevi e, em fevereiro de 1945, recebi a primeira carta da Letônia. Foi um dos dias mais felizes que tive na Sibéria. Então começou aquela alegre espera de cartas que traziam novidades. Também recebi dinheiro. Quando recebia cartas, eu as lia tantas vezes que acabava decorando.

OS PRISIONEIRO

Era preciso que fôssemos nos registrar duas vezes por mês com o nosso comandante da N.K.V.D. Fazia-se o registro para que ninguém fugisse desaparecidamente. Se alguma pessoa não aparecia na data indicada, começava-se a indagar o motivo.

Uma vez, quando voltava do escritório do comandante, vi, ao longe, uma longa fila de pessoas que vinham em nossa direção. Quando chegaram mais perto, vi que eram prisioneiros que vinham de uma colônia penal de Matyang, a doze quilômetros de Kolpachev. Vinham, de passagem, com destino a outras colônias. Eram cerca de trezentos homens que caminhavam lentamente. De ambos os lados dos prisioneiros, guardas armados. Atrás e na frente, guardas a cavalo.

Os prisioneiros tinham um aspecto miserável. Aquela visão horrível, que eu via pela primeira vez, ficou indelével em minhas lembranças. Eram prisioneiros políticos de 1937, quando a Rússia fez seu último expurgo que

resultou em prisão em massa. Aqueles que fossem alvo da mais leve desconfiança, eram feitos prisioneiros. Também aqui havia espiões da Tcheca. Era rara a família que não tinha alguém preso.

TRABALHO SEM DESCANSO

No inverno, aos domingos, as oficinas organizavam os chamados “voskresnihs”, que era considerado trabalho voluntário e pelo qual nada recebíamos. Era preciso trazer lenha do outro lado do rio para assar pão, para a escola, etc. Quase todos os domingos tínhamos de trabalhar. Aqueles que não queriam cooperar eram repreendidos na frente de todos. Uma vez, quando se aproximava a primavera e a neve já estava começando a derreter, tivemos que ir buscar lenha. Era uma viagem louca. O chefe colocava um bocado de lenha sobre os trenós e tínhamos de puxá-los passando por grandes poças de água e por cima da terra. Os trenós eram grandes e a lenha verde. Em certos lugares, não era seguro andar sobre o gelo do rio, pois a água já começava a aparecer, mas o comando não se preocupava com isso, pois o que importava era a lenha.

No inverno ficávamos muito tempo sem receber cartas, porquanto de Tomsy, que era a estação ferroviária mais próxima, o correio vinha até Kolpachev a cavalo como nos velhos tempos. O correio a cavalo levava mais de uma semana para percorrer os trezentos quilômetros de caminho. As cartas eram enfiadas em sacos furados e assim, de vez em quando, alguma sumia. Uma vez, alguém que vinha de Tomsy a pé, caminhando atrás do correio, recolheu diversas cartas destinadas a Kolpachev, as quais distribuiu depois aos seus destinatários. E assim, com a chegada da primavera e com os primeiros navios, recebemos diversas cartas ao mesmo tempo. Todas as repartições públicas funcionavam mal.

1945. PRIMAVERA E VERÃO

Sem sentir chegou a quarta primavera na Sibéria. Como já havíamos feito no ano anterior, fomos esperar os primeiros navios no ancoradouro. Dessa vez estávamos bem mais indiferentes, se bem que lá no fundo do coração ainda se escondia uma esperança, grande e forte, de que talvez ainda houvesse possibilidade de voltar para a terra natal. Mas também aqueles navios não nos trouxeram as boas novas esperadas.

Nove de maio de 1945 foi uma data muito importante para a nossa comunidade. O rádio anunciava que nessa data a guerra se acabara, a paz fora

assinada (mas não a paz de nossos corações). Começamos a fantasiar e a trocar idéias sobre o nosso destino futuro. Os russos comemoravam a vitória, bebendo e dançando. Com grandes festas recebiam os soldados que voltavam da frente. Os navios chegavam lotados. Em homenagem à vitória do comunismo recebemos em nossa oficina cupons extras para a compra de dois metros de tecido de algodão verde-cinza, que era usado para a confecção da roupa dos soldados. Os “prêmios” estavam a preço de custo.

Na primavera havia muito trabalho fora da oficina. Plantávamos batatas para a cooperativa e, à tarde, para nós mesmos também. Depois era preciso arrancar o mato e capinar. Às vezes podíamos comprar a cabeça e as pernas de um boi, mas nós mesmos tínhamos que limpar. Era comum termos de trabalhar à noite depois do expediente e aos domingos, não restando nenhum tempo para nós mesmos. Mas de um lado era bom, pois assim pensávamos menos na volta ao lar. Muitas vezes descarregávamos as barcas que chegavam com carregamentos de carvão. O carvão era jogado em carrinhos de mão, que desciam as rampas até o ancoradouro. Ficávamos todos pretos. Às vezes também descarregávamos lenha. Na primavera o rio trouxe muitas toras de madeira que se soltavam das balsas. O rio ficou cheio de gente empreendedora que, com a ajuda de barquinhos, puxava a madeira para a praia, onde preparava-se lenha. Até as associações mandaram seus membros apanhar as toras. Nós também tivemos de fazer o mesmo para o preparo de lenha para o inverno.

Quando o tempo era bom e tínhamos alguma folga, íamos nadar. Perto de nossa casa, o rio era raso junto à praia e havia um lugar bom para nadar. Aos domingos ficava cheio de kolpachevenses que ali tomavam sol sobre a areia branca. Uma vez, vieram diversas moças letãs, dos “kolkhoz” vizinhos, que eram minhas amigas. Reunimos então toda a mocidade letã de Kolpachev, pois morávamos separados dos russos. Arranjaram, não sei onde, um gramofone e assim passamos o tempo ouvindo música e conversando.

Nas noites quentes de verão era difícil conciliar o sono por causa do ar abafado dentro do nosso quartinho; por isso subíamos ao sótão para dormir. Lá em cima havia areia limpa sobre a qual colocávamos cobertores. As noites eram quentes. Nas noites de luar era muito agradável dormir lá em cima. O sótão ficava aberto nas duas pontas, deixando passar o vento e a luz do luar. Por causa da correnteza de ar acabei apanhando uma forte nevralgia nos dentes, com a qual sofri muito tempo.

Certo domingo, a nossa comunidade resolveu levar-nos para colher frutos silvestres. Reunimo-nos à beira do rio onde já nos aguardava um pequeno rebocador. Fazia calor e havia pouco vento. Cerca de vinte quilômetros de

Kolpachev o rebocador entrou por um afluente, onde parou junto à praia. Uma picada levava pela mata adentro até um local onde havia arbustos de groselhas, mas os frutos já haviam sido colhidos por outras pessoas. Também mais adiante não encontramos frutos e não pudemos trazer nada para casa. Só comemos alguns ao cair da tarde. Depois voltamos para o rebocador. Algumas pessoas ficaram perdidas na mata e, quando foram encontradas, já escurecia. Na volta fez muito frio, pois soprava um vento cortante. E, assim, não trouxemos nada, mas passeamos bastante.

Em agosto recebi a visita da pequena Maya que estava de passagem. Estivera no sanatório de Tomsy, por dois meses, para descansar e agora voltava ao orfanato. O navio no qual viajava fizera uma parada em Kolpachev para descarregar. Minha irmã estava com a aparência melhor do que no ano anterior. Ofereci-lhe o que tinha de melhor e, então, eu e a Sra. K. a levamos de volta ao navio. À Sta. K. ainda lhe deu pão e açúcar, que ela comeu com avidez. Era uma agradável tarde de agosto, o sol vermelho descia por trás do horizonte, quando o navio tocou três vezes a sineta e apitou gravemente, afastando-se do ancoradouro e deslizando lentamente para o norte.

Num dia chuvoso, quando voltava do trabalho, vi que levavam um grupinho de letões pelo meio da rua. Tinham acabado de chegar com o navio de Tomsy. Alguns deles moravam no “kolkhoz” do povoado vizinho, mas foi difícil reconhecê-los porque estavam muito fracos. Pareciam muito judiados e, com suas trouxinhas nas costas, caminhavam pela rua enlameada. A maioria era de homens, mas havia também algumas mulheres. Um jovem cumprimentou-nos, dizendo: “ Alô, letões!” Quisemos fazer perguntas, mas os guardas gritaram para que nos afastássemos. Alguns dos letões mostravam-nos com os dedos quantos anos de trabalhos forçados tinham de cumprir. A maioria era de dez a quinze anos. Certamente foram presos sem motivo algum, como era costume acontecer. Principalmente os homens acabavam sendo mandados para a prisão mais cedo ou mais tarde.

Foi assim que um número incontável de letões foi semeado pelos acampamentos da imensa Sibéria, onde eram levados de um lugar para outro.

OUTONO DE 1945

Com a entrada do outono recebemos muitas tarefas. Em o Matyang, a oito quilômetros de Kolpachev, chegara o primeiro carregamento de cereais. Foi preciso descarregar o barco. Foram enviados operários de todas as associações para que a tarefa fosse cumprida mais depressa.

Tínhamos que passar o cereal para sacos e levá-los ao ancoradouro, onde era colocado num outro navio para que fosse levado às cidades. Uns seguravam os sacos, outros enchiam os mesmos com pás. Era trabalho pesado. Havia degraus cavados no barranco de pedras, formando uma escada bastante íngreme. Os carregadores eram principalmente homens — “gruztchiks”, já experimentados nessa espécie de serviço, carregando e descarregando navios. Nos períodos de folga trabalhavam nos grandes moinhos de Matyang. Tinham um aspecto diferente porque usavam bombachas.

Até a noite terminamos o nosso trabalho. Sentimo-nos felizes quando fomos levados de volta a Kolpachev porque estávamos realmente cansados.

No período da colheita de batatas, também colhemos as que foram plantadas para a nossa comunidade, as quais prometeram ser-nos devolvidas no outono. Mas ficaram nos depósitos até a primavera, onde congelaram e apodreceram. Não foram aproveitadas por ninguém.

TRABALHO DE OUTONO NO “KOLKHOZ”

Em setembro, cerca de vinte pessoas, entre as quais eu também, fomos enviados aos “kolkhoz” para trabalhar nas colheitas. Foi preciso viajar vinte e cinco quilômetros de navio e caminhar dez quilômetros a pé. Ajeitamos nossas coisas no navio, sentamo-nos em cima e ficamos aguardando a partida. Ficamos esperando várias horas, até a hora do almoço. Descemos para buscar água e, quando voltamos, disseram-nos que o navio já havia partido, sem dar qualquer aviso. Um pequeno rebocador puxava o barco. Gritamos pedindo que voltasse, mas ninguém nos deu atenção. Não nos restou outra alternativa senão caminhar os vinte e cinco quilômetros, pois o pão para a viagem encontrava-se no barco. Atravessamos o rio Obi numa balsa, pois algumas companheiras disseram conhecer o caminho até o “kolkhoz”, que seguia pelo outro lado.

Durante vários quilômetros havia muita areia e a caminhada foi difícil. Passamos a noite numa cabana de trabalhadores que nos ofereceram pepinos. Eram pepinos que seriam mandados para Kolpachev onde seriam curtidos. De manhã cedinho continuamos caminhando. À hora do almoço chegamos a um povoado onde moravam os pais de uma de nossas companheiras. Fomos bem recebidas e bem alimentadas. Depois de comer, continuamos a caminhada. À noite sentimo-nos muito cansadas e cobertas de pó. Os pés estavam cheios de bolhas. Atravessamos um rio e continuamos pela margem. Chegamos a um povoado onde o nosso barco teria que fazer uma parada. Esperamos até a noite, mas nem sinal do barco. Dormimos no povoado e de manhã o barco já estava ali. O rebocador havia quebrado e levou muito tempo para consertá-lo. Partimos

para o povoado de Novo-Linka, onde já éramos esperados. Era um povoado grande, que nos agradou mais do que os outros. Hospedamo-nos com os membros do “kolkhoz”. Tivemos a sorte de ficar na casa de uma mulher bondosa e limpa.

No dia seguinte fomos levados ao trabalho. À região era linda, mais ou menos montanhosa. Os campos estavam parcialmente ceifados. Levaram-nos a um grande campo de ervilhas. Com rastelos e forcados amontoamos as ramas já ceifadas. Depois do almoço recolhemos ainda muita ervilha que levamos para casa. Eram ervilhas grandes, muito bonitas.

Depois tivemos de trabalhar com a debulhadora que se encontrava perto do povoado. Havia muito cereal à espera, de modo que levamos vários dias. Fiquei encarregada da alimpadura. Ventava muito e a palha voava por todos os lados. À praga entrava por trás das roupas e dava coceiras terríveis. Os cílios colavam-se uns aos outros por causa do pó. Chegou a tarde, escureceu e pensamos que poderíamos descansar, mas a máquina e o trator roncaram a noite inteira. As seis da manhã finalmente consentiram que comêssemos e descansássemos. Estávamos tão exaustos que nem quisemos comer. Adormecemos ali mesmo sobre a palha.

Assim tivemos que trabalhar dias e noites sem parar, com apenas algumas horas de sono. Fiquei admirada, mais tarde, lembrando-me de como aguentamos por mais de um mês.

MÃO DE OBRA BARATA

Nosso chefe de brigada era um inválido que se chamava Vanka e que tinha uma perna só. Ele não sabia fazer outra coisa além de gritar e berrar para que trabalhássemos mais depressa. Por outro lado, o responsável pela debulhadora era um russo chamado Makar, homem agradável que procurava diminuir o ritmo acelerado do trabalho, para que pudéssemos descansar com mais frequência. Havia trinta operários que faziam funcionar a máquina, inclusive os carregadores de água, os que providenciavam a alimentação, e a cozinha. Como os meus olhos estavam muito inflamados, deram-me outra tarefa: puxar a palha com o rastelo até um local mais afastado, onde uma pessoa à cavalo laçava o monte e o puxava para longe. Esse trabalho era bem mais fácil que o anterior.

Comíamos bem e à vontade. Com frequência eles nos davam purê de ervilhas com carne e purê de batatas com leite. O pão traziam já pesado do celeiro do “kolkhoz” e distribuíam segundo a produção de cada um.

Dormíamos dentro dos grandes montes de palha, que eram bastante quentes até mesmo nas noites mais frias, quando a geada já começava a cobrir a terra. Se chovia, o trabalho era interrompido e ficávamos dormindo até a chuva passar.

Depois de um certo tempo, quando já tínhamos trabalhado como escravos, dia e noite, sem descanso, sentimos tanto cansaço que começamos a protestar, pedindo que nos deixassem dormir à noite, pois, caso contrário, fugiríamos. Considerando que éramos mão-de-obra disponível e muito barata e considerando que o tempo se esgotava com a aproximação do inverno, acalmaram-nos, prometendo que nos dividiriam em grupos de revezamento. Eu fiquei no turno da noite. Na primeira noite, antes da divisão em grupos, deixaram-nos dormir. Por sorte encontramos uma cabana abandonada nas redondezas. Mas nosso profundo sono foi interrompido por um forte barulho. O maquinista da debulhadora entrou montado em um cavalo branco, totalmente bêbado, dizendo que viera nos pregar “aquele susto”. Não conseguimos mais dormir. Levantamo-nos e nos encostamos à parede pois ficamos com medo de sermos atropelados. No meio da cabana havia um fogão à volta do qual o maquinista fazia o seu cavalo trotar. Para que galopasse mais depressa, batia nele com o chicote. O cavalo corria galopando. Logo quebraram-se as tábuas do chão e o fogão começou a desmoronar abalado. Finalmente ele enjoou da barulheira, mas já estava quase na hora de voltarmos ao trabalho.

De manhã a debulhadora foi levada para mais longe e cada vez nos afastávamos mais do povoado. Começou a cair uma chuva miudinha, que descia como neblina espessa. Não havia lugar para secar a roupa. Mandaram-me para o alto da debulhadora para receber os feixes ou cortar os amarrilhos com uma foice. Para que a máquina não parasse era preciso trabalhar sem tomar fôlego.

A cozinheira passava com uma caneca d'água da qual bebíamos sufregamente. Depois de alguns dias apareceu o sol. Ficou tão quente que suávamos sem parar. Uma vez fomos parar num lugar tão lindo, onde os feixes estavam dispostos de maneira tão simétrica que parecia terem sido medidos antes. À noite havia luar. Ao longe se ouvia o canto de aves noturnas. Como não havia lugar para jogar a palha, esta era levada à beira do lago onde a queimavam. Fez-se uma fogueira imensa que lançava suas chamas bem alto, como uma grande tocha.

Atravessamos a floresta e do outro lado encontramos um enorme campo. No meio dele, pequenos agrupamentos de bétulas com as cores douradas do outono. Em determinado lugar os feixes dos cereais estavam arrumados em altos montes que de longe pareciam enormes pirâmides. Para se alcançar o pico dos

montões foi preciso usar longas escadas. A debulhadora se aproximava de modo a tornar-se fácil jogar os feixes bem em cima da plataforma.

Cada vez encontrávamos montões mais altos do que os anteriores. Lidamos com toda espécie de cereais: trigo, centeio, aveia e cevada. Eu gostava de ficar em cima dos montes de cereal, de onde se avistava muita coisa ao longe. No começo achei o trabalho muito pesado, mas fui acostumando-me com qualquer espécie de trabalho. O corpo ficava mais forte e os músculos mais firmes.

Bem no alto dos montões era fácil retirar os feixes, mas, conforme nos aproximávamos do chão, tornava-se mais difícil, porque os feixes estavam firmemente entrelaçados. Quando se chegava à última camada, levantava-se uma grande onda de calor. À terra por baixo soltava um vapor quente, às vezes até fazendo o cereal brotar. Os grãosinhos que brotavam tinham raízes compridas, de modo que se tornava necessário usar de toda a força para arrancá-los.

Depois de algum tempo deixaram que fôssemos ao “kolkhoz” tomar banho. Fomos levados de carroça ao povoado onde havia uma sauna que já estava aquecida. De manhã era preciso estar de volta ao trabalho. A meio do caminho encontramos o comandante da NKVD, responsável por nós. Era um homem da Geórgia, moreno, com ferimentos de guerra, que tinha um comportamento estranho, Viajava pelos povoados, acertando uma porção de negócios. Ao voltarmos não encontramos mais a debulhadora. Mas pelo rastro deixado nós a seguimos. Fomos parar em um grande vale. Lá havia um campo de ervilhas. As ervilhas estavam jogadas debaixo de um telhado não muito grande. Eram bem mais fáceis de debulhar do que os cereais. Ficamos dois dias e duas noites, até acabar o serviço. Então viajamos um bocado mais.

O motorista da debulhadora permitia, às vezes, que alguém sentasse com ele no alto, de onde se via toda a redondeza. Estava anoitecendo. Ao longe já se viam nuvens de neve, mas os campos ainda estavam cheios de muito cereal a ser colhido, o qual, conforme ficamos sabendo mais tarde, ficara debaixo da neve. E assim se perdeu muito pão.

TRABALHANDO ENTRE OS TÁRTAROS

Depois de voltar ao povoado, arrumamo-nos para nova viagem a seis quilômetros do lugar em que nos encontrávamos. Saímos à tardezinha. O caminho atravessava campos de trigo sarraceno, os quais eram visíveis já à distância, por causa de sua cor avermelhada. Perto do povoado havia plantações de nabos. Atravessamos os portões que davam para um pequeno povoado

tártaro. As casinholas eram pequenas, tortas e de aparência muito suja por fora. Por trás dos cantos espiavam-nos as crianças morenas dos tártaros.

No fim do povoado havia uma construção comprida. Era um barracão onde nos alojaram. Lá dentro, a confusão era inacreditável. Sobre o chão a camada de sujeira era tão grande que foi preciso tirá-la com pá. De ambos os lados havia tarimbas cheias de lixo. Do telhado também pendiam teias de aranha, Limpamos as-camas e fomos dormir. Não tínhamos sono porque baratas passeavam pela roupa e corpo. Era tão insuportável que quase não aguentamos esperar a chegada da manhã. O ar era abafado, pesado, mal-cheiroso por causa da gordura de baleia que os tártaros usavam para engraxar suas botas. Toda sorte de mau-cheiro misturava-se ali.

De manhã cedo fomos acordados por uma briga. À hora de acordar, os tártaros começavam a falar, gritar, xingar na língua deles, a qual me fazia lembrar a língua dos ciganos. Fomos levados ao campo de linho, que ainda não fora colhido. Recebemos pão mal assado e meio litro de leite. À hora do almoço ofereceram-nos uma sopa que, só de olhar, dava náuseas. Nós a recusamos. À noite fomos novamente dormir no povoado.

Ao amanhecer já estávamos de volta. Dessa vez fomos tascar o linho, para o que indicaram-nos o caminho. Fomos até o campo, mas não encontramos a máquina. Do primeiro monte de palha surgiram dois tártaros que começaram a nos contar alguma coisa na língua deles. Parecia que a máquina se encontrava debaixo do monte de palha, que estava em completa desordem. O mais velho deles, um homem moreno, de amplos bigodes vermelhos e cabelos compridos até os ombros, roupas sujas e botas cheias de lama, era o maquinista. Já tinham começado a espadelar o linho no dia anterior, mas como havia pouca gente, deixaram a palha ali mesmo junto da máquina.

Em primeiro lugar arrastamos a palha a uma distância razoável. Os feixes de linho encontravam-se molhados, mal arrumados e, em baixo, entrelaçados pelos brotos. Saíam quentes como pãezinhos. Em todos os demais montes os feixes se encontravam naquela mesma desordem. Fomos de uma pilha à outra tentando ajeitar as coisas. Ficamos ali somente uma semana.

Recebemos o pão para a viagem e despedimo-nos dos membros da comunidade. Tarde da noite chegamos ao embarcadouro E junto ao rio. Ali, numa pequena cabana, passamos a noite, muito desconfortavelmente. os tártaros usavam para engraxar suas botas.

FELIZ DE QUEM TEM UMA VACA OU UMA CABRA

Pela manhã prometeram-nos mandar um barco para voltarmos a Kolpachev. Não acreditamos muito na promessa, por isso continuamos a pé. Atravessamos 'o rio. Nossos guias andavam depressa e tínhamos de acompanhá-los. Perto de Kolpachev sentamo-nos na grama para descansar. Mais tarde atrasamo-nos e nos perdemos, pois havia caminhos que se cruzavam. Havia campos, onde pastavam as vacas dos habitantes de Kolpachev. Finalmente encontramos o caminho, sentamo-nos à beira do rio sobre uma tora de madeira e ficamos esperando a balsa que nos levaria para o outro lado. Depois de caminhar rapidamente por quarenta quilômetros o cansaço era grande. Uma carroça, passando por ali, quase nos atropelou. Uma roda bateu e feriu minha perna. Dentro do ferimento penetrou a graxa do eixo. Não dei importância, mas mais tarde arrependi-me amargamente.

Junto ao ancoradouro da balsa havia muita gente esperando. Eram pessoas que tinham vindo tirar o leite de suas vacas. Quase toda família de Kolpachev tinha a sua vaca, que era levada aos pastos que ficavam do outro lado do rio Obi. Ali ficavam vários pastores de gado, que recebiam seu pagamento em leite. Os donos das vacas atravessavam o rio Obi três vezes por dia para tirar leite. No outono traziam as vacas para casa. Essa era a principal utilidade da balsa que, na ocasião, estava repleta de ordenhadores. No verão levava os ceifeiros até os campos mais distantes e outras pessoas que tivessem qualquer ocupação nos povoados da vizinhança. Em Kolpachev havia também muitas cabras que pastavam pelas ruas e quintais, onde quer que houvesse um pouco de capim. Vi muitas cabras. Dizem que são sinal de pobreza.

A balsa encheu-se de gente e afastou-se da margem. Já começava a escurecer quando chegamos a Kolpachev. Aconteceu o mesmo que no outono anterior, quando, voltando para casa, encontrei a porta da casa trancada. A dona da casa queria demoli-la, por isso tivemos de procurar outro lugar.

UMA NOVA CASA

Fomos morar numa pequena casa onde já morava uma família russa. Ficava fora, nos limites de Kolpachev, perto de um brejo não muito grande, entre pinheiros. Para se chegar lá, era preciso atravessar o pântano, sobre uma ponte alta, feita de tábuas. Tomando conhecimento, de que os donos da casa gostavam de furtar, fizemos esforço para mudar de casa o mais rapidamente possível. Conseguimos uma; onde nos instalaram em um quarto e duas salas. O

quarto dava frente para o sol, era caiado, e tinha três janelinhas e o assoalho pintado. A outra ponta da casa era habitada pela proprietária, uma a babushka". A casa ficava no centro da cidade, junto à estação de rádio. Todas as noites podíamos ouvir música. Mais tarde, a proprietária passou a nos emprestar o seu rádio, dia sim, dia não. Fiquei muito feliz, pois apreciava a música, acima de tudo.

O CINEMA DE KOLPACHEV

O cinema, comparado com as outras construções, tinha boa aparência: era uma construção de madeira, pintada de verde claro, no meio de um jardim, com portas largas e uma escada na entrada. A sala de espera era grande e ampla, ladeada de colunas. Ali realizavam bailes. Numa das pontas havia uma plataforma para a orquestra; junto às paredes, cadeiras e, na outra ponta, o balcão dos refrigerantes. As paredes e o teto eram pintados a óleo. Na sala do cinema havia cerca de trezentos lugares.

Em nosso local de trabalho, mandavam-nos, constantemente, assistir a algum filme de propaganda política, pois normalmente ninguém ia assisti-los. Se exibiam filmes estrangeiros, o cinema ficava repleto.

Era agradável ir ao cinema nas noites de verão. Até o começo da sessão, tocava uma orquestra de "jazz", composta de diversos acordeões, piano, tambores e outros instrumentos musicais. Às vezes apresentavam-se três acordeonistas e um cantor, que cantava romanças russas. Uma vez apresentaram um filme sobre oficiais poloneses massacrados pelos alemães, na Floresta de Katina. Foram desenterrados e o comentário era sobre a morte deles. Durante esse tempo a música que tocavam era fúnebre. Eram cenas horríveis, aquelas que mostravam os cadáveres sendo examinados. Mais tarde ouvi comentários de que os oficiais foram, na realidade, assassinados pelos russos, e não pelos alemães.

O INVERNO DE 1946 EM KOLPACHEV

Bem no fim do outono chegou uma leva de letões recém-exilados da Letônia. Eram na maioria ricos fazendeiros letões. Durante algum tempo ficaram reclusos na prisão de Riga e só agora estavam sendo trazidos para cá. Tinham de cumprir uma pena de cinco anos de exílio. Foram distribuídos em diversos trabalhos.

Chegou o inverno. Quando os últimos navios partiram, ficou uma tristeza no coração. Despedimo-nos deles com lágrimas, pois lá se iam também as

nossas esperanças. O vento soprava com fúria e a neve caía tempestuosamente. Nossa casa ficou coberta de neve a ponto de só se avistar as janelinhas. Por toda parte viam-se montões de neve. Mal a gente cavava uma entrada, a neve a cobria novamente.

A minha perna inflamou, infeccionada pela sujeira. Não dei importância ao caso, pois esperava que logo sarasse, mas começou a ficar difícil de andar. Procurei o ambulatório, onde me disseram que o ferimento era grave e quase atingira o osso. Deram-me um atestado de doença para não precisar trabalhar. Passei várias semanas limpando o ferimento, o qual foi sarando aos poucos, mas a cicatriz ficou para toda a vida.

No trabalho tínhamos constantes palestras sobre como evitar doenças venéreas. As palestras eram feitas por uma médica dermatologista em Nhevrosky. Essas doenças eram muito comuns ali, atingindo cerca de oitenta por cento da população. Embora as palestras fossem repetidas e os exames médicos constantes, não conseguiam combater essas enfermidades.

Com muita frequência havia reuniões, nas quais os chefes do partido tentavam convencer-nos de que era preciso trabalhar melhor e mais depressa para exceder o alvo do plano quinquenal. Quando alguns operários se opunham, dizendo que as quotas eram por demais altas, que os salários eram mal calculados e que não nos davam folgas aos domingos, não lhes davam atenção, simplesmente encerrando a sessão. A direção sabia contornar as exigências dos trabalhadores e sugava até às suas últimas forças na execução do plano quinquenal.

Às vezes, após as sessões, os trabalhadores apresentavam números especiais. Dançavam o "kazatchok", fazendo tremer o chão. Uma vez fui assistir a uma apresentação na escola ginásial, onde os próprios alunos fizeram o programa.

DÍVIDA COM A UNIÃO SOVIÉTICA

Ficamos admirados quando nos avisaram que tínhamos uma dívida a saldar com o "kolkhoz" onde trabalhamos no outono, debulhando grãos. Alegaram que nosso trabalho fora pouco e que comemos demais. Reclamamos, mas de nada adiantou, pois todos os meses descontavam uma quantia de nossos salários, para saldar a dívida. Tínhamos trabalhado dia e noite, sem ordenado, sem mantimentos, a não ser uma alimentação deficiente três vezes por dia, e ainda estávamos devendo. Os operários na União Soviética só recebiam a décima parte do seu salário. O restante era canalizado para o Partido.

Quando voltava do trabalho, às vezes ainda fazia tricô e escrevia cartas para a Letônia, de onde recebia notícias com bastante frequência. Assim foram passando os curtos dias do inverno.

Inesperadamente chegou uma novidade alvissareira: recebi uma carta de Libau. Certa senhora escrevia que estivera junto com meu pai durante a guerra. Conseguira casualmente os endereços, meu e de meu pai. Meu pai se encontrava em campo de trabalhos forçados, na Karélia, o lado soviético da Finlândia, construindo um túnel entre o Mar Báltico e o Mar Branco. Foi inacreditável, pois conforme diziam as notícias recebidas de Riga, papai se encontrava fora da União Soviética e era o que eu pensava o tempo todo. Foi uma sensação horrível ficar sabendo que meu pai também estava nos terríveis campos de trabalho escravo. Eu lhe escrevi, ao endereço que me deram. Pensei que papai não teria permissão de me responder, por isso também não esperava resposta. Foi imensa a alegria, quando recebi a primeira carta de meu pai. Foi maravilhoso ler aquela letra conhecida. Li a carta um cem número de vezes, até que a decorei. Foi ainda maior minha alegria quando as cartas começaram a vir com mais frequência. Papai contava com detalhes onde e como tinha passado o tempo em que estivemos separados, e falava de nossos parentes e amigos. Os dias agora passavam cheios de esperança de receber outras cartas tão queridas. Papai escrevia de maneira interessante, cartas que pretendo guardar para poder recordar também os momentos de alegria que tive na Sibéria.

NOITE DE INVERNO

Quando chegava do trabalho, costumava ir ao rio buscar água. O barril onde guardávamos água continha dez baldes. Para enchê-lo tinha de descer ao rio cinco vezes, levando dois baldes de cada vez. O rio ficava a cerca de trezentos e cinquenta metros da casa. Os barrancos do rio Obi em Kolpachev eram muito íngremes. No verão podia-se descer até o rio pela escada escavada na rocha, mas no inverno era preciso ir pela auto-estrada. No começo abriram um buraco no gelo, perto da margem. Mais tarde o gelo ficou tão grosso que se tornava difícil abrir um buraco. Principalmente à tarde, depois do horário de trabalho, a estrada ficava apinhada de gente que vinha com baldes ou barris, puxados sobre trenós, buscar água do rio. As associações trabalhistas levavam a água com cavalos. Havia buracos cavados no gelo do rio, uns para tirar água potável, outros para enxaguar roupa. Eu admirava as mulheres russas que, mesmo no mais frio inverno, vinham lavar a roupa no rio.

As vezes, em noites claras de luar, vinha buscar a água um pouco mais tarde, para desfrutar daquela visão fora do comum. As noites da Sibéria são

muito mais claras que as da Letônia. São especialmente claras quando faz muito frio e a neve chia debaixo dos pés. Eu me colocava ao lado do buraco, sobre o rio, e observava a cidade cheia de luzes e ouvia a música que vinha do alto-falante. Lá longe ouvia-se o ruído de um trenó deslizando sobre a neve - algum lenhador retardatário, ou uma carga de feno que era trazida dos pastos mais distantes. Às vezes o frio era tão grande, que o ar ficava cheio de uma neblina clara, de modo que nem a lua podia-se ver direito. O frio cortante fazia a gente perder o fôlego e enchia os olhos de lágrimas. Enchia meus baldes e subia devagar pela margem do rio. Encontrava um ou outro retardatário que vinha buscar água. Quando chegava em casa, a água já estava coberta com uma fina camada de gelo.

A CADEIA

Nosso local de trabalho ficava ao lado de uma grande prisão. Sempre víamos quem entrava e quem saía. A prisão ficava em um grande edifício de três andares. Em lugar de janelas havia pequenas fendas. À volta da prisão havia uma cerca alta e grandes portões. Sobre a cerca, diversas torres de vigia e, no pátio, ainda diversas outras construções. Junto ao portão de entrada havia uma janelinha pela qual recebiam os mantimentos que eram trazidos para os presos. Todos os dias, junto à janelinha, havia filas de visitantes com cestinhos e pacotes. Mesmo no mais intenso frio as filas não diminuíam.

No inverno, os prisioneiros eram levados a pé para Tomsy, cerca de trezentos quilômetros de Kolpachev, e no verão, eles voltavam em navios especiais. A prisão de Kolpachev era uma prisão de trânsito. No inverno, quando havia frequentes nevascas, aquela caminhada de trezentos quilômetros era um verdadeiro martírio para os prisioneiros.

Nos últimos tempos foram aprisionados quase todos os jovens letões que se encontravam aqui com suas mães, pois na época da deportação eram ainda menores de idade. Foram acusados de atividades políticas ilegais, dizendo que se reuniam em grupos e que liam e cantavam hinos patrióticos letões e criticavam a organização comunista. Finalmente verificou-se que, num determinado lugar, onde moravam diversas famílias letãs, o pessoal reunia-se à noite para cantar canções folclóricas e trocar reminiscências. Um espião descobriu o que estava acontecendo e denunciou à polícia secreta. É triste ter de confessar que, no meio dos próprios letões, havia espiões que, na Sibéria, entregavam seus próprios compatriotas à Tcheka.

Havia exemplos também de pessoas que, intimadas pela Tcheka para serem espiões, não aceitavam as propostas. Depois, elas eram espionadas e até

presas e enviadas aos campos de trabalho forçado. Todos nós tínhamos de tomar muito cuidado uns com os outros. Se, alguma vez, vários letões se encontravam juntos, falavam em voz baixa, pois podia haver alguém ouvindo do lado de fora da janela.

VISITANDO MINHAS IRMÃS

No mês de abril consegui duas semanas de férias, as quais resolvi aproveitar visitando minhas irmãs no orfanato de Kruglav, que ficava a quarenta e cinco quilômetros de Kolpachev. Tive a sorte de arranjar duas companheiras de viagem — duas moças letãs que moravam a dez quilômetros de Kolpachev. Saímos quando o sol estava nascendo. No começo, o caminho seguia pelo rio Obi acima, depois margeando o rio. Mais tarde, andamos pelos pastos e pela estepe. Após dez quilômetros atravessamos um povoado não muito grande. Depois, durante muito tempo, não vimos nenhuma pessoa, nenhuma casa. À tarde alcançamos um pequeno povoado com meia dúzia de casinhas, construídas bem no topo de uma colina, delineando-se bem contra o horizonte. Mais adiante o caminho passava por uma planície. Viam-se alguns poucos aglomerados de árvores, ou algum arbusto aqui e ali.

Quando começou a escurecer, entramos num pequeno povoado rodeado de matas e pântanos. Na última casa do povoado moravam alguns letões, onde passei a noite. Quando a manhã de inverno desabrochou por sobre a taiga, parti para vencer os dez quilômetros restantes até Kruglay. A manhã estava nublada e, mais tarde, começou a nevar. Eu ainda tinha de atravessar um grande pântano, no qual muita gente já havia se perdido por ocasião das nevascas. Quando me lembrei disso, fiquei assustada. A nevasca ficou mais forte e eu não conseguia mais enxergar o caminho. Parecia-me que caminhava por uma estepe coberta de montes de neve sem fim. A direção era indicada por ramos de pinheiros enfiados ao longo do caminho — um passo fora da rota significava perigo. A neve chegava-me até os joelhos.

O vento vinha de frente e eu quase não conseguia abrir os olhos. Era difícil continuar caminhando. Logo senti que os dois calcanhares estavam em carne viva e os pés doíam-me. De vez em quando eu parava e virava as costas contra o vento para descansar. Mas não podia ficar muito tempo assim pois havia transpirado e começava a sentir frio.

Alegrei-me quando percebi, ao longe, que me aproximava dos limites do pântano e, mais adiante, do povoado de Kruglay. Não muito distante da área pantanosa, encontrei carregamentos de feno que tinham vindo pela estrada na minha frente, mas por causa da nevasca eu não percebera o rastro.

Quando entrei no povoado a nevasca abrandou. Atravessei-o e, na outra extremidade, vi um grande pátio cercado. No meio do pátio, diversas construções de madeira. Deduzi que era o orfanato.

Da primeira construção saíram correndo diversas crianças. Olhei procurando ver se não encontraria entre elas as minhas irmãs. Lá estava a pequena Maya, não muito distante da porta, as mãos nos bolsos, a cabecinha inclinada de lado e batendo com o pé num pedaço de gelo. Parecia triste.

Chamei: "Maya! ", mas ela não me ouviu. Pensei que talvez eu estivesse enganada, talvez não fosse Maya. Chamei outra vez. Ela levantou a cabeça e me olhou com atenção, mas não me reconheceu. Chamei de novo: "Maya, você não está me reconhecendo? " Ela deu um grito de alegria e correu ao meu encontro. Tinha um casaquinho curto e um gorro orelhudo (os cabelos cortados) e, nos pés, um par de "burki" (è,alçado feito de pano acolchoado, no formato de botas) cobertos por galochas.

Enquanto conversávamos fomos rodeadas por um bando de crianças pequenas, curiosas. A pequena Maya correu para chamar Dzidra, que dali a pouco chegou correndo. Dzidra havia crescido bastante, estava magrinha, mas tinha aparência melhor do que na última vez em que a vi. Vestia uma "fufaika" acolchoada (uma espécie de casaco) e uma saia. Na cabeça, o gorro orelhudo e, nos pés, botas de feltro. Maya tinha aspecto melhor do que Dzidra.

Foi um encontro alegre, depois de tanto tempo. Senti que nos três anos em que estivemos separadas, tornamo-nos um tanto estranhas, uma para a outra, mas mesmo assim sentimo-nos felizes com o reencontro. Para podermos falar à vontade, fomos até uma cabana onde moravam uns russos simpáticos. Sentamo-nos no quarto e conversamos sobre tudo o que havia acontecido naquele espaço de tempo. Não havia muita coisa boa a contar, pois a vida ali era monótona, a não ser um ou outro incidente interessante.

Animei minhas irmãs, dizendo que as crianças letãs certamente seriam levadas de volta à Letônia, quando chegasse a primavera. Era o que eu tinha ouvido em Kolpachev e foi o que aconteceu mais tarde. A seguir, dispus-me a voltar, pois tinha medo de não chegar em casa com a luz do dia e ali não havia lugar onde eu pudesse pernoitar. Minhas irmãs acompanharam-me até os portões do povoado, onde despedimo-nos. Olhei para trás. Lá estavam elas dando adeus com a mão.

A volta foi bem mais fácil do que a vinda. A nevasca se acalmara e o vento vinha pelas costas. Durante o dia ninguém havia passado pela estrada, de modo que precisei novamente abrir meu próprio caminho através dos montes de neve, sem saber onde pisava. Como teria sido agradável o caminho por uma

floresta, naquele frio, porém, tudo que havia ali eram algumas raras árvores, que pareciam ilhas no meio daquele mar de neve e, logo adiante, o brejo.

O crepúsculo já cobria o pântano quando, finalmente, alcancei o caminho que atravessava uma floresta e cheguei ao lugar onde havia pernoitado. De manhã parti para Kolpachev. Não me sentia nada bem, pensando que ainda tinha uma caminhada de quarenta quilômetros que, dessa vez, tinha de percorrer sozinha, sem companheiras. Os pés estavam bastante esfolados, por isso tinha pressa em chegar, pois, quanto mais se descansa, mais difícil se torna recomeçar a caminhada. Depois de um certo tempo, os pés se acostumaram e não senti mais dores.

O dia estava ensolarado e quente. Quanto mais aproximava-me de Kolpachev, melhor me sentia. Não descansei nenhuma vez durante o caminho, pois temia que os pés esfolados recomeçassem a doer.

Perto de Kolpachev encontrei um carregamento de feno e de lenha. Grandes recipientes feitos de casca de bétula, com tampas, e cheios de leite se encontravam presos nos dois lados do trenó. No inverno vendia-se na feira leite congelado em rodela e também, ricota. Eu me encontrava do outro lado do rio e percebi muito movimento em Kolpachev. O caminho que passava por cima do rio estava marcado de esterco de cavalo e pedaços de feno, que caíam dos carregamentos. O sol brilhava e a neve começava a derreter. Cheguei em casa com os pés e as costas molhadas.

AS FESTIVIDADES DE MAIO

A 1 de maio organizaram uma noite de festa, com comes e bebes, em nosso local de trabalho. Não houve nenhuma passeata nem demonstrações políticas. A festa aconteceu no maior restaurante de Kolpachev. Não havia aquecimento central, por isso não pudemos tirar nossos casacos. Só mais tarde o ambiente esquentou um pouco. Na simplicidade da sala, diversas mesas cobertas com toalhas, cada trabalhador recebia a sua porção servida em cumbucas de barro. Havia salada de batata temperada com óleo, dois "pirags", uma fatia de pão branco, pedacinho de "galerts" (galantina) e alguns doces. Além disso, ainda meio litro de "braga" - uma espécie de bebida alcoólica feita em casa. Quem quisesse beber mais, tinha de comprar a bebida no balcão.

No começo até que todos se comportaram educadamente, mas depois foi uma loucura. Muitos trouxeram álcool que misturavam à "braga". Essa mistura embriagava muito depressa. Obrigaram-me também a tomar meio copo da mistura. Fiquei muito tonta. Mais tarde chegou um acordeonista cego que começou a tocar valsas e danças russas. Começaram a dançar. Foi um quadro

que nunca tinha visto e acho que nunca mais verei. Os dançarinos estavam muito embriagados. Davam alguns passos e caíam. Levantavam-se e, depois de alguns passos, caíam de novo. Muitos caíram uns em cima dos outros, vomitavam, rolavam pelo chão, gritavam coisas sem nexo, tentavam dançar e ficavam estirados no chão.

Junto às mesas a situação não era melhor. Bebiam, comiam, até vomitar. Batiam nas vasilhas, nas garrafas, brigavam. A roupa de todos estava suja. Se aquilo era gente, qual a diferença entre eles e os animais? A festa foi ficando cada vez mais louca, todos bebendo sem restrições. A direção esqueceu-se do seu posto e comportou-se pior ainda. Nem dá para descrever tudo o que aconteceu. Aquela noite parecia uma orgia selvagem. Era assim que acabavam as noites que os russos chamavam de "ve tcherinka". Quando a orgia começou a descambar para as imoralidades eu fui para casa. Lá fora muitos rolavam pela neve, brigando.

Indo para casa tive de passar por diversos lugares onde também comemoravam o 1.º de maio. Tudo a mesma coisa. Era assim que os russos da Sibéria comemoravam a Festa do Trabalho.

PRIMAVERA DE 1946

Chegou a primavera. Parecia que seria mais alegre do que as anteriores, pois ouvi dizer que, naquele ano, deixariam que todos os letões voltassem para casa, pois completávamos exatamente cinco anos desde o nosso exílio para a Sibéria. Melhor ainda era a notícia de que as crianças órfãs seriam repatriadas. De qualquer modo, nosso humor melhorou. Novamente, com muita impaciência, esperamos a chegada dos primeiros navios. Nos rios da Sibéria a água muitas vezes degela depois de 1.º de maio. Só no começo de junho o leito do rio fica suficientemente livre dos grandes blocos de gelo que correm para o oceano. Mal desaparece o gelo, recomeça a navegação. Desaparece o gelo e chega a frota comercial — diversos navios, barcas, balsas, levando para os habitantes do norte os produtos indispensáveis à sobrevivência. Na primavera eram muito freqüentes as enchentes. Naquele ano a enchente atingiu a cidade de Beregovay.

Às margens do rio começava uma atividade intensa. Chegavam barcos dos "kokhoz", trazendo batatas, legumes e farinha para vender. Os habitantes locais andavam de barco pelo rio tentando pegar com ganchos os pedaços de madeira que flutuavam à flor da água. Principalmente nos dias de sol, as margens do rio ficavam apinhadas de gente. No ancoradouro encostavam muitos rebocadores pequenos que eram lavados e restaurados. O óleo derramado sobre a água brilhava ao sol nas cores do arco-íris. Às vezes nem dava para tirar água do rio

junto às margens. Era preciso ir para o meio do rio sobre toras de madeira ou nos rebocadores.

Então, numa tarde ensolarada, chegou um navio todo branco, o "Alexandr Nevsky" (o navio da nossa felicidade, ficamos sabendo mais tarde). Era o navio maior, mais bonito e mais rápido sobre o rio Obi. Eram muitas as pessoas que o esperavam acenando com as mãos. Quando o navio chegou, desligaram-lhe as máquinas, desceram-se as escadas e os passageiros desembarcaram. Os "gruztchiks" descarregaram o navio.

Nas agradáveis tardes de primavera e verão, o ancoradouro e as margens do rio ficavam cheios de gente. Os passageiros aguardavam a continuação da viagem no navio, dormindo e comendo. Alguns ficavam ali durante semanas, até a chegada de algum outro navio. Também dormiam por ali vagabundos que não tinham onde se abrigar.

Não me esquecerei nunca daqueles apitos dos navios. Ainda agora, eu os ouço... Os navios chegavam principalmente à tarde e partiam à noite. Deitada em minha cama, ouvia claramente os apitos, pois morávamos a trezentos metros do porto.

A navegação no rio Obi era feita por cerca de oito navios brancos. Quando prestava atenção, podia até distinguir os apitos de cada um deles. À noite dormíamos com a janela aberta e o nosso quartinho ficava iluminado pelo luar. No alto-falante, música de Tchaikovsky. Havia uma alegria secreta na esperança de algo bom que iria acontecer. Será que eu não estaria enganada?

MINHAS IRMÃS VOLTAM PARA A LETÔNIA

De manhã vimos que a terra toda se encontrava coberta de um manto branco. Nevava à noite. Foi uma surpresa para todos, pois na tarde anterior fizera calor suficiente a ponto de vestirmos roupas leves. Era 6 de maio. Estávamos felizes, porque a primavera prometia ser seca, mas agora, de repente, a neve formou lama. À hora do almoço, quando cheguei do trabalho, encontrei minha irmã Dzidra que me contou uma notícia auspiciosa. Ela e Maya seriam mandadas de volta para a Letônia. Parecia inacreditável que aquilo estivesse realmente acontecendo!

Haviam chegado com o navio "Alexandr Nevsky", que fora para Matyang buscar carvão. Maya e a pessoa responsável pelas crianças haviam ficado no navio. Foi difícil aceitar a idéia de que eu teria de ficar sozinha na Sibéria, por isso eu e a Sra. K. fomos conversar com o nosso comandante para ver se não haveria uma possibilidade de ir com minhas irmãs. Nada adiantou. O

comandante não me deixou ir. Agora seriam repatriadas apenas as crianças. Talvez eu tivesse sorte no futuro.

Acompanhamos minha irmã até o navio, que já havia chegado. Depois que ela subiu a bordo, o mesmo não demorou a partir. Dzidra estava muito feliz, pois seu sofrimento e suas humilhações teriam fim, mas também sentia pena de mim, que teria de ficar sozinha. Não me despedi da pequena Maya porque não tive permissão de subir ao navio. Dzidra levou nossas lembranças aos parentes e amigos da terra natal.

OS ALEMÃES DA REGIÃO DO VOLGA

Quando acabou, o trabalho na oficina de tricô, fomos todas transferidas para uma oficina de costura, na qualidade de aprendizes. Não foi nada bom, porque tivemos de trabalhar três meses com o ordenado de aprendizes (cento e cinquenta rublos), mas não havia possibilidade de encontrar outro tipo de trabalho. Eram tantas as aprendizes que nem sequer havia lugar para todas. Nossa oficina foi dividida em dois turnos: das seis às quinze horas e das quinze às vinte e três horas.

Trabalhamos pouco na oficina, porque com o derreter da neve, mandaram-nos fazer outros trabalhos. Fomos levados de carroça até uma floricultura, de onde trouxemos ramos de salgueiro. A floricultura tinha um grande jardim, mas não tinha flores, apenas tomates e pepinos.

Como o pátio da oficina não tinha cerca, plantamos os salgueiros à volta dele. Cavamos buracos e colocamos ali os ramos. Alguns não tinham nenhuma folha, mas todos foram plantados. Depois trouxemos terra para aplainar o caminho e cavamos uma vala para que a chuva não inundasse o pátio.

Um dia avisaram-nos que teríamos de passar três semanas na floresta preparando lenha. Não gostei da idéia porque significava que ficaria sem cartas e sem notícias de casa. Já havia me acostumado a recebê-las quase que diariamente, com impaciência. Esperava também receber alguma notícia de minhas irmãs, para saber como tinham chegado em casa.

Fomos divididos em brigadas de vinte pessoas cada. Fiquei no primeiro grupo. Quando este voltasse da floresta, sairia o segundo e assim por diante. No dia anterior recebemos pão para treze dias e informaram-nos que mais tarde trariam mais. De manhã reunimo-nos no pátio da oficina, de onde partimos juntos. Foram dez quilômetros de caminhada até à barraca na floresta. Atravessamos a cidade. Passamos por uma fábrica de miudezas, inclusive

brinquedos de crianças, que eram feitos de papel e botões de metal. Mais adiante, plantações de batatas e, depois, a floresta.

Junto à floresta havia algumas cabanas habitadas por exilados - alemães da região do Volga. Eram cerca de trinta cabanas que eles mesmos haviam construído. Cada uma delas tinha seu toque pessoal. Nas janelinhas, cortinas brancas. Por toda parte, enfeites de pinhas e dentes-de-leão. Via-se o espírito empreendedor e a limpeza dos alemães, mesmo depois de muitos anos na Rússia, pois aquela geração havia nascido ali. Alguns tinham fartura, outros não, dependendo da diligência de cada um.

O caminho na floresta era largo. Foi agradável a caminhada. À hora do almoço alcançamos um lago, do qual pegamos um desvio até a barraca que já podia ser avistada. Era uma construção comprida, feita de madeira rústica, com telhado de uma água só e janelas pequenas. De ambos os lados, junto às paredes internas, havia beliches de dois andares. No meio, uma mesa comprida. Numa das extremidades, um fogão e uma lareira. Morava ali um guarda. Num quartinho separado ficava o chefe da brigada que distribuía o trabalho e anotava a produção de cada um.

Durante alguns dias transportamos as pilhas de lenha que, durante o inverno, desmoronaram por causa da neve e do vento. A lenha era principalmente de bétula e choupos. Quando acabamos de empilhar a madeira, deram-nos serras e machados, que não estavam nada afiados, por isso gastamos bem mais tempo e energia do que o necessário.

O chefe da brigada levou-nos até o local de trabalho, onde dividiu-nos em pares e demarcou o trecho onde preparar lenha. Cada pessoa tinha de produzir quatro metros cúbicos de lenha por dia. Era preciso derrubar a madeira, aparar os galhos, serrar em pedaços menores, picar e empilhar. Se encontrávamos árvores grossas e retas, sem galhos, então, trabalhando com vontade, desde a manhã até a noite, dava para preencher a quota.

GUERRA ÀS BARATAS

O trabalho na floresta não era dos mais leves. À noite, cansados, voltávamos à barraca que ficava a uns três quilômetros do local de trabalho. Sobre o fogãozinho fervíamos água que tomávamos com pão seco. Frequentemente o cansaço era tão grande que não dava nem vontade de comer. A barraca estava cheia de grandes baratas que nos molestavam à noite. Caíam do telhado sobre o rosto, entravam por trás das roupas, passeavam pelo corpo. Acendíamos fósforos para espantá-las, mas mal a gente deitava tentando dormir, a guerra recomeçava. As noites eram horríveis. Depois de três semanas de

trabalho, estávamos exaustos porque não conseguíamos nem sequer dormir depois de um dia exaustivo. De manhã, as cabeças ardiam de cansaço e de sono. Arrastando os pés, voltávamos ao local de trabalho. Graças ao ar revigorante da floresta, o sono passava e a gente sentia-se melhor. Pelo trabalho feito na floresta, só recebíamos o pagamento de meio dia, de modo que, no fim, a quantia a receber era muito pequena.

Depois de treze dias começamos a esperar que nos trouxessem o pão. Mas esperamos em vão. Então voltamos a Kolpachev a fim de buscá-lo.

Num lindo domingo ensolarado pedimos ao chefe da brigada que nos deixasse descansar. Era uma boa pessoa. Frequentemente ele nos contava incidentes interessantes do tempo da guerra. Era veterano da Grande Guerra da Pátria (era assim que os comunistas chamam a Segunda Guerra Mundial). Levou-nos a um lugar agradável na floresta junto a um regato. Achei algumas violetas à beira da água. Eram lilases e tinham perfume muito doce. Dava a impressão de que estavam deslocadas ali na taiga. Achei também cogumelos. As bétulas lembravam-me a Letônia. Aquelas florestas impenetráveis, quanto material aproveitável continham! As pessoas contavam que, antes da revolução, muitos revolucionários escondiam-se naquelas florestas.

Passaram-se três semanas e tivemos de voltar a Kolpachev. Voltando para casa, esfreguei as mãos e o rosto com areia e água, para livrar-me das manchas de resina.

A CAMINHO DE CASA

Voltando da floresta, encontrei cartas de casa e de meu pai. Depois do trabalho feito na floresta, voltei à oficina, onde estava aprendendo a costurar. Mas não conseguia me concentrar no que fazia. Gostava mais do ar livre. Pela janela via o imenso Obi. Quando os grandes navios brancos passavam deslizando, tinha a impressão de que um dia eu também partiria. Às vezes, quando olhava para eles, enchia-me de uma alegria tão grande que largava o trabalho e subia numa escadinha do lado de fora, para enxergá-los melhor. Os apitos dos navios pareciam me chamar, anunciando um caminho desconhecido...

Minha intuição logo provou-se verdadeira. Um dia, à hora do almoço, dividiram o pátio em pedaços e distribuíram-nos, para plantar batatinhas. Como que adivinhando, eu comentei que não precisava de pedaço de terra.

Dali a pouco chegou a Sra. K., apressadamente, e disse-me que chegara autorização para eu voltar à Letônia. Quase não acreditei que minhas secretas esperanças e pressuposições se cumprissem tão depressa. Como que sonhando

dirigi-me à instituição local, que supervisionava os órfãos. Duas senhoras de idade, russas, e de aparência inteligente, explicaram-me o processo da viagem. Dentro de dois dias chegaria um navio no qual eu iria até Tomsy. (Os navios chegavam a Kolpachev três vezes por semana). Então pediram-me que acertasse minha situação no meu local de trabalho. Para tanto deram-me um papel que me liberaria do trabalho na oficina. Até Tomsy seria acompanhada por uma funcionária do departamento.

Fui ao local de trabalho onde puseram em ordem os meus documentos, pagaram-me o que me era devido e me deram talões para recebimento de pão e de outros produtos durante a viagem. Com aqueles talões receberia pão em qualquer cidade. Despedi-me das colegas de trabalho e me pus a caminho. Não conseguia ficar sentada, e corri muitas vezes até o ancoradouro para verificar e perguntar sobre a chegada do navio. Muitas vezes fui até a margem do rio Obi para aguardar o navio. Coloquei meus pertences em um saco e fiquei esperando. Alguns letões deram-me pacotes com nozes e cartas para levar aos parentes na Letônia. Fui me despedir dos patrícios que não tinham tido a minha sorte.

Pouco tempo antes de partir, houve uma nova prisão de letões, entre os quais também aqueles com os quais estive em Bilhim. Ouvi contar que foram levados aos campos de trabalhos forçados.

Tive de esperar quatro dias pela chegada do navio. Finalmente, um dia, pela manhã, ouvi um apito forte e grave. Como já estava com tudo preparado para a viagem, peguei minha trouxinha e corri ao ancoradouro. O navio acabava de chegar e estava encostando no porto. Como havia chegado com atraso, o ancoradouro estava cheio de gente que pretendia viajar. Desembarcaram os passageiros que encheram o jardimzinho do porto onde eram aguardados pelos parentes. As pessoas passavam com pacotes grandes e pequenos. Com muito esforço conseguimos esgueirar-nos até a entrada, onde nos encontramos com Vera Mikailovna, nossa guardiã. Ela já havia comprado as passagens, que foram pagas com o nosso próprio dinheiro - na terceira classe. Forçamos nossa passagem pela rampa, junto com os outros. A Sra. K. também veio para se despedir de mim. Com nossas passagens de terceira classe tivemos de nos acomodar no corredor, pois não havia nenhum outro recinto de terceira classe no navio. Éramos três moças letãs naquele navio. As pessoas não paravam de chegar, até que o navio ficou repleto. Foi dado o sinal, levantaram as rampas e afastamo-nos da praia.

O navio dirigiu-se para Tomsy. Quando deixamos o ancoradouro de Kolpachev, o coração tremeu de tanta felicidade. Até que enfim realizava-se minha grande esperança! Acenamos despedindo-nos dos letões que ficaram e

que vieram se despedir de nós. Entre eles também a minha grande protetora, Sra. K. Quantas pessoas que chegavam ao ponto do desespero e foram ajudadas por ela! Eu, entre muitas. Parece que ela se tornou imortal na lembrança de muitos, por causa do seu espírito de humanidade.

A CAMINHO DE TOMSKY

Saímos de Kolpachev a 27 de maio de 1946 com o "Alexandr Nevsky", o mesmo navio que tinha levado minhas irmãs. Viajamos até Tomsy por dois dias e duas noites - trezentos quilômetros. Os letões que ficaram, observavam-nos com os olhos cheios de lágrimas. Como deviam sofrer vendo-nos partir a caminho da Letônia! Quando teriam eles a mesma sorte?

Rapidamente afastamo-nos de Kolpachev. Perdemos-la de vista numa volta do caminho. Muitos viajavam sem passagens e habilmente escapavam do controle. Ficamos sentadas sobre nossas trouxas, todas três bem juntas, perto de uma pilha de lenha, onde também passamos a noite. Quando escureceu, começou a chover com força. Havia relâmpagos e trovões. Choveu a noite inteira, sem parar. No meio da noite fomos incomodadas muitas vezes pelos "gruztchiks" que precisavam tirar lenha para alimentar a caldeira. Com eles trabalhavam também mulheres — eram alta e usavam bombachas iguais às dos homens. Algumas mulheres trabalhavam também junto às caldeiras.

De manhã cedo o navio atracou no grande povoado de Mogochin. Havia ali muita gente, passageiros e acompanhantes. Alguns vinham para vender seus produtos aos viajantes. Traziam baldes e canecões cheios de colostro cozido, que os passageiros compravam com satisfação. Aquele povoado era considerado um dos mais ricos, onde compravam-se mantimentos mais baratos.

Na outra ponta do navio havia mais duas crianças letãs que se dirigiam para Tomsy, vindas de algum orfanato. Comíamos o pão que levávamos junto e, às vezes, comprávamos um prato de sopa no restaurante do navio, a qual não era cara.

Passávamos o dia sobre o convés, examinando tudo. As cabines de primeira classe eram muito bem arrumadas. O salão era grande e lindo, com poltronas estofadas, móveis envernizados, palmeiras e o piano, que ninguém tocava.

Ficávamos sentadas nos bancos de onde se avistava o rio e as margens. O vale do rio Obi era extenso, mas o leito era interrompido por diversas ilhas com praias rasas. Em alguns lugares os barrancos levantavam-se bem acima do nível

da água. Quanto mais aproximávamo-nos de Tomsy, mais bonitas iam ficando as margens. Era delicioso ficar sentada ao sol olhando a paisagem.

Resolvemos não dormir à noite, mas ficar no convés. Eu queria ver o rio Obi à noite. Quando apareceram as estrelas e a lua saiu do seu esconderijo, o rio ficou mergulhado em trevas. O navio deslizava, deixando para trás um rastro largo e negro ladeado de espuma brilhante. De manhã surgiu uma neblina leve que balançava por cima do rio Obi.

Acabou o combustível do navio. Por isso paramos em um pequeno povoado para receber lenha. Na margem do rio havia grandes pilhas de lenha que os "gruztchiks" rapidamente transferiram para o navio. Então partimos de novo. Passou a noite e o céu começou a iluminar-se no Oriente. A madrugada ali era diferente das estepes. Foi uma noite linda que passei no rio Obi e ficará nas minhas lembranças. Lá pela hora do almoço avistamos a cidade de Tomsy ao longe. Ela fica situada na baía formada por uma volta do rio. Quando nos aproximamos vimos o porto não muito grande, no qual havia diversos rebocadores. Mais adiante, um grande cais.

O navio atracou. A chegada de um navio em Tomsy não era nenhum acontecimento especial como em Kolpachev. Em Tomsy só desceu a terça parte dos passageiros, os demais seguiram até Novosibirsky, Barnaul e Biyak. Não conseguimos mais encontrar nossa guardiã. Desaparecera.

TOMSKY

Com a ajuda dos habitantes do lugar, conseguimos encontrar a repartição que procurávamos. A chefe era uma idosa senhora russa, bastante simpática, que nos orientou quanto a nossa próxima viagem. Parece que pretendiam aguardar a chegada de maior número de crianças, para poder lotar um vagão. Aqueles que haviam saído antes, ainda esperavam ali e, entre eles, minhas irmãs. Já haviam sido enviadas trezentas crianças para a Letônia, só da região de Krasnoyarsk. Nós seríamos a segunda leva. Alojaram-nos no orfanato local, onde havia dependências vazias.

Primeiro levaram-nos à sauna de desinfecção onde também as nossas roupas foram borrifadas com um líquido mal-cheiroso. A chefe anotou o nome de todos para levar-nos ao orfanato. Disse-me que eu poderia ficar com minhas irmãs em outro orfanato. Escreveu um bilhete para a diretora do orfanato e mandou-me lá com um acompanhante. Falei com a diretora que me atendeu de má vontade. Mostrou-me um quarto onde poderia ficar.

Quando abri a porta, vi minhas irmãs. Como foi grande a alegria de estarmos juntas novamente, a caminho de nossa terra. O quarto não era muito

grande e havia cinco camas. Em duas dormiam minhas irmãs, nas demais, outras crianças letãs. À noite, juntávamos as camas e dormíamos nelas nós três. Sentíamos-nos livres.

No pátio, que era grande, havia duas casas. A maior era o quarto de dormir das crianças, sala de jantar, etc., mas a menor, na qual nós estávamos, continha a cozinha e mais alguns quartos de dormir. Comíamos relativamente bem.

No dia seguinte chegou uma nova supervisora de Riga. Chamava-se Stengmana. As demais supervisoras que a acompanhavam acabaram por ficar em Moscou porque tinham medo das dificuldades do caminho. Era uma mulher educada e enérgica que nos distribuiu roupa limpa, sabonete e outras coisas.

Numa bela tarde de junho levou-nos ao cinema que ficava na rua principal e era o maior de Tmsky. Continha grandes salas, vestíbulo e plataforma para a orquestra. Antes de começar as sessões noturnas, a orquestra tocava e ali também realizavam bailes. O salão tinha as paredes cobertas de cartazes referentes aos últimos filmes. Nas sessões diurnas havia pouca gente. Entramos e ela comprou-nos sorvete e limonada. Assistimos ao filme intitulado "Filhos" que para surpresa nossa era dublado em língua letã. Por que? Era um filme de propaganda política. Ainda me lembro das canções folclóricas cantadas no filme.

NO CAMPO DE TRABALHO FORÇADO DE TOMSKY

Nos limites da cidade, via-se contra o horizonte uma construção grande, comprida — um dos campos de trabalho forçado de Tmsky. Mais adiante havia muitos outros. Numa tarde, olhando com mais atenção para o lado da prisão, notei um grande grupo de pessoas que se dirigia para lá. Percebia-se que eram prisioneiros que voltavam do trabalho para a prisão. De manhã cedo eu os vi retornando ao trabalho.

Tive vontade de vê-los de perto e logo consegui uma oportunidade. Certa manhã ensolarada, às seis horas, fui à padaria comprar pão, pois as filas pela manhã eram menores. Na rua fiquei admirando a beleza da manhã. Consegui comprar o pão sem precisar esperar na fila e voltei para casa pela ponte sobre o canal. Não muito distante de casa encontrei uma coluna de prisioneiros que se dirigia lentamente para Tmsky. Eram cerca de quatrocentos. Guardas iam na frente, enxotando as pessoas do caminho, obrigando-as a ficar nas calçadas, perto dos muros das casas. Atrás e na frente do grupo seguiam guardas montados em cavalos. Atrás dos cavalos, uma fila de guardas com metralhadoras prontas para atirar se alguém tentasse fugir. Dos lados, guardas com cães

enormes, fechavam o círculo. Os prisioneiros trajavam roupas pretas, mas as mulheres, roupas coloridas. Todos traziam números nas costas. Alguns tinham boa aparência, mas outros pareciam fracos, com os rostos encovados e pálidos. Haviam passado muito tempo na prisão. Não tinham permissão para conversar, mas muitos já tinham aprendido a comunicar-se somente mexendo os lábios. Tinham de atravessar a cidade até os locais de trabalho. Na maioria eram usados na construção de estradas, na abertura de canais e em coisas parecidas. Os prisioneiros constituíam a mão de obra mais barata que a União Soviética possuía. Quantos deles eram letões?

Parece que nenhum outro país possuía tantos campos de trabalho forçado como a Rússia, onde milhares morriam como mártires. Em nenhum outro país também havia número tão grande de orfanatos como na Rússia. Nesses orfanatos cresciam os filhos dos prisioneiros. Dizia-se que a Rússia tinha tantos orfanatos, quantas prisões. Quando, em 1937, houve o grande expurgo na Rússia, no qual foram feitos prisioneiros todos os elementos anticomunistas e milhares de pessoas foram aprisionadas, os orfanatos ficaram superlotados. Os orfanatos funcionavam e ainda funcionam nas piores condições. Ao lado da fome e da falta de roupas, havia também epidemias, pois as crianças não recebiam nenhuma assistência médica ou medicamentos. As doenças que mais atacavam os orfanatos eram: tracoma, raquitismo, tuberculose e sarna. A maioria das crianças que saía dos orfanatos não tinha condições físicas e mentais para enfrentar a vida.

A VIDA EM TOMSKY

Em Tmsky havia uma grande praça reservada à feira, a qual diariamente estava lotada de gente. Vendiam-se coisas novas, usadas e velhas. À volta da praça, junto à cerca, havia barraquinhas de comida, de refrigerantes, de sapateiros, de fotógrafos, de roupas e de cabeleireiros. Também havia vendedores de "pirags" quentinhos, que vinham vendê-los em carrocinhas. Encontrava-se de tudo. Sorvete encontrava-se em qualquer lugar, até nas esquinas das ruas. Os quiosques nas esquinas das ruas vendiam a "morsa", uma bebida muito procurada pelos russos, feita de arandos e de sacarina. Não era cara.

Viam-se muitos aleijados e inválidos que tocavam harmônica, para ganhar o seu sustento com as esmolas dos ouvintes.

Nossa supervisora queria que ficássemos todos juntos para que fosse mais fácil supervisionar-nos. Por isso mudamos para o outro orfanato onde se encontravam as demais crianças. Ficamos com pena de abandonar nosso abrigo,

pois tinha uma vista agradável. No abrigo para o qual tivemos de mudar, estavam internadas crianças surdo-mudas. Era um prédio grande, de dois andares. Acomodaram-nos em dois quartos, num os garotos, noutro as meninas. Nós ficamos na sala onde havia um piano. As meninas mais velhas tinham de lavar o assoalho todos os dias, para que houvesse limpeza, pois tínhamos de dormir no chão. Também pudemos tomar banho na sauna.

O orfanato ficava nos limites da cidade, perto da universidade. Via-se dali também a estrada de ferro. Muitas vezes íamos a uma pequena feira que ficava perto. Num agradável domingo fomos assistir a uma competição esportiva. Era de estudantes. Houve corrida, salto de altura e distância. Tocava uma orquestra de sopro.

A vida no orfanato era alegre e barulhenta. Como as outras crianças eram surdo-mudas, nosso barulho não atrapalhava suas vidas. À tarde íamos passear nos parques. Havia um parque lindo, com árvores imensas, muito velhas, principalmente bétulas. Havia um lugar para dançar e uma orquestra. Para dançar era preciso pagar entrada. As pessoas até que estavam bem vestidas. Será que chegaria o dia em que nós também desfrutaríamos daquilo que aqueles jovens estavam desfrutando?

Um dia mandaram que fôssemos à casa de campo do orfanato - um sítio - para arrancar o mato da horta. Ficava a quatro quilômetros de Tomsy. Quando chegamos, nossa frustração foi grande, pois a idéia que fazíamos de uma casa de campo era bem diferente. Só havia uma simples cabana construída de toras de madeira, sem pintura, com um pequeno alpendre. No verão, era ali que ficavam as crianças surdo-mudas. À volta da casa havia uma grande plantação de batatas e uma horta, a qual tivemos de limpar. Estava cheia de mato e não gostamos nada daquele serviço. Trabalhamos até a hora do almoço, almoçamos e voltamos para casa. Quando chegamos, levamos uma repreensão porque tínhamos chegado muito cedo, mas não tínhamos mais medo, pois a qualquer hora iríamos embora. Chegou a festa de S. João. Festejamos aquela noite com a nossa acompanhante, cantando canções alusivas e conservando sobre a viagem que faríamos até a nossa terra natal.

Finalmente recebemos notícia de que o nosso vagão estava em ordem e que no dia seguinte à noite seria engatado ao trem que fazia a linha Tomsy-Novosibirsky. Ficamos entusiasmados. O tempo todo havia uma atmosfera de expectativa, mas por causa da demora, nosso entusiasmo às vezes diminuía. Não sabíamos o que aconteceria no dia seguinte. Podiam até suspender a viagem. Quando soubemos que aquele seria o último dia que passaríamos em Tomsy, ficamos muito nervosos. Durante o período em que

ficamos em Tomsy, recebíamos muitas visitas dos letões que moravam lá. Por causa da viagem, a diretora do orfanato mandou que nos servissem um jantar festivo: "pirags", salada de batata e outras coisas gostosas.

As crianças maltrapilhas receberam roupas limpas do armazém "Garano", para que ninguém tivesse a impressão de que tínhamos passado alguma necessidade. Antes de partir, recebemos a visita da diretora do departamento responsável pelos orfanatos de Tomsy, a mesma que fez nosso registro quando chegamos. Um rapaz letão agradeceu em nome de todos pela gentileza dela para conosco durante o período que permanecemos na cidade. Ela também agradeceu e nos pediu que escrevêssemos dizendo como havia sido a viagem. À tardezinha fomos colocados em um caminhão. Tivemos de atravessar a cidade inteira até a estação, onde o trem já aguardava os passageiros. Era uma fila longa de vagões de carga. O nosso, era o da frente, também um vagão de carga, com improvisadas camas-beliche de três andares. Tivemos de dormir no chão, porque as camas já estavam todas ocupadas. Ali já se encontravam também caixotes com pão, biscoitos e conservas.

Além das crianças, mais onze mulheres russas também se dirigiam para Riga. Elas ocupavam muito espaço e viajavam com bastante conforto. Nós e as crianças tínhamos pouco espaço, pois éramos mais de oitenta pessoas no vagão. Tarde da noite recebemos a visita do controle que examinou os documentos, contou os passageiros e verificou se não havia algum viajante clandestino. Ficamos em Tomsy a noite inteira e mais um dia. Só no dia seguinte, quando já anoitecia, a locomotiva apitou. Partimos.

DE VOLTA À PÁTRIA

Tomsy - Novosibirsky - Omsky - Petropavlovsky - Sverdlovsky - Kazan - Moscou - Velildye Luki Rezekny - Riga. A 28 de junho de 1946 à tarde partimos de Tomsy, onde havíamos passado um mês inteiro, do qual nos lembrariamos com prazer. Havia um nervosismo alegre por causa da viagem que estava pela frente.

Que aparência teria a Letônia agora, depois de todos aqueles anos? Quais teriam sido as transformações? Será que não ficaríamos decepcionados, já que o nosso entusiasmo era tão grande? Será que encontraríamos o que esperávamos?

Mesmo as dificuldades e a falta de conforto de nossa viagem nada significavam diante de nosso bom humor. A porta do vagão ficava aberta dia e noite por causa do grande número de pessoas dentro dele. A porta foi fechada com uma grade, para que as crianças pequenas não caíssem do trem. De dia ficávamos ali olhando a paisagem. Era difícil dormir à noite, por causa da falta

de espaço, mas acabávamos adormecendo por causa do cansaço e do balanço ritmado do trem. Eu e minha amiga ficávamos muitas vezes junto à porta, de noite, quando não tínhamos sono, olhando a noite enluarada. Já que o trem transportava carga, era muito lento. Muitas vezes, as paradas nas grandes cidades eram longas, para seleção dos vagões. Considerando que a viagem durou mais tempo do que a nossa supervisora calculara, começou a faltar alimento. Infelizmente o trem só parava nas estações de embarque e desembarque de cargas. Se quiséssemos comprar alguma coisa, era preciso caminhar um bom pedaço pela estrada de ferro até a estação principal.

Chegamos a Novosibirsky. Depois de muito tempo vimos bondes e ônibus. Os prédios eram grandes e o movimento próprio de cidade grande. Depois de várias horas, partimos novamente. Não paramos nas cidades pequenas e nos povoados; somente nas grandes. Entre Tmsky e Novosibirsky quase não vimos casas nem povoados. Só a taíga, capões de mato e campinas.

No trecho até Omsky, vimos muitos campos de trabalho forçado. Muitas barracas cercadas de arame farpado. Lembramo-nos do horrível ano de 1941.

De Novosibirsky partimos para Omsky. Esta cidade encontra-se numa planície, quase sem florestas. É uma cidade fabril à margem do rio Irtysh. Vista de longe dá uma impressão sombria. A nossa supervisora explicou que nessa cidade havia muitos letões que haviam vindo antes da guerra, uns por escolha própria, outros exilados.

O trajeto entre Omsky e Petropavlovsky passava por uma estepe infinita, só interrompida, aqui e ali, por algum arbusto anêmico. Durante dias não vimos um ser humano, uma casa, qualquer sinal de vida humana. Nas estepes o nascer do sol era lindo. Podia-se ver todo o horizonte, pois a visão não ficava impedida por árvores ou prédios.

À tarde chegamos a Petropavlovsky, onde o nosso vagão foi rodeado por arruaceiros. Jogaram pedras e quebraram os vidros das janelas. Depois de passado o acesso de fúria, sumiram.

Ao nos aproximarmos de Sverdlovsky, a planície começou a se transformar, dando lugar às primeiras elevações. A região de Sverdlovsky fica um pouco mais acima do nível do mar do que a região que tínhamos acabado de atravessar, mas era plana. Esta cidade é o maior centro industrial dos Urais. Encontra-se no meio de uma região pitoresca, rodeada de linda floresta de pinheiros. Já era tarde da noite quando chegamos a Sverdlovsk. Paramos ao lado de um vagão com grades nas janelas. Não ficamos sabendo de onde vinham os prisioneiros. Podiam ser letões, como também de qualquer outro lugar. Guardas armados da Tcheka tomavam conta dos vagões, batendo nas paredes e no chão.

Verificavam se alguma tábua não se encontrava solta, para ninguém tentar uma fuga. A noite inteira ouvimos essas batidas.

Em determinado momento, ouvimos uma barulheira no vagão ao lado. Eram gritos e gemidos. Abriram as portas e os prisioneiros saíram com baldes em busca de água. Uma vez que a porta se encontrava do outro lado, não, pudemos ver as pessoas.

Nos vagões dos guardas, que se encontravam no final e no começo da composição, ouviam-se alegres sons de acordeão e canções humorísticas. Que contraste com os vagões que conduziam pessoas sofridas, à espera de um futuro desconhecido e cheio de horror.

Lembramo-nos de 1941 quando fomos exilados para a Sibéria. Será que essa horrível perseguição e deportação para as terríveis estepes da Sibéria nunca teria fim? Será que essa tortura de seres humanos não seria vingada?

De manhã o vagão sumira. Tomara o caminho da Sibéria, onde barracas e guardas já estavam à espera de seus passageiros. De noite encostamos na estação de cargas de Sverdlovsk. Fomos a pé até a cidade à procura de alimentos. Para chegar lá, tivemos de atravessar uma ponte elevada, que passava por cima dos trilhos. A ponte destinava-se só aos pedestres e terminava no meio do jardim da estação. A estação ficava numa construção grande, abaixo do nível da plataforma. Ali havia uma sala de espera espaçosa e um balcão cheio de gente. Pegamos nosso pão no armazém da estação e voltamos para o nosso vagão, que fora desengatado e deixado de lado. Percebemos que a espera seria longa. Nossa supervisora foi falar com o chefe da estação, fazendo-o lembrar da nossa situação e da necessidade premente de continuarmos nossa viagem. Ela teve de fazer o mesmo em quase todas as estações, para podermos chegar mais depressa ao nosso destino.

Tarde da noite, na estação de Sverdlovsk, tivemos uma experiência desagradável. Tínhamos uma escadinha para facilitar a entrada e a saída das crianças. Quando fomos buscar água, dois tipos de aspecto duvidoso subiram ao vagão e examinaram nossos pertences com uma lanterna, porém, não encontrando nada que valesse a pena roubar, foram embora. De noite saímos de Sverdlovsk.

NOS URAIS

Os Montes Urais são de uma beleza selvagem, com florestas e campos, onde o capim chega até a cintura das pessoas. Em certos pontos as montanhas são rochosas e cobertas de líquen. Os vales dos rios são habitados, cheios de casas e hortas. Em muitos lugares só havia trilhos simples e foi preciso esperar

muito, até que passasse algum trem que viesse em sentido contrário. Nessas ocasiões, podíamos descer e passear junto às verdes florestas. Havia muitos morangos silvestres.

Mais adiante, passamos por dois extensos túneis. Quando atravessamos a antiga província de Vyatky, vimos muitas barracas de prisioneiros. Via-se que estavam habitadas, porque havia gente ao redor delas. À volta das barracas, uma imensa cerca de arame farpado, ao redor da qual marchavam guardas armados. As janelas tinham grades. Algumas barracas pareciam estar desocupadas, pois as portas e janelas estavam escancaradas, não se vendo nem prisioneiros nem guardas nas proximidades. Os prisioneiros eram constantemente levados de um acampamento para outro. Assustava a gente ver aquelas incontáveis barracas, das quais já tínhamos ouvido contar horrores, nas quais foram torturados e mortos milhares de letões, estonianos e lituanianos.

KAZAN

Depois que atravessamos o rio Kama, afluente do Volga, chegamos à Kazan, fundada pelo khan de uma horda tártara. De longe avistavam-se as torres da igreja que resplandeciam à luz do sol. Em Kazan o trem só ficou algumas horas, mas pudemos visitar a pequena feira junto à estação. A sujeira era muita, como costumava acontecer entre os tártaros. A mercadoria era variada, desde produtos alimentícios até velharias. Havia caldeirões e mais caldeirões com sopas de todas as qualidades. Para que a sopa não esfriasse, os caldeirões ficavam cobertos com panos sujos. Junto aos caldeirões, prato e colher para tomar a sopa ali mesmo. Muitos caldeirões continham sopa de macarrão feito em casa. As mulheres tártaras vendiam muitos pãezinhos feitos de farinha, batatinhas e outras massas. Quase só se ouvia a língua tártara. Depois que melhoramos nossas reservas de alimentos e água para a viagem, voltamos para o trem, o qual logo depois começou a rodar.

Não muito longe de Kazan atravessamos uma ponte de ferro sobre o Volga, o qual, nesse ponto, era bem largo. Perto de Moscou o trem parou numa estaçãozinha. Ali havia dunas de areia branca e pinheiros que nos fizeram lembrar nossas praias. Trouxemos água do depósito onde as locomotivas eram abastecidas e lavamos o nosso vagão. Nós também tomamos banho, como se fosse num chuveiro. Colhemos ramos de bétulas e enfeitamos o vagão.

MOSCOU

A 11 de junho chegamos a Moscou e paramos numa estação de cargas mais afastada. O trem se arrastou um pouco mais, parou e depois andou mais um pouco. Alguns dos vagões foram desengatados, outros engatados e, assim, chegou mais perto do centro de Moscou. Fomos parar numa estação maior.

Fomos buscar água, lavamos o chão outra vez, fizemos uma limpeza, pois nossa supervisora disse que receberíamos a visita de uma comissão de inspeção. Fomos visitados por nossos "representantes" em Moscou. Chegou um carro que encostou junto aos trilhos e desceu a "camarada Luze", uma de nossas supervisoras, aquela que havia trazido o primeiro grupo de crianças de Krasnoyarsky. Que bom ela não ter sido nossa supervisora, pois não era simpática. Era uma comunista típica, corpulenta, rosto largo, cabelos curtos presos por um grande pente de cobre reluzente.

Ela não queria conversar conosco. Só avisou que fôssemos até o carro buscar os alimentos que trouxera. Eram produtos americanos: leite condensado, carne em conserva, biscoitos e outras coisas gostosas. Foi tão bom porque nossos produtos já estavam no fim. Prometeu trazer roupas, mas nunca chegamos a vê-las.

Depois chegaram mais alguns "representantes" que examinaram o vagão negligentemente e foram embora. Após algumas horas, o trem avançou um pouco mais. Era um ponto onde os trilhos se cruzavam em todas as direções. A gente podia se perder antes de achar o vagão. Fomos até o armazém mais próximos onde conseguimos comprar mais pão. Nossa supervisora falou outra vez com o chefe da estação, pedindo que não ficássemos detidos por mais tempo. Ele prometeu que arranjaría uma locomotiva para a manhã do dia seguinte.

Passamos a noite em Moscou. Fomos dormir tarde. De longe ouvimos sons de música. Como era grande a vontade de chegar em casa bem depressa.

De manhã, ao acordar, percebemos que havíamos mudado de lugar outra vez. Estávamos bem no centro da cidade, de onde se avistavam as torres de Moscou. Fomos visitar a cidade, arriscando-nos um pouco, pois o trem poderia sair a qualquer momento. Não fomos muito longe, porque ficamos com medo de sermos deixadas para trás. Passeamos pelas largas avenidas de Moscou, vimos parques muito bonitos, praças com monumentos, repartições públicas. Quando voltamos vimos ao lado do nosso, um outro trem com prisioneiros guardados pela Tcheka. Os vagões não tinham grades, por isso pudemos ver claramente as fisionomias das pessoas que olhavam pelas janelas. Vestiam uniformes do

exército alemão, mas sem insígnias. Tinham aspecto inteligente e conversavam em alemão. Foram buscar água, acompanhados de guardas. Depois de suas vitórias, estavam agora sendo levados para os confins da Sibéria, onde os aguardavam as prisões sombrias e os campos de trabalho forçado. À hora do almoço, a composição com os prisioneiros alemães tomou o rumo da Ásia, mas nós partimos para a Europa. Saindo de Moscou, passamos pelo canal de Moscou, o qual também havia sido construído com o sangue e os cadáveres de prisioneiros. Tarde da noite entramos em Velikiye Luki, onde passamos a noite. Essa cidade encontrava-se totalmente destruída, inclusive a estação. Em seu lugar construíram uma casinhola de madeira.

LETÔNIA

Depois do almoço, já nos encontrávamos em território letão. Passamos por Zilupe. Como parecia-nos querida aquela terra com seus campos, matas, lavouras, pastos e cidades! Todos queriam ficar na janela para nada perder. Considerávamos a Letônia como um tesouro precioso, há muito perdido e, agora, reencontrado. Seria a terra que havíamos herdado de nossos antepassados para a qual estávamos voltando? Não nos sentiríamos nela como estranhos? Passamos pela região de Latgale. Depois da almoço chegamos a Rezekne. A estação fora destruída por um incêndio. Um outro edifício fora adaptado para seu uso. Ali perto havia uma sauna, onde fomos tomar banho.

Felizmente chegamos à Letônia, sãos e salvos. Não houve nenhuma enfermidade grave, a não ser alguns casos de sarna. Fomos passear pela praça da feira que ficava perto da estação. Talvez pudéssemos encontrar alguma coisa boa para comer e beber. Na banca de jornais compramos jornais letões. No jardim da estação vimos um grupo de pessoas. Pareciam ser soldados letões que haviam sido feitos prisioneiros e agora estavam voltando para casa. Daqueles homens, antes saudáveis e fortes, só restavam esqueletos, magros e pálidos. Vestiam uniformes alemães surrados, desbotados, rasgados. Os rostos, inchados e barbudos. Muitos estavam inchados da cabeça aos pés, de modo que mal conseguiam andar. Um deles não podia caminhar. Tinha os pés inflamados e gemia. Muitos passageiros letões que desciam dos trens, davam-lhes comida pois eles mesmos não traziam nada para comer. Nós também lhes demos nossos últimos pedacinhos de açúcar. Vinham de Tiflis, onde, depois da capitulação, viram-se cercados. Muitos adoeceram com malária e morreram.

Assim, mal chegamos à Letônia, já vimos as fisionomias de letões torturados. À tarde recebemos ordens de que teríamos de nos transferir do vagão de carga para um vagão da linha de trens de passageiros entre Moscou-Riga.

Pareceu-nos que era uma atitude, para propaganda política, para que ninguém visse que havíamos chegado em vagões de gado. Ajuntamos nossos pertences e dirigimo-nos para o trem indicado, onde havia um vagão reservado para nós. Quando nos acomodamos ali, sentimo-nos realmente bem. Se o trajeto todo fosse feito daquele jeito, nosso estado de espírito teria sido ainda melhor. Mas não se podia nem pensar em dormir, porque no vagão vizinho viajavam oficiais russos que tocavam acordeão e cantavam. Cedinho partimos de Rezekne. Quase todos os prédios das lindas estações até Riga encontravam-se destruídos, restando apenas montes de ruínas. Em muitos lugares vimos a devastação e as consequências da guerra. A Letônia sofrera novamente os ventos tempestuosos da guerra e diante de nossos olhos descortinavam-se agora as consequências. Na estação de Plavinas vimos um trem com grades, conduzindo prisioneiros, aparentemente à espera de locomotiva. Novo holocausto humano, pessoas infelizes que aguardavam o caminho do sacrifício até os acampamentos da Sibéria. Será que nunca teria fim aquela tortura e deportação? Nós já tínhamos passado pela nossa parte, estávamos voltando à Pátria, mas continuavam mandando outros que teriam de passar pelo mesmo. Muitos jamais voltariam. Foi o primeiro quadro que vimos da Letônia, quando acordamos de nossos sonhos.

* * *

Concluindo estas minhas recordações, acrescento algumas palavras do poeta alemão Skälbe. Eu as encontrei guardadas com minha babá:

"Foram muitos os teus mártires,
Minha pequena Pátria."

A maioria de nós pensava com infantilidade que a Letônia seria a mesma, exceto algumas pequenas modificações. Pensávamos que tudo seria como quando a havíamos deixado cinco anos antes.

A 14 de julho de 1946 entramos em nossa capital, Riga. Fomos recebidos por funcionários do orfanato que nos levaram de carro à sauna para sermos desinfetados e, depois, ficamos de quarentena. Haviam passado exatamente cinco anos e um mês, desde 14 de junho de 1941, quando fomos deportados de nossa terra natal e levados para um lugar estranho.

Se eu ainda viver até o dia em que os comunistas forem despojados do seu poder, tentarei me vingar, eu juro. Eu gostaria de poder torturá-los, atormentá-los, matá-los. Gostaria de vingar nossos sofrimentos, humilhações, nossa vida desperdiçada, a morte de minha mãe e minha avó, nossa saúde, os anos preciosos de nossa juventude passados nas taigas, as muitas vidas inocentes

que foram torturadas até à morte, na sombria terra da Sibéria. Mas chega de recordar o ano de 1941, porque o sangue de todos os mortos clama por vingança.

E a vingança terá de vir, mais cedo ou mais tarde. Relendo e me aprofundando nestas recordações da Sibéria, sinto-me tomada de um indizível ódio contra os nossos torturadores — aqueles carrascos, e tremo de sede de vingança. Assim deve sentir-se cada letão que tenha ainda no peito a chama do patriotismo. Que a hora da vingança não tarde a chegar!

Estou escrevendo a 13 de outubro de 1950 — o dia em que quiseram levar-me novamente de volta à Sibéria. Se tiver a felicidade de ficar na minha terra natal, jamais me esquecerei deste 13 de outubro. Ficará em minhas lembranças, marcado a fogo, na minha luta contra o comunismo. Mas se realmente eu for levada, gostaria que estas minhas recordações fossem lidas por muitos. Gostaria que ficassem como prova para todos aqueles que estiverem dispostos a começar aquela luta que eu imaginei e desejei.

* * *

O que aconteceu com minha filha Ruta, depois de sua chegada à Letônia, contarei eu, seu pai. Suas recordações copiei-as ao pé da letra, apenas excluindo alguns trechos onde somente descrevera a natureza, cidades e observações que fez na Sibéria. Acho que o principal é levar ao conhecimento dos amigos e patrícios no estrangeiro, que se encontram vivos e salvos porque conseguiram fugir, as torturas que nos foram impostas.

Conforme as recordações de Ruta, os órfãos voltaram da Sibéria no mês de julho de 1946: Eu ainda me encontrava em Karélia, no campo de trabalho forçado de Medvezgorsky. No outono daquele mesmo ano fui mandado a reconstruir a serraria e me prometeram que, terminada a reconstrução, seria enviado para casa. Eu me correspondia com Ruta o tempo todo e sabia que ela com as duas irmãs encontravam-se na Letônia. Dzidra estava no Sanatório de Bikerniek. Maya, na casa do Pastor B. e esposa, frequentando a escola de Bikerniek, onde a Sra. B. lecionava (junto com os alunos tuberculosos). Ruta encontrava-se na casa de campo de meu primo, no distrito de Cesis. (Meu primo também esteve no campo de concentração perto de Moscou, nas minas de carvão.) Terminei a reconstrução da serraria em fins de outubro e, realmente, eu e minha brigada recebemos licença de voltar à pátria. Achei que retornar à Riga seria arriscado, por isso fui ao encontro de Ruta (nas ilhas de Marsnen). O trem chegou na estação de Lode mais ou menos às cinco horas e eu me dirigi para a casa de meu primo. Chegando lá, entrei na cozinha, onde minha prima Austra fazia alguma coisa. A primeira impressão que tive foi boa.

Depois de algum tempo, coloquei minha vida em ordem, adquiri algumas roupas e fui à Riga para visitar Dzidra no sanatório, e Maya na escola rural. Encontrei Dzidra mas achei-a menor do que esperava. Depois, nós dois fomos até a escola à procura de Maya. Chamaram-na. Achei-a gordinha, mas de baixa estatura. Depois do reencontro com minhas filhas, procurei emprego. Após algumas provas consegui trabalho em um complexo industrial de Bauska, onde logo também consegui um apartamento. Trouxe Ruta e Dzidra para ficarem comigo. Ruta trabalhava no escritório do complexo, mas Dzidra tomava conta da casa, indo periodicamente à Riga, para tratamento dos pulmões. Maya ficou na casa de sua mãe adotiva, a Sra. B., mas passava o verão conosco em Bauska.

Assim, de 1947 até 1951 vivemos em paz. Ruta trabalhava durante o dia e estudava à noite, porém, no outono de 1949, ela começou a sofrer as consequências da pleurite mal tratada na Sibéria. Apareceram os primeiros sinais de tuberculose e precisou ficar dois meses no sanatório. Não permitiram que ficasse mais tempo, porque precisavam de vagas para os russos que não tinham seu próprio sanatório. Passou o verão no sanatório de Berzone e, depois, voltou para casa, continuando o tratamento no hospital de Bauska.

Nessa época começaram a reunir os órfãos que tinham vindo da Sibéria para levá-los de volta. Num dia qualquer de outubro de 1950, homens da polícia secreta entraram no apartamento e quiseram levá-la. Ruta agarrou um par de tesouras e atacou um deles. O outro colocou-se diante do machado que se encontrava num dos cantos. Mais tarde Ruta contou que se ela tivesse pegado o machado teria partido a cabeça de um deles. Mas conseguiram desarmá-la. Quando voltei, contaram-me que foram agredidos por minha filha e que nós dois os acompanhássemos. Ruta declarou em altas vozes que não iria a lugar nenhum. Pensando melhor, decidiram entregar o caso aos seus superiores e foram embora. Após algumas semanas fui convocado a comparecer ao escritório da Tcheka em Bauska. Perguntaram-me porque me encontrava ali, se fora deportado para a Sibéria. Contei que não estivera na Sibéria, mas na Karélia. Então disseram que eu tinha fugido da Sibéria para a Karélia, pois eles tinham um "documento", cujo conteúdo leram. Um tal tenente Nicolau declarava que, a 14 de junho de 1941, eu fora preso e deportado para a Sibéria. O funcionário, confuso, foi falar com seus superiores. Dali a pouco voltou, e se desculpou por ter-me perturbado. Estava claro que entraria em contato com Riga e que, recebendo a resposta, teríamos de fazer a viagem de volta à Sibéria.

E foi o que aconteceu. Depois de algumas semanas, a 21 de janeiro, eu e minhas duas filhas fomos enviados a uma prisão temporária em Riga. Ali aguardava-nos Maya. Assim começou nossa difícil jornada até a Sibéria. Para

Ruta foi fatal pois precisou interromper seu tratamento. A viagem até Tomsy levou quatro semanas. O vagão dos prisioneiros chamado "Stolipina", que comportava no máximo doze pessoas, chegava a transportar até trinta.

A maior de todas as prisões de trânsito ficava em Moscou, pela qual passavam cerca de cinco mil prisioneiros diariamente. Em todas as prisões, primeiro passava-se por um exame, depois a sauna. Era bom quando, depois da sauna, as pessoas eram levadas para algum recinto aquecido. Conseguimos levar conosco nossos pertences mais necessários, os quais era preciso ter sempre junto. Por toda parte havia olhos ávidos e qualquer distração custava caro. Quando tínhamos sorte, não ficávamos em celas junto com ladrões, mas minhas filhas tiveram de ficar muitas vezes com ladras.

Na prisão de Tomsy, embora a construção fosse velha e ruim e as celas não tivessem nenhuma higiene, ao menos não era preciso ficar junto com ladrões. Após algum tempo, mais ou menos três semanas, mandaram-nos para outro local, cerca de cinquenta quilômetros de Tomsy e dali para Koryukin, onde trabalhamos no preparo de material de embalagem.

O estado de Ruta piorou visivelmente. Não havia nenhuma assistência médica nas proximidades. Só um ambulatório com uma enfermeira, cerca de vinte e sete quilômetros dali. No inverno só se podia vencer o trajeto a pé ou de trenó e Ruta não aguentaria.

Na primavera, quando começaram a chegar os caminhões para buscar o material fabricado, Ruta pôde visitar a enfermeira que lhe disse que teria de ir a Tomsy, mas como?

Nos meados de maio levaram-nos de volta a Tomsy e fizeram-nos pagar as passagens com o nosso próprio dinheiro! De Tomsy fomos de navio até Kolpachev, onde minha filha já estivera antes. Em Kolpachev havia um hospital regular para tratamento de tuberculosos e ali internaram Ruta.

Os hospitais da Sibéria não são o que nós entendemos por hospital. Naquele tempo, no ano de 1951, a União Soviética não tinha tratamento médico algum para os doentes de tuberculose. Quando começou a aparecer a estreptomicina, só os membros do partido a recebiam.

No espaço de dois anos Ruta foi hospitalizada diversas vezes.

A alimentação era ruim e sempre a mesma. As Sras. Z. e B. mandaram-nos de Riga diversos medicamentos para a tuberculose, alguns vindos da América, que ao menos mantinham minha filha com vida. Ela contava que tinha a impressão de que dos doentes que não eram membros do partido, que conhecera no hospital, nenhum mais vivia.

Eu fui novamente preso em 1953. Maya ficou doente com nefrite e Dzidra, inválida, tornou-se a única responsável pelo sustento da família. O comandante deu licença para que fosse trabalhar na associação dos inválidos, costurando e ganhando duzentos e vinte rublos (antigos) por mês. A alimentação piorou e com isso também a saúde de Ruta.

Quando em 1956 voltei do campo de trabalho forçado, Ruta estava bem mais magra e não conseguia caminhar além de meio quilômetro. Não muito longe de casa morava uma enfermeira estoniana, que lhe aplicava injeções. Eu levava Ruta até lá de trenó. Nossos amigos mandaram-nos um novo medicamento da América, além de outros, que aplicados estabilizavam o processo da enfermidade. Recebemos muitos medicamentos, mas com eles não vieram as bulas, indicando como deveriam ser usados. Os médicos russos não sabiam como aplicá-los e por isso ficaram sem uso, embora talvez tivessem sido bastante eficazes.

A volta à terra natal, na primavera de 1956, foi insuportável. Quando chegamos à Riga, Ruta foi imediatamente internada, com a ajuda do Dr. B. Tínhamos esperanças de que o Dr. B. conseguisse melhorar a saúde dela. Durante algum tempo assim pareceu, mas então chegou o diretor do hospital, mandando que Ruta fosse transferida para uma outra ala, onde se encontravam os casos mais sérios. A própria mudança, em pleno inverno, quando Ruta com quarenta graus de temperatura precisou, ela mesma, transportar suas coisas, piorou ainda mais a situação. A médica responsável pela seção, que era comunista, conseguiu convencê-la de que os medicamentos americanos não eram grande coisa, na opinião da médica, considerando que Ruta há algum tempo usava o PAS estrangeiro e outros medicamentos, seu organismo não estava mais reagindo aos mesmos. Disse ser aconselhável interromper aquele tratamento. Ruta concordou. Com a interrupção, a tuberculose espalhou-se rapidamente pelos dois pulmões e, a 23 de abril de 1957, Ruta faleceu.

Mais uma vida que se juntou às sombras queridas dos mártires que morreram, uma vida que teve de trilhar o longo trajeto das outras e depois morrer, embora fosse tão grande a sua vontade de viver.

GLOSSÁRIO

Artel: Associação formada de pessoas da mesma profissão com distribuição de trabalho, responsabilidades e lucros, de acordo com resoluções tomadas anteriormente. (cooperativa)

"Babushka": Avó (russo)

| | |
|---------------------|--|
| "Balavanks": | Esquis (russo) |
| Bessarábios: | Habitantes da Bessarábia (União Soviética) |
| Braga: | Bebida alcoólica caseira |
| "Dill": | Aneto — erva semelhante à erva-doce, como aromatizante em sopas, conservas etc. |
| "Fufaika": | Tipo de casaco acolchoado (russo) |
| "Galerts": | Gelatina de carne (russo) |
| "Gruzchiks": | Carregadores (russo) |
| Horda: | Tribo nômade |
| "Kaltushka": | Bastão de madeira (russo) |
| "Kazatehok": | Dança típica russa (russo) |
| "Khan": | Titulo atribuído ao chefe, figura principal das tribos mongólicas, tártaras ou turcas, que sucederam Gengis Khan |
| "Kolba": | Planta comestível com sabor de alho, usada para fins medicinais (russo) |
| "Kolkhoz": | Fazendas do governo, onde o trabalho braçal é feito sem remuneração (russo) |
| "Krinka": | Caneca (russo) |
| "Lepyoshkas": | Panquecas russas (russo) |
| "Morsa": | Bebida feita de frutos silvestres e sacarina (russo) |
| "Moshkas": | Mosquitos pequeninos, mais conhecidos como borrachudos (russo) |
| "NKVD": | Uma das designações posteriores da Tcheka (Polícia Secreta) |
| "Natchalnhis": | Funcionários políticos da União Soviética (russo) |
| "Navednhis": | Barcaça (russo) |
| "Pirags": | Pãezinhos recheados de toucinho defumado (leto) |
| "Proso": | Painço (cereal cultivado na Rússia semelhante a um grão de milho miúdo) (russo) |
| "Pud": | Medida russa de peso equivalente a 16,38 kg (russo) |
| "Rublo": | Moeda russa |
| Solstício de Verão: | Festa folclórica letã comemorada a 24 de junho (festa de S. João) |
| "Sterietu": | Peixe da Sibéria, muito caro, gordo e sem espinhas (russo) |
| Taiga: | Planície com vegetação pobre e rala do norte da Rússia e da Sibéria |
| Tarimba: | Estrado de madeira, rude e desconfortável, comum nos exércitos e postos de guarda, onde dormem os soldados |

"Tebeka": Polícia secreta da URSS (russo)

Tártaros: Habitantes da Tartária (Asia)

Tunguses: Habitantes do norte da Sibéria

"Vetcherinka": Festa (Russo)

"Voskrenhiks": Trabalho voluntário, sem remuneração (russo)

"Voyentorg": Administração de Compras e Vendas do Exército (russo)

"Zelotucha": Escrofulose (enfermidade que se observa nos jovens, caracterizada por falta de resistência, predisposição à tuberculose, eczema, tumores purulentos, catarral respiratórios etc... (russo)